

**INVENTÁRIO
DOS JARDINS DE
BURLE
MARX
NO RECIFE**

(Jardins Públicos) Volume I

**Ana Rita Sá Carneiro
Joelmir Marques da Silva**
ORGANIZADORES

**INVENTÁRIO
DOS JARDINS DE
BURLE
MARX
NO RECIFE**

(Jardins Públicos) **Volume I**

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

162 Inventário dos Jardins de Burle Marx no Recife [recurso eletrônico] / organizadores : Ana Rita Sá Carneiro, Joelmir Marques da Silva. – Recife : Editora UFPE, 2017.

Inclui referências.
ISBN 978-85-415-0799-8 (online)

1. Marx, Roberto Burle, 1909-1994. 2. Arquitetura paisagística – Recife (PE). 3. Jardinagem paisagística – Recife (PE). 4. Jardins – Projetos – Recife (PE). I. Carneiro, Ana Rita de Sá (Org.). II. Silva, Joelmir Marques da (Org.).

712 CDD (23.ed.) UFPE (BC2016-061)

Todos os direitos reservados aos organizadores: *Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.*

Organizadores
Ana Rita Sá Carneiro
Joelmir Marques da Silva

**INVENTÁRIO
DOS JARDINS DE
BURLE
MARX
NO RECIFE**
(Jardins Públicos) **Volume I**

Recife, 2017



ORGANIZADORES

Ana Rita Sá Carneiro
Joelmir Marques da Silva

Equipe Técnica**1ª FASE (2006 a 2008)****PESQUISADORES DO LABORATÓRIO DA PAISAGEM DO DAU/UFPE**

Aline de Figueirôa Silva
Fátima Mafra
Roxana Cardoso Barreto

ESTAGIÁRIOS DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UFPE

Ana Carolina Previatello da Silva
Eliábi Antas Marques Cordeiro
Maria Rafaela Araújo de Moraes Andrade
Mirela Carina Duarte
Thais Henriques Rodrigues Lucena

ESTAGIÁRIOS DE BOTÂNICA DA UFPE

Keyla Micheline Miranda da Silva
Narcisa Juliana Holmes Chagas

COLABORAÇÃO

Roberto Gusmão

2ª FASE (2008 a 2012)

PESQUISADORES DO LABORATÓRIO DA PAISAGEM DO DAU/UFPE

Lucia Maria de Siqueira Cavalcanti Veras

Elba de Albuquerque Souto

Jussara Soares Leite

ESTAGIÁRIOS DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UFPE

Ana Carolina Previatello da Silva

Mirela Carina Duarte

Patrícia Carneiro de Menezes

COLABORAÇÃO

Durázio Siqueira

Sobre a Equipe Técnica

ALINE DE FIGUEIRÔA SILVA

Arquiteta e urbanista.

ANA RITA SÁ CARNEIRO

Arquiteta e urbanista, professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) e coordenadora do Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

DURÁZIO SIQUEIRA

Secretário do Meio Ambiente da Prefeitura do Recife (PCR).

ELBA DE ALBUQUERQUE SOUTO

Arquiteta e urbanista, técnica da Prefeitura do Recife (PCR).

FÁTIMA MAFRA

Arquiteta e urbanista.

JOELMIR MARQUES DA SILVA

Biólogo, pesquisador do Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

JUSSARA SOARES LEITE

Administradora, técnica da Prefeitura do Recife (PCR).

LUCIA MARIA DE SIQUEIRA CAVALCANTI VERAS

Arquiteta e urbanista, professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e técnica da Prefeitura do Recife (PCR).

ROBERTO GUSMÃO

Secretário de Serviços Públicos da Prefeitura do Recife (PCR).

ROXANA CARDOSO BARRETO

Pesquisadora do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Introdução

A criação dos jardins do Recife, na década de 1930, pelo paisagista Roberto Burle Marx, representou algo inovador na paisagem brasileira. A partir daí ficou definida uma nova fase do paisagismo no Brasil, fundamentada nos princípios do Movimento Moderno, que priorizava e enaltecia a utilização dos artefatos nacionais, incluindo a vegetação regional e os materiais construtivos.

No período de 1935 a 1937 – quando Burle Marx foi chefe do Setor de Parques e Jardins do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Governo do Estado de Pernambuco –, o paisagista concebeu e reformou vários jardins: a Praça de Casa Forte, a Praça Euclides da Cunha, a Praça do Derby, a Praça da República e o Jardim do Campo das Princesas, entre outros. Também realizou sua primeira expedição investigativa da flora brasileira, no sertão pernambucano, fortemente estimulado pela curiosidade em relação às cactáceas que conheceu no Jardim Botânico de Dahlem, em Berlim, no final da década de 1920. Posteriormente, entre 1957 e 1958, voltou ao Recife, a convite da administração municipal, e projetou a Praça Ministro Salgado Filho (do atual Aeroporto Internacional do Recife/Guararapes - Gilberto Freyre) e a Praça Faria Neves (de Dois Irmãos).

A falta de conservação de alguns desses jardins, ao longo dos anos, tem descaracterizado, de alguma forma, elementos da concepção original. Porém, a partir de 2003, instalou-se uma parceria entre o Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Prefeitura do Recife (PCR) no sentido de recuperar os projetos originais de Burle Marx e preservar a memória da paisagem. Como exemplo, tem-se a restauração da Praça Euclides da Cunha em 2004, executada segundo os procedimentos da Carta de Florença de 1981, formulada pelo Comitê Internacional de Jardins e Sítios Históricos

(ICOMOS/IFLA)¹. Desde então, teve início o inventário com vistas ao tombamento desses seis jardins como patrimônio cultural nacional, uma vez que representam monumentos vivos que guardam peculiaridades artísticas, educativas e botânicas originais. Além da Praça Euclides da Cunha, a Praça Faria Neves foi restaurada em 2006 e, a Praça do Derby, em 2008.

Do conjunto de jardins projetados no Recife até a década de 1990 – que corresponde a 21 jardins públicos e 18 jardins privados, entre projetos completos e pequenas reformas –, foram selecionados seis a serem inventariados. São eles: a Praça de Casa Forte (1935), a Praça Euclides da Cunha (1935), a Praça do Derby (1936), a Praça da República e o Jardim do Campo das Princesas (1936), a Praça Salgado Filho (1957) e a Praça Faria Neves (1958).

O jardim moderno de Burle Marx está apoiado no tripé higiene, educação e arte, no qual a vegetação é o elemento principal. As plantas renovam o ar da paisagem urbana – na sua função higiênica – e também educam quanto à riqueza vegetal brasileira, respondendo a princípios de composição ecológica observados no ecossistema natural. A função artística se efetiva no estabelecimento das relações de ritmo, harmonia, cor, proporção, volume e contraste.

Uma vez tombados como patrimônio cultural nacional, acredita-se que os jardins ficarão protegidos de uma série de ameaças, como, por exemplo, eventuais alterações projetuais, usos incompatíveis com a fragilidade da vegetação, atos de vandalismo e o fenômeno da verticalização urbana, que, em conjunto, podem ocasionar o rompimento da escala, a dilapidação do mobiliário e importantes danos à vegetação. Um exemplo disso foi o impacto ambiental e social ocorrido no entorno da Praça Salgado Filho, em 2002, com a construção do novo Aeroporto Internacional dos Guararapes, através das complexas modificações no sistema viário. Estas não só alteraram a paisagem, no que diz respeito à relação harmoniosa que havia entre a antiga edificação e a praça, como também afastaram os usuários e visitantes desse jardim público.

Por outro lado, grande parte dos profissionais de arquitetura e do planejamento urbano e a população recifense em geral pouco conhecem da relação entre o Recife e esse artista dos jardins de renome internacional, cujo desempenho esteve também atrelado à sua origem pernambucana pelo lado materno.

1 ICOMOS - International Council of Monuments and Sites.
IFLA - International Federation of Landscape Architects.

O *Inventário dos jardins de Burle Marx no Recife* é um passo para a proteção e a conservação dos jardins históricos concebidos pelo paisagista. É um instrumento para o planejamento e a gestão da conservação, que inclui amplo levantamento documental e físico, análise histórica, estudos botânico e social. É também um instrumento pedagógico de investigação profunda sobre as diversas camadas de formação que compõem o jardim a fim de registrar as suas especificidades culturais e seus condicionantes físicos, no propósito de auxiliar, nos âmbitos local e nacional, a conservação de seus atributos (ONOFRE, 2004).

Para elaborar esse inventário foi necessário pesquisar alguns exemplos, como a *Propuesta de inventario y catalogo de paisajes culturales y jardines históricos en México*, obra organizada pelo arquiteto Saúl Alcantara Onofre (2004), que apresenta uma base conceitual sobre jardins e paisagens históricas, as características das paisagens, a classificação dos valores a serem identificados, além da ficha modelo para cada jardim. Outra proposta utilizada como referência foi o *Inventario de espacios verdes de Buenos Aires: bases conceptuales e ficha modelo*, organizado pela historiadora Sonia Berjman (1997), que assinala a necessidade de lei de proteção para os diferentes tipos de jardins históricos como memória que persiste através do tempo, permanências das projeções dos indivíduos e dos grupos sociais.

Desse modo, foram realizados:

- a) Pesquisa histórico-documental: levantamento de fontes iconográficas – planta baixa, gravuras, desenhos de Burle Marx, fotografias, mapas da cidade do Recife – e outros registros históricos;
- b) Inventário florístico histórico (Botânica Histórica);
- c) Inventário florístico a partir do ano de 2006 até 2012;
- d) Reconhecimento dos componentes físicos do jardim no seu estado atual (traçado, mobiliário, elementos aquáticos, equipamentos, construções, infraestrutura);
- e) Comparação entre os componentes atuais e os projetos históricos de diferentes períodos – e, especialmente, entre aqueles e o projeto de Burle Marx;
- f) Comparação entre a composição da vegetação atual e da vegetação tal como concebida por Burle Marx – a partir de desenhos e relatos do paisagista, da planta baixa do projeto original e, também, de projetos de sua autoria que datam da mesma época, referentes a outros jardins do Recife.

A ideia original deste inventário surgiu no Laboratório da Paisagem, sendo a primeira etapa realizada pela sua equipe com a participação do

Laboratório de Sistemática de Fanerógamos, do Departamento de Botânica da UFPE, entre setembro de 2004 e julho de 2008. Na segunda etapa, até o encaminhamento ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) - 5ª Superintendência Regional, em 2008, os trabalhos contaram ainda com a parceria da Prefeitura do Recife, através da Secretaria de Planejamento Participativo, Obras e Desenvolvimento Urbano e Ambiental/Diretoria de Meio Ambiente. A terceira etapa foi revisada por um especialista na área da Botânica do Laboratório da Paisagem/UFPE, em 2010 e 2011.

Entretanto, a parceria entre o Laboratório da Paisagem/UFPE e a Prefeitura do Recife – através da Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (Emlurb) da Secretaria de Serviços Públicos – teve início em 2003, momento das primeiras conversas sobre a necessidade de cuidados especiais para as obras do artista. Desde então, as obras de restauro têm sido acompanhadas por este laboratório junto aos técnicos da Emlurb.

Nesse sentido, o material documental coletado em arquivos foi complementado por fontes secundárias, especialmente livros sobre a história do Recife, história do paisagismo e publicações que tratam da obra do paisagista Roberto Burle Marx. Para a realização do levantamento documental foram visitados os seguintes acervos, arquivos e bibliotecas: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE); Biblioteca Almeida Cunha da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Pernambuco (IPHAN-PE); Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), Museu da Cidade do Recife e Escritório Burle Marx & Cia.

Além de todos os parceiros citados, merecem o nosso especial agradecimento aqueles que facilitaram as pesquisas na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, no Museu da Cidade do Recife, na Fundação Joaquim Nabuco e no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Em especial, os devidos agradecimentos ao Escritório Burle Marx & Cia., no Rio de Janeiro. Todo esse processo vem sendo financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e acompanhado pelo Comitê Internacional de Paisagens Culturais e pela Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas.

No propósito do reconhecimento e conservação dos jardins de Burle Marx, este inventário passa a constituir parte do dossiê que será devidamente concluído pelo IPHAN - 5ª Superintendência Regional – entidade pública que se integra à iniciativa nessa última etapa, para a realização do tombamento. As informações aqui reunidas servirão de base para a identificação dos valores patrimoniais desses jardins – através dos atri-

butos artísticos, históricos, ecológicos e sociais –, objetivando a sua inclusão entre as obras mais significativas do acervo cultural brasileiro.

Este é um esforço, enfim, para preservar a memória e a identidade do Recife e para manter as marcas de um conjunto paisagístico único, capaz de distinguir e destacar a cidade, nesse particular, das demais do Brasil.

Ficha 1: Praça de Casa Forte

1. Identificação

Localização: Av. 17 de Agosto, em frente à Igreja de Casa Forte, no Bairro de Casa Forte

Área: 14.148,47 m²

Projeto de Roberto Burle Marx: 1935

Projeto anterior: 1932 (gestão do prefeito João Pereira Borges)

Outra designação: Praça da Vitória Régia

2. Aspectos históricos

Na área onde hoje se encontra a Praça de Casa Forte, conhecida na década de 1930 como Campina da Casa Forte, de acordo com a Planta da Cidade do Recife e Arredores de 1932, foi executado um projeto de ajardinamento, provavelmente entre 1934 e 1935. O Parque da Campina da Casa Forte, como chamado, apresentava bancos, canteiros, passeios e um grande monumento em pó de pedra, homenagem aos heróis da Insurreição Pernambucana. O local era de propriedade de dona Ana Paes, mulher que se notabilizou, durante o período holandês, pela coragem e liberdade de pensamento, e cujo sítio serviu como um dos últimos redutos da resistência flamenga nos idos de 1645.

No mesmo ano de 1935, Roberto Burle Marx fez o projeto de reforma: o Jardim da Casa Forte – primeiro jardim público de sua carreira no Recife. A obra promoveu a retirada do monumento, por considerá-lo de pouco ou nenhum valor artístico e ainda de gosto duvidoso, o que pode ser verificado na edição de 22 de maio de 1935 do jornal *Diário da Manhã* (A REFORMA..., 1935). Segundo a declaração neste jornal, o paisagista inspirou-se no jardim inglês Kew Gardens e criou jardins aquáticos de teor educativo, tendo como base o tripé que pas-

sou a adotar na concepção das obras executadas no Recife naquela década: higiene, educação e arte. Nesse projeto, o rigor formal e simétrico do jardim remetia aos clássicos europeus, destacando-se a rigidez dos franceses complementada pelo caráter intimista dos italianos, com evidência para os elementos aquáticos. Naquele momento, o paisagista incorporava a essas clássicas relações uma intenção moderna de enaltecimento do repertório botânico nacional, demonstrando que era possível fazer jardins com plantas nativas e não somente exóticas. Era o modernismo que se anunciava. As Figuras 1, 2, 3 e 4 correspondem aos estudos de Roberto Burle Marx.

O Jardim da Casa Forte foi concebido de acordo com o arruamento definido na planta da cidade de 1932, que, inclusive, já destacava a divisão da campina em três partes e a localização da Igreja Matriz de Casa Forte. A partir de formas regulares, Burle Marx definiu um trapézio (para se adaptar ao traçado da Av. 17 de Agosto), um quadrado no centro e um retângulo (limitado pela igreja), que correspondem ao primeiro, segundo e terceiro jardins, respectivamente, como mostra a Figura 1. Em todos, uma marca constante do paisagista: espelhos d'água que formavam cenários de rara beleza. Segundo o artista, os três lagos correspondiam às formas geométricas de maior simplicidade e tinham função educativa e ecológica.

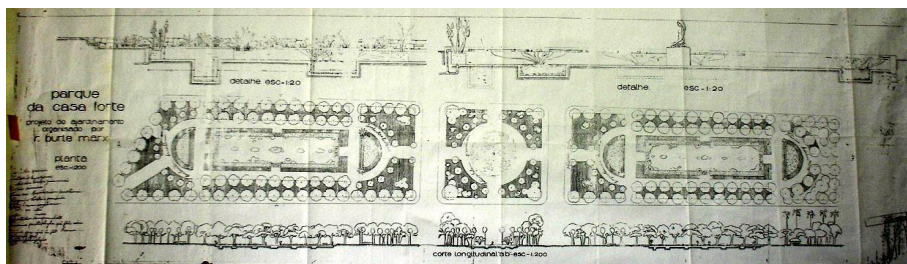
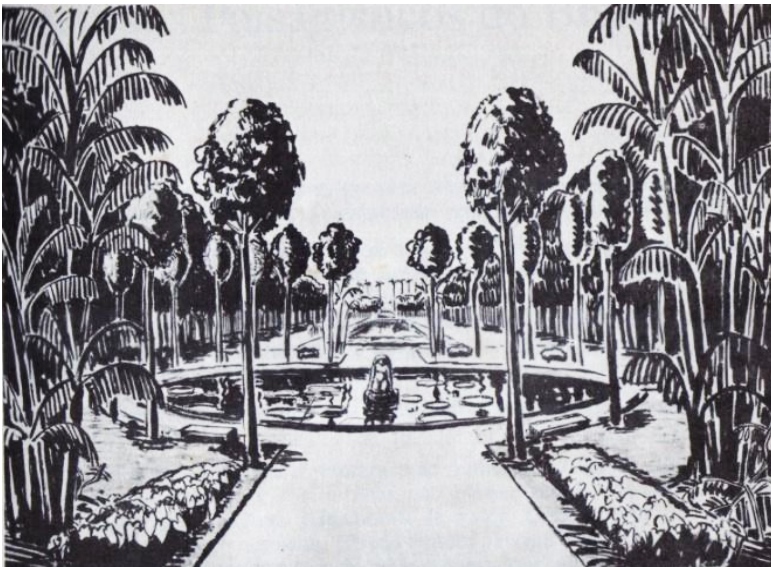
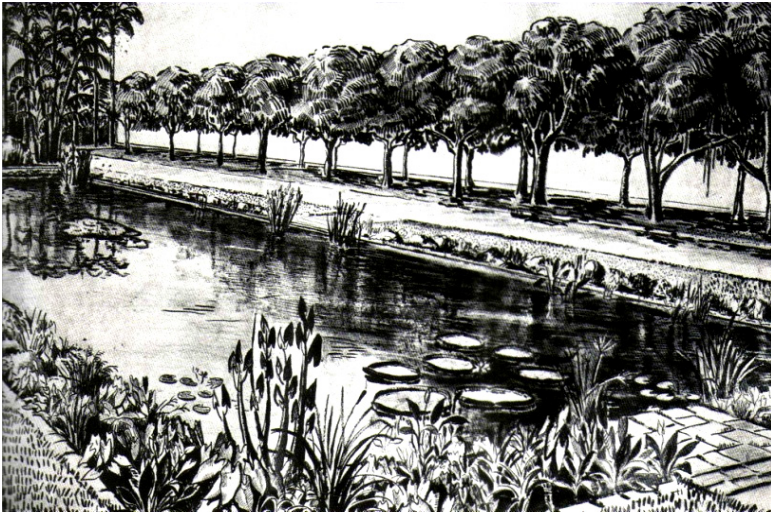


Fig. 1. Projeto de ajardinamento do Parque de Casa Forte, s/d, elaborado por Roberto Burle Marx. Fotografia retirada pela equipe do Laboratório da Paisagem do DAU/UFPE. Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.

O jardim ao redor do primeiro lago, dedicado à vegetação de ampla distribuição fitogeográfica do Brasil (Fig. 2), configurava a exuberância tropical, pela presença de espécies como pau-rei (*Basiloxylon brasiliensis*) e lanterneira (*Lophanthera lactescens*), entre outras. O lago central (Figs. 3 e 5) era o recipiente da flora amazônica e abrigava a escultura de uma índia rodeada de vitórias-régias (*Victoria amazonica*). No seu entorno, paus-mulatos (*Calycophyllum spruceanum*) formavam interessantes colunatas com copas simétricas de grande efeito plástico e

espécies de palmeiras amazônicas foram indicadas para compor os dois eixos. O terceiro jardim com o lago (Fig. 6), próximo à Igreja Matriz de Casa Forte, continha a flora aquática das regiões tropicais de outros continentes, a exemplo do lótus (*Nelumbo nucifera*), oriundo do Rio Nilo, e, no seu entorno, vegetação exótica representada por *flamboyants* (*Delonix regia*), felícios (*Filicium decipiens*) e paus-tecas (*Tectona grandis*). Os espelhos d'água, emoldurados por essa vegetação, ampliavam a abertura para o céu.





Figs. 2 a 4. Desenhos de Burle Marx, estudo para a Praça de Casa Forte.
Fonte: O JARDIM..., *Diário da Manhã*, Recife, 22 mai. 1935. p. 2.



Fig. 5. Praça de Casa Forte, final da década de 1930, vendo-se o lago central com exemplares de vitórias-régias.
Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.



Fig. 6. Praça de Casa Forte em 1938, na qual se evidencia o lago com espécies exóticas. Ao fundo, a Igreja Matriz de Casa Forte e o Colégio Sagrada Família. Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

Neste jardim, denominado Praça de Casa Forte pela municipalidade, o caráter da composição ainda se mantém, embora a escultura da índia nunca tenha sido colocada e, ao longo do tempo, algumas espécies do projeto original tenham sido substituídas. Entretanto, o conjunto da obra evidencia a natureza dos trópicos com suas folhagens exuberantes e coloração intensa.

3. Aspectos da paisagem atual

3.1 Estudo arquitetônico

Traçado:

A Praça de Casa Forte mantém os três lagos do projeto original, o mesmo traçado geométrico com as formas regulares que constituem os três jardins, nos quais se alternam passeios e vegetação em três estratos (arbóreo, arbustivo e herbáceo), no caso dos dois jardins retangulares, e em dois estratos (arbóreo e herbáceo), no caso do jardim circular,

destacando-se um conjunto de paus-reis (*Basiloxylon brasiliensis*), que margeia a via principal (a Av. 17 de Agosto). O traçado mostra a relação da praça com o casario histórico do entorno e com as edificações da Igreja de Casa Forte e do Colégio Sagrada Família (Figs. 7 a 10). Por esse motivo, essa praça é considerada “de profundidade”, na concepção de Camillo Sitte (1992).



Fig. 7. Praça de Casa Forte, 2008. Foto: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.



Fig. 8. Colégio Sagrada Família e Igreja de Casa Forte: conjunto arquitetônico que pontua o final da praça, 2009. Foto: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.



Fig. 9. Vista parcial da Praça de Casa Forte e casario, 2012. Foto: Marcus Prado.



Fig. 10. Vista do jardim da Praça de Casa Forte e casario, 2012. Foto: Marcus Prado.

Mobiliário, infraestrutura e revestimento:

Desde a sua concepção até os tempos atuais, mobiliários vêm sendo introduzidos no espaço, tendo em vista as demandas relativas às segurança e políticas públicas para coleta seletiva de materiais recicláveis, entre outras. Não obstante, o mobiliário, a infraestrutura instalada e o revestimento encontrado atendem satisfatoriamente às necessidades dos usuários.

Mobiliário urbano:

- 42 postes de iluminação de ferro (Fig. 11);
- 22 lixeiras de plástico na cor vermelha (Fig. 12);
- 01 placa de concreto referente à inauguração (Fig. 13);
- Cerca protetora de ferro (Fig. 14);
- 39 bancos de madeira na cor verde (Fig. 15).



Figs. 11 a 15. Mobiliário da Praça de Casa Forte, 2012. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.

Infraestrutura urbana e revestimento:

- Passeios externos: pedra portuguesa (Fig. 16);
- Passeios internos: terra batida (Fig. 17).



Figs. 16 e 17. Revestimento da Praça de Casa Forte, 2012. Foto: Marcus Prado.

3.2 Estudo botânico

Na Praça de Casa Forte, o ponto de partida é a criação de um jardim de plantas aquáticas, distribuídas em três motivos: vegetação de ampla distribuição no território brasileiro, vegetação exclusiva da região amazônica e vegetação exótica. O lago do primeiro jardim, retangular, apresenta maciços de aninga (*Montrichardia linifera*) em canteiros aquáticos centrais, circundados por ninfeias (*Nymphaea caerulea* e *Nymphaea odorata*) com suas folhas e flores flutuantes. Ao redor desse lago, dedicada às espécies brasileiras, foi criada uma cortina de árvores frondosas e longilíneas na borda da Av. 17 de Agosto – constituída de paus-reis (*Basiloxylon brasiliensis*) –, resguardando a praça do burburinho imediato da cidade. Esse sentido de proteção se estende ao resto do perímetro por meio de uma dupla fileira de árvores, composta por espécies como a cássia-grande (*Cassia grandis*) e o sombreiro (*Clitoria fairchildiana*), além da vegetação herbácea, na qual predominam helicônias (*Heliconia rostrata*) e caladium (*Caladium* sp.), situadas à margem desse lago. Essa estratificação anuncia uma ideia de gradação entre interior e exterior, em contraste com os verdes tapetes gramados e com o vermelho dos maciços de cana-da-índia (*Canna indica*) nas extremidades dos passeios em terra batida. São as cores dessas herbáceas que definem volumes na escala do pedestre e proporcionam maior nitidez ao traçado.

O segundo jardim, com um lago circular inserido no desenho de um quadrado, reverencia a vegetação amazônica. Este lago, outrora habitado por vitórias-régias (*Victoria amazonica*), atualmente apresenta apenas as aningas (*Montrichardia linifera*) e as ninfeias (*Nymphaea*

caerulea e *Nymphaea odorata*). Circundando-o, encontram-se indivíduos de pau-mulato (*Calycophyllum spruceanum*) que pontuam o espaço, com caráter de centralidade e importância projetual, além de quatro exemplares de abricó-de-macaco (*Couroupita guianensis*), os quais limitam as quatro quinas do jardim. A força da vegetação da Amazônia ressalta a importância deste jardim central e simétrico, que associa volume, textura e localização.

Já o terceiro, composto de espécies exóticas, apresenta afinidade com a flora autóctone dos demais, o que justifica sua introdução neste jardim moderno brasileiro. No lago, retangular como no primeiro jardim, encontram-se as aningas (*Montrichardia linifera*), no lugar onde antes eram cultivados os lotús (*Nelumbo nucifera*) e ninfeias (*Nymphaea caerulea* e *Nymphaea odorata*). As espécies arbóreas utilizadas foram os felício (*Filicium decipiens*) e rosedá (*Lagerstroemia speciosa*), entre outras. De modo semelhante ao primeiro jardim, as plantas foram arranjadas segundo o padrão natural de inter-relações das espécies, de forma a emoldurar este lago. Neste cordão de borda, como contraponto à outra extremidade da praça, as palmeiras se destacam, principalmente porque remetem à escala da igreja, numa sutil reverência ao e valorização do monumento religioso.

Em cada jardim, claramente se percebe a intenção do paisagista, revelando-se, através do olhar sobre o conjunto, a relação de complementaridade entre eles e deles com o entorno. O perfil esquemático abaixo (Fig. 18) ressalta essa compreensão, ao destacar as relações que o paisagista estabeleceu com a Av. 17 de Agosto. Da extremidade do primeiro jardim, destaca-se a imponência de um enquadramento vertical para, em seguida, se chegar ao vazio – do lago central – no segundo jardim, e, por fim, à evidente relação entre a torre da igreja e a copa das palmeiras, já no terceiro jardim. Traçado e vegetação se complementam para dar vazão a um espírito criador, que considerou, também, a inserção da praça na cidade que encontrou.



Fig. 18. Perfil longitudinal interpretativo da Praça de Casa Forte: a vegetação e suas relações internas e externas de valorização estética e de melhoria ambiental, 2009.

Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

3.2.1 Projeto de ajardinamento de Burle Marx para a Praça de Casa Forte

As espécies arbóreas registradas em planta baixa por Burle Marx no projeto de ajardinamento encontram-se na Tabela 1. Na Tabela 2 são discriminadas as espécies, compiladas a partir de uma entrevista no jornal *Diário da Tarde*, de 22 de maio de 1935 (O JARDIM...), dada pelo paisagista.

Tabela 1. Especificação manuscrita das espécies arbóreas que constam em planta baixa do Projeto de Ajardinamento do Parque da Casa Forte, por Roberto Burle Marx.

Especificação por Burle Marx	Nome científico atualizado	Nome popular	Família
<i>Chorisia speciosa</i>	<i>Ceiba speciosa</i>	Paineira	Bombacaceae
<i>Ventosa do amazonas</i>	<i>Hernandia sonora</i>	Ventosa-do-amazonas	Hernandiaceae
<i>Carapa guianensis</i>	*	Andiroba	Meliaceae
<i>Cassia siamea</i>	<i>Senna siamea</i>	Cássia-amarela	Caesalpiniaceae
<i>Basiloxylon brasiliensis</i>	*	Pau-rei	Sterculiaceae
<i>Parkia pendula</i>	*	Visgueiro	Caesalpiniaceae
<i>Peltophorum vogelianum</i>	<i>Peltophorum dubium</i>	Farinha-seca	Caesalpiniaceae
<i>Cassia grandis</i>	*	Cássia-grande	Caesalpiniaceae
<i>Clitoria racemosa</i>	<i>Clitoria fairchildiana</i>	Sombreiro	Fabaceae
<i>Spathodea campanulata</i>	*	Espatódea	Bignoniaceae
<i>Tecoma pentaphylla</i> – ipê da flôr Rôxa	<i>Tabebuia heterophylla</i>	Ipê-roxo	Bignoniaceae
<i>Zeyheria</i> sp. – ipê da flôr branca	<i>Zeyheria</i> sp.	Ipê-branco	Bignoniaceae
<i>Hymenae</i> sp.	<i>Hymenaea</i> sp.	Jatobá	Caesalpiniaceae
<i>Cassia ferruginea</i>	*	Chuva-de-ouro	Caesalpiniaceae
<i>Filicium decipiens</i>	*	Felício	Sapindaceae
<i>Schizolobium excelsum</i>	<i>Schizolobium parahyba</i>	Guapuruvú	Caesalpiniaceae
<i>Lophanthera lactescens</i>	*	Lanterneira	Malpighiaceae
<i>Lagerstroemia indica</i>	*	Rosedá	Lythraceae
<i>Calycophyllum spruceanum</i>	*	Pau-mulato	Rubiaceae

(*) Espécies que não sofreram atualização de nomenclatura.

Tabela 2. Especificação da vegetação da Praça de Casa Forte descrita por Burle Marx em entrevista concedida ao *Diário da Tarde*, de 22 de maio de 1935.

	Estrato	Especificação por Burle Marx	Nome científico atualizado	Nome popular	Família
Plantas de ampla distribuição fitogeográfica no Brasil (1º jardim) Av. 17 de Agosto	Herbácea Aquática	<i>Aningas</i>	<i>Montrichardia linifera</i>	Aninga	Araceae
	Herbáceo	<i>Gramíneas</i>	-	Grama	Poaceae
		<i>Tajás do Amazonas</i>	<i>Caladium</i> sp.	Caládio	Araceae
	Arbóreo	<i>Canna fistula</i>	<i>Peltophorum dubium</i>	Cana-fistula	Fabaceae
		<i>Mulungu</i>	<i>Erythrina velutina</i>	Mulungu	Bignoniaceae
		<i>Jatahyrama</i>	<i>Cynometra bauhiniifolia</i>	Jutairana	Caesalpinaceae
		<i>Ipê</i>	<i>Tabebuia</i> sp.	Ipê	Bignoniaceae
<i>Munguba</i>		<i>Pachira aquatica</i>	Carolina	Bombacaceae	
Plantas da região fitogeográfica da Amazônia (2º jardim) Jardim Central	Herbáceo	<i>Tinhorões</i>	<i>Caladium bicolor</i>	Caládio	Araceae
	Arbóreo	<i>Páos-Mulato</i>	<i>Calycophyllum spruceabum</i>	Pau-mulato	Rubiaceae
	Palmeira de médio porte	<i>Mumbacas</i>	<i>Astrocaryum gynacanthum</i>	Mumbaca	Arecaceae
		<i>Jouarys</i>	<i>Astrocaryum jauari</i>	Jauari	Arecaceae
		<i>Assahys</i>	<i>Euterpe edulis</i>	Açaí	Arecaceae
		<i>Urucuryys</i>	<i>Syagrus coronata</i>	Urucuri	Arecaceae
		<i>Scheellias</i>	-	-	-
Palmeira de grande porte	<i>Bacabas</i>	<i>Oenocarpus bacaba</i>	Bacaba	Arecaceae	
Plantas exóticas (3º jardim) Jardim da Igreja de Casa Forte	Herbácea aquática	<i>Cyperus Papyrus</i>	<i>Cyperus papyrus</i>	Papiro	Cyperaceae
		<i>Loctus</i>	<i>Nelumbo nucifera</i>	Lótus	Nymphaeaceae
	Herbácea terrestre	<i>Canna Indica</i>	<i>Canna indica</i>	Cana-da-indica	Cannaceae
		<i>Crinum powell</i>	<i>Crinum x powellii</i>	Crinum-powell	Liliaceae
		<i>Musaceaes</i>	-	-	Musaceae
		<i>Strelitzia</i>	<i>Strelitzia</i> sp.	Estrelitzia	Strelitziaceae
		<i>Salla aethiopica</i>	<i>Zantedeschia aethiopica</i>	Copo-de-leite	Araceae
		<i>Lympheas zamzibarienses</i>	<i>Nymphaea zanzibariensis</i>	Ninfeia	Nymphaeaceae
	Arbóreo	<i>Flamboyants</i>	<i>Delonix regia</i>	<i>Flamboyant</i>	Caesalpinaceae

3.2.2 Inventário florístico

A vegetação da Praça de Casa Forte foi inventariada em dois momentos (Tabela 3). O primeiro inventário foi realizado em 2007 pela equipe do Laboratório de Sistemática de Fanerógamos do Departamento de Botânica da UFPE; o segundo, pela equipe do Laboratório da Paisagem, da mesma universidade, no ano de 2012. As espécies arbóreas e palmeiras foram quantificadas e plotadas em plantas baixas (Fig. 19), o que não foi feito para as herbáceas – aquáticas e terrestres – por se tratarem de maciços.

Foram encontradas 40 espécies, dentre as quais destacam-se o felício (*Filicium decipiens*), com 32 indivíduos; o flamboyant (*Delonix regia*), com 15, e o pau-mulato (*Calycophyllum spruceanum*), com 9. Até o ano de 2011, havia um único registro para o porte arbustivo, o pau-d'arquinho (*Tecoma stans*). Entre as herbáceas aquáticas e terrestres, as mais representativas são as ninfeia (*Nymphaea caerulea* e *Nymphaea odorata*) e a aninga (*Montrichardia linifera*).

Entre as herbáceas terrestres, encontram-se várias espécies bastante conhecidas pelos seus valores ornamentais, tais como: cana-da-índia (*Canna indica*), bastão-do-panamá (*Alpinia purpurata*) e helicônia (*Heliconia rostrata*). No local também foram observadas três espécies de palmeiras: a macaibeira (*Acrocomia intumescens*), a palmeira-sabal (*Sabal palmetto*) e a palmeira-rabo-de-peixe (*Caryota mitis*).

Tabela 3. Composição florística da Praça de Casa Forte, 2012.

Estrato	Nº.	Nome científico	Nome popular	Família	Quant.
Herbácea aquática	-	<i>Cabomba aquatica</i> Aubl.	Cabomba	Cabombaceae	-
	-	<i>Montrichardia linifera</i> (Arruda) Schott	Aninga	Araceae	-
	-	<i>Nymphaea caerulea</i> Savigny	Ninfeia-roxa	Nymphaeaceae	-
	-	<i>Nymphaea odorata</i> Aiton	Ninfeia-branca	Nymphaeaceae	-
	*	<i>Typha dominguenis</i> Pers.	Taboa	Typhaceae	-
Herbácea terrestre	-	<i>Victoria amazonica</i> (Poepp.) J.C. Sowerby	Vitória-régia	Nymphaeaceae	-
	-	<i>Canna indica</i> L.	Cana-da-índia	Cannaceae	-
	-	<i>Canna × generalis</i> L.H. Bailey & E.Z. Bailey	Cana-da-índia	Cannaceae	-
	-	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K. Schum.	Bastão-do-panamá-vermelho	Zingiberaceae	-
	-	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K. Schum.	Bastão-do-panamá-rosa	Zingiberaceae	-
	-	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.	Colônia	Zingiberaceae	-
	-	<i>Etingera elatior</i> (Jack) R.M. Sm.	Bastão-do-imperador	Zingiberaceae	-
Arbustivo	-	<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.	Paquevira	Heliconiaceae	-
	-	<i>Heliconia rostrata</i> Ruiz & Pav.	Helicônia	Heliconiaceae	-
*	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	Pau-d'arquinho	Bignoniaceae	01	
Árboreo	1	<i>Basiloxylon brasiliensis</i> (Allemão) K. Schum.	Pau-rei	Sterculiaceae	07
	4	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae	04
	*	<i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>leiostachya</i> Benth.	Pau-ferro	Caesalpiniaceae	-
	6	<i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth.	Sibipiruna	Caesalpiniaceae	10
	15	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook.f. ex K. Schum.	Pau-mulato	Rubiaceae	09
	11	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	Meliaceae	01
	5	<i>Cassia grandis</i> L. f.	Cássia-grande	Caesalpiniaceae	10
	3	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A. Howard	Sombreiro	Fabaceae	05
	14	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Abriçó-de-macaco	Lecythidaceae	04
	13	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Flamboyant	Caesalpiniaceae	15
	12	<i>Ficus dendrocarpa</i> Kunth	Ficus	Moraceae	01
	2	<i>Filicium decipiens</i> (Wight & Arn.) Thwaites	Felicio	Sapindaceae	32
	16	<i>Lagerstroemia speciosa</i> (L.) Pers.	Rosedá	Lythraceae	09
	17	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae	01
	*	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	Carolina	Bombacaceae	-
	10	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	Abiu	Sapotaceae	03
	23	<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch	Carne-de-vaca	Proteaceae	01
	*	<i>Senna siamea</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby	Cássia-amarela	Caesalpiniaceae	-
19	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambeiro	Myrtaceae	01	
9	<i>Swartzia</i> sp.	Sucupira	Caesalpiniaceae	01	
7	<i>Tabebuia caraiba</i>	Craibeira	Bignoniaceae	03	
8	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	Ipê-roxo	Bignoniaceae	04	
18	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Caesalpiniaceae	01	
Palmeira de médio porte	21	<i>Caryota mitis</i> Lour.	Palmeira-rabo-de-peixe	Arecaceae	01
Palmeira de grande porte	20	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Macaibeira	Arecaceae	02
	22	<i>Sabal palmetto</i> (Walter) Lodd. Ex Schult. & Schult. f.	Palmeira-sabal	Arecaceae	04

(*) Por ocasião da segunda etapa do inventário, realizada em 2012, constatou-se que a espécie não mais existe no local



Fig. 19. Distribuição espacial da vegetação da Praça de Casa Forte em 2012.
Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

Para discriminar as espécies vegetais de cada jardim da praça, a Tabela 4 foi subdividida em três outras.

O primeiro jardim, próximo à Av. 17 de Agosto, apresenta 30 espécies, como pode ser observado na Tabela 4. Entre estas espécies estão a aninga (*Montrichardia linifera*), a ninfeia (*Nymphaea odorata*), o pau-rei (*Basiloxylon brasiliensis*) e o sombreiro (*Clitoria fairchildiana*).

Tabela 4. Especificação da vegetação presente no primeiro jardim, 2012.

Estrato	Nome científico	Nome popular	Família
Herbácea aquática	<i>Montrichardia linifera</i> (Arruda) Schott	Aninga	Araceae
	<i>Nymphaea caerulea</i> Savigny	Ninfeia-roxa	Nymphaeaceae
	<i>Nymphaea odorata</i> Aiton	Ninfeia-branca	Nymphaeaceae
	<i>Typha domingensis</i> Pers.	Taboa	Typhaceae
	<i>Victoria amazonica</i> (Poepp.) J.C. Sowerby*	Vitória-régia	Nymphaeaceae
Herbácea terrestre	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K. Schum	Bastão-do-panamá-vermelho	Zingiberaceae
	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K. Schum.	Bastão-do-panamá-rosa	Zingiberaceae
	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M.Sm.	Colônia	Zingiberaceae
	<i>Canna × generalis</i> L.H. Bailey & E.Z. Bailey	Bananeirinha-de-jardim	Cannaceae
	<i>Canna indica</i> L.	Cana-da-índia	Cannaceae
	<i>Etilingera elatior</i> (Jack) R.M. Sm.	Bastão-do-imperador	Zingiberaceae
	<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.	Paquevira	Heliconiaceae
	<i>Heliconia rostrata</i> Ruiz & Pav.	Helicônia	Heliconiaceae
Arbustivo	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth*	Pau-d'arquinho	Bignoniaceae
Arbóreo	<i>Basiloxylon brasiliensis</i> (Allemão) K. Schum.	Pau-rei	Sterculiaceae
	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-Brasil	Caesalpinaceae
	<i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth.	Sibipiruna	Caesalpinaceae
	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	Meliaceae
	<i>Cassia grandis</i> L. f.	Cássia-grande	Caesalpinaceae
	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A. Howard	Sombreiro	Fabaceae
	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Flamboyant	Caesalpinaceae
	<i>Swartzia</i> sp.	Sucupira	Caesalpinaceae
	<i>Filicium decipiens</i> (Wight & Arn.) Thwaites	Felício	Sapindaceae
	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	Carolina	Bombacaceae
	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.*	Abiu	Sapotaceae
	<i>Tabebuia caraiba</i>	Craibeira	Bignoniaceae
	<i>Senna siamea</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby*	Cássia-amarela	Caesalpinaceae
<i>Tabebuia impetiginosa</i>	Ipê-roxo	Bignoniaceae	
Palmeira de médio porte	<i>Caryota mitis</i> Lour.	Palmeira-rabo-de-peixe	Arecaceae
Palmeira de grande porte	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Macaibeira	Arecaceae
	<i>Sabal palmetto</i> (Walter) Lodd. ex Schult. & Schult. f.	Palmeira-sabal	Arecaceae

(*) Por ocasião da segunda etapa do inventário, realizada em 2012, constatou-se que a espécie não mais existe no local.

O jardim central possui apenas 6 espécies (Tabela 5), entre as quais se destacam a aninga (*Montrichardia linifera*), compondo o ambiente aquático, o pau-mulato (*Calycophyllum spruceanum*) e o abricó-de-macaco (*Couroupita guianensis*).

Tabela 5. Especificação da vegetação presente no segundo jardim, 2012.

Estrato	Nome científico	Nome popular	Família
Herbácea aquática	<i>Nymphaea caerulea</i> Savigny	Ninfeia-roxa	Nymphaeaceae
	<i>Montrichardia linifera</i> (Arruda) Schott	Aninga	Araceae
Arbóreo	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook. f. ex K. Schum.	Pau-mulato	Rubiaceae
	<i>Cassia grandis</i> L. f.	Cássia-grande	Caesalpinaceae
	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Abricó-de-macaco	Lecythidaceae
	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Flamboyant	Caesalpinaceae

O terceiro jardim, originalmente proposto para abrigar plantas exóticas, apresenta 20 espécies (Tabela 6). No entanto, também se encontram espécimes, por exemplo, de pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), carne-de-vaca (*Roupala brasiliensis*) e sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), espécies representantes da flora brasileira. Plantas como as ninfeias (*Nymphaea caerulea*), bastão-do-panamá (*Alpinia purpurata*), felício (*Filicium decipiens*) e o flamboyant (*Delonix regia*) destacam-se das demais por terem sido indicadas por Burle Marx para compor o jardim.

Tabela 6. Especificação da vegetação presente no terceiro jardim, 2012.

Estrato	Nome científico	Nome popular	Família
Herbácea aquática	<i>Cabomba aquatica</i> Aubl.	Cabomba	Cabombaceae
	<i>Montrichardia linifera</i> (Arruda) Schott	Aninga	Araceae
	<i>Nymphaea odorata</i> Aiton	Ninfeia-branca	Nymphaeaceae
	<i>Typha dominguensis</i> Pers.	Taboa	Typhaceae
Herbácea terrestre	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K. Schum.	Bastão-do-panamá-rosa	Zingiberaceae
	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm.	Colônia	Zingiberaceae
	<i>Canna indica</i> L.	Cana-da-índia	Cannaceae
Arbóreo	<i>Heliconia rostrata</i> Ruiz & Pav.	Helicônia	Heliconiaceae
	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpinaceae
	<i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>leiostachya</i> Benth. *	Pau-ferro	Caesalpinaceae
	<i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth.	Sibipiruna	Caesalpinaceae
	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Flamboyant	Caesalpinaceae
	<i>Filicium decipiens</i> (Wight & Arn.) Thwaites	Felício	Sapindaceae
	<i>Lagerstroemia speciosa</i> (L.) Pers.	Rosedá	Lythraceae
	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae
	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	Abiu	Sapotaceae
	<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch	Carne-de-vaca	Proteaceae
	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambeiro	Myrtaceae
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Caesalpinaceae	
Palmeira de grande porte	<i>Sabal palmetto</i> (Walter) Lodd. ex Schult. & Schult. f.	Palmeira-sabal	Arecaceae

(*) Por ocasião da segunda etapa do inventário, realizada em 2012, constatou-se que a espécie não mais existe no local.

Estabelecendo uma comparação entre o estado atual da vegetação e a vegetação proposta por Burle Marx, constatou-se que 10 espécies mencionadas pelo paisagista encontram-se atualmente na Praça de Casa Forte (Tabela 7). Porém, constatou-se a presença de 4 indivíduos de abricó-de-macaco (*Couroupita guianensis*), espécie devidamente inserida na representação da paisagem amazônica e que foi amplamente utilizada por Burle Marx nos jardins recifenses da década de 1950.

Tabela 7. Relação da vegetação especificada por Burle Marx e que permanecem no jardim.

Especificação por Burle Marx	Nome científico atualizado	Nome popular	Família
<i>Aningas</i>	<i>Montrichardia linifera</i>	Aninga	Araceae
<i>Canna Indica</i>	<i>Canna indica</i>	Cana-da-índia	Cannaceae
Tecoma pentaphylla ipê da flôr rôxa	<i>Tabebuia heterophylla</i>	Ipê-roxo	Bignoniaceae
<i>Basiloxylon brasiliensis</i>	*	Pau-rei	Sterculiaceae
<i>Calycophyllum spruceanum</i>	*	Pau-mulato	Rubiaceae
<i>Carapa guianensis</i>	*	Andiroba	Meliaceae
<i>Cassia grandis</i>	*	Cássia-grande	Caesalpiniaceae
<i>Clitoria racemosa</i>	<i>Clitoria fairchildiana</i>	Sombreiro	Fabaceae
<i>Flamboyants</i>	<i>Delonix regia</i>	<i>Flamboyant</i>	Caesalpiniaceae
<i>Filicium decipiens</i>	*	Felício	Sapindaceae

(*) Espécies que não sofreram atualização de nomenclatura.

No total, 25 espécies, 3 gêneros e 1 família botânica mencionados por Burle Marx não foram encontrados durante a realização do inventário florístico (Tabela 8).

Tabela 8. Espécies propostas por Burle Marx para a Praça de Casa Forte e que não fazem parte da composição florística atual do jardim.

Especificação por Burle Marx	Nome científico atualizado	Nome popular	Família
<i>Cyperus Papyrus</i>	<i>Cyperus papyrus</i>	Papiro	Cyperaceae
<i>Loctus</i>	<i>Nelumbo nucifera</i>	Lótus	Nelumbonaceae
<i>Tajás do Amazonas</i>	<i>Caladium bicolor</i>	Caládio	Araceae
<i>Crinum powell</i>	<i>Crinum × powellii</i>	Crinum	Liliaceae
<i>Lympheas zamzibarienses</i>	<i>Nymphaea zanzibarensis</i>	Ninfeia	Nymphaeaceae
<i>Strelitzia</i>	<i>Strelitzia</i> sp.	Strelitzia	Strelitziaceae
<i>Salla aethiopica</i>	<i>Zantedeschia aethiopica</i>	Copo-de-leite	Araceae
<i>Cassia ferruginea</i>	*	Chuva-de-ouro	Caesalpiniaceae
<i>Chorisia speciosa</i>	<i>Ceiba speciosa</i>	Paineira	Bombacaceae
<i>Jatahyrama</i>	<i>Cynometra bauhiniifolia</i>	Jutairana	Caesalpiniaceae
<i>Mulungu</i>	<i>Erythrina velutina</i>	Mulungu	Fabaceae
<i>Ventosa do amazonas</i>	<i>Hernandia guianensis</i>	Ventosa-do-amazonas	Hernandiaceae
<i>Hymenae spc.</i>	<i>Hymenaea</i> sp.	Jatobá	Caesalpiniaceae
<i>Lophanthera lactescens</i>	<i>Lophanthera lactescens</i>	Lanterneira	Malpighiaceae
<i>Lagerstroemia indica</i>	*	Rosedá	Lythraceae
<i>Parkia pendula</i>	*	Visgueiro	Caesalpiniaceae

<i>Peltophorum vogelianum</i>	<i>Peltophorum dubium</i>	Farinha-seca	Caesalpiniaceae
<i>Schizolobium excelsum</i>	<i>Schizolobium parahyba</i>	Guapuruvu	Caesalpiniaceae
<i>Cassia siamea</i>	<i>Senna siamea</i> **	Cássia-amarela	Caesalpiniaceae
<i>Spathodea campanulata</i>	*	Espatódea	Bignoniaceae
Páo-teka	<i>Tectona grandis</i>	Pau-teca	Verbenaceae
<i>Zeyheria</i> sp. – ipê da flôr branca	<i>Zeyheria</i> sp.	Ipê-branco	Bignoniaceae
<i>Urucurys</i>	<i>Syagrus coronata</i>	Urucuri	Arecaceae
<i>Scheellias</i> ***	-	-	-
<i>Bacabas</i>	<i>Oenocarpus bacaba</i>	Bacaba	Arecaceae
<i>Mumbacas</i>	<i>Astrocaryum gynacanthum</i>	Mumbaca	Arecaceae
<i>Jouarys</i>	<i>Astrocaryum jauari</i>	Jauari	Arecaceae
<i>Munguba</i>	<i>Pachira aquatica</i>	Carolina	Bombacaceae
<i>Assahys</i>	<i>Euterpe edulis</i>	Açaí	Arecaceae
<i>Musaceas</i>	Musaceae	-	-

(*) Espécies que não sofreram atualização de nomenclatura; (**) Espécie existente até 2011 e (***) Espécie não identificada nas bases de dados.

Mediante intervenções realizadas na praça, foram introduzidas 12 espécies não mencionadas por Burle Marx e que não fazem parte do seu repertório para a Praça de Casa Forte (Tabela 9).

Tabela 9. Espécies inventariadas no levantamento florístico da Praça de Casa Forte e que não foram mencionadas por Burle Marx no projeto de ajardinamento.

Nome científico	Nome popular	Família
<i>Cabomba aquatica</i> Aubl.	Cabomba	Cabombaceae
<i>Canna × generalis</i> L.H. Bailey & E.Z. Bailey	Cana-da-índia	Cannaceae
<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	Pau-d'arquinho	Bignoniaceae
<i>Swartzia</i> sp.	Sucupira	Caesalpiniaceae
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae
<i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth.	Sibipiruna	Caesalpiniaceae
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Caesalpiniaceae
<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae
<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambeiro	Myrtaceae
<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch	Carne-de-vaca	Proteaceae
<i>Lagerstroemia speciosa</i> (L.) Pers.	Rosedá	Lythraceae
<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	Abiu	Sapotaceae

3.3 Aspectos sociais, legais e do entorno

É na Praça de Casa Forte onde se celebra, anualmente, uma festa tradicional do bairro, a Festa da Vitória Régia, que acontece sempre no início de novembro, coordenada pela igreja e comunidade. Ao lado disso, manifestações diversas, como o Carnaval e o Natal, acontecem neste jardim público. Nos últimos anos, o aparato dessas festas cresceu e passou a ameaçar a conservação da vegetação, o que tem motivado a prefeitura a adotar medidas especiais nessas épocas. Outras discussões

recentes foram realizadas, como a que trata da renovação de materiais e mobiliário urbano: cercas de proteção dos canteiros, postes de iluminação e material de revestimento da calçada. Além disso, novos usos – tomemos como exemplo as caminhadas – vêm provocando debates com relação à adequação de materiais de revestimento, assim como com relação ao design universal destinado aos portadores de deficiência. A Praça de Casa Forte é o coração do bairro, um ponto de atração para os moradores do entorno e de outras localidades que procuram um espaço livre e aberto para caminhar, passear ou simplesmente descansar.

Os principais aspectos sociais e legais são:

Envolvimento da população: merece destaque a Associação de Moradores Amigos de Casa Forte, que se articula com a Prefeitura do Recife para a realização de eventos e discussão de questões de interesse comunitário;

Eventos: Festa da Vitória Régia, concentrações de blocos de carnaval e de partidos políticos, comemorações de Natal e de São João;

Usuários: são na maioria adultos e idosos, moradores que caminham na praça ou sentam-se nos bancos;

Situação legal: está situada na Zona Especial de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural 05 (ZEPH 05), denominada Poço da Panela, segundo a Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS) – Lei Municipal nº 16.176/96.

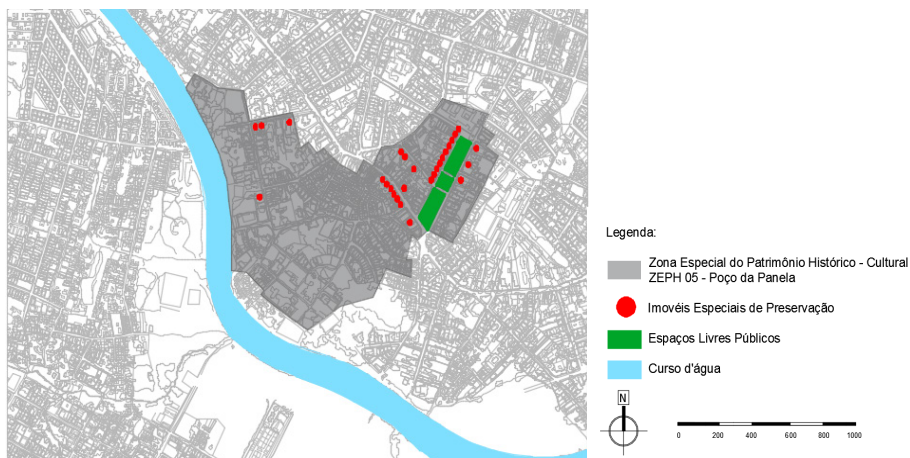


Fig. 20. Planta de situação, editada a partir do documento de Preservação dos Sítios Históricos, PCR/1981. Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

Os principais aspectos identificados no entorno são:

Edificações históricas: a Igreja Matriz de Casa Forte, o Colégio Sagrada Família e 12 Imóveis Especiais de Preservação (IEPs);

Uso do solo: habitações unifamiliar e multifamiliar, comércio, serviço, instituições e uma paradas de ônibus na Av. 17 de Agosto;

Relações visuais: destacam-se a Igreja de Casa Forte e o Colégio Sagrada Família, além de casas térreas históricas. Ainda existem habitações unifamiliares modernas, térreas ou de dois pavimentos. Nos últimos dez anos, a construção de edifícios multifamiliares de até 30 pavimentos alterou significativamente a paisagem. Pode-se notar, em alguns ângulos, impedimentos para a visualização da abóbada celeste;

Vias de acesso: a principal via de acesso é a Av. 17 de Agosto.



Fig. 21. Planta do entorno imediato, com o uso do solo, editada a partir da Unibase, 2007.
Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

3.4 Intervenção

Em 1998, a recuperação da praça pela Prefeitura do Recife – uma iniciativa pública em favor da possibilidade de um restauro –, aproximou a municipalidade da Universidade Federal de Pernambuco, por meio do Laboratório da Paisagem, que tinha no seu acervo o projeto original de Burle Marx. Naquele momento, foram executadas algumas ações pontuais de melhoria, o que conduziu ao início das discussões sobre a conservação dos jardins do paisagista no planejamento municipal dos espaços públicos.

3.5 Adoção

Desde 2007 o Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros do Estado de Pernambuco (SETRANS/Urbana) é o adotante desta Praça, sob a supervisão da Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana da Prefeitura do Recife.

3.6 Estado de conservação

Apesar de adotada, considera-se insatisfatória a manutenção da praça, uma vez que os canteiros encontram-se invadidos por vegetação espontânea, as placas de identificação estão danificadas; as calçadas, necessitando de reparos; alguns bancos, quebrados; os espelhos d'água, poluídos; e as vitórias-régias (*Victoria amazonica*), espécie que caracteriza fortemente a proposta de Burle Marx para a Praça de Casa Forte, não mais presentes.

4. Avaliação da paisagem futura

A Praça de Casa Forte é um local especial para os admiradores de plantas brasileiras e exóticas, além de ser ponto de encontro do bairro, tanto para a prática de atividades esportivas quanto para celebrações festivas. O adensamento construtivo dos últimos anos reflete-se numa barreira que não somente impede a visibilidade celeste de uma paisagem aberta – assim concebida pelo paisagista –, como também, devido ao conseqüente impedimento da circulação de ar e da incidência solar, gera problemas fitossanitários relacionados ao desequilíbrio da condição ecofisiológica das espécies. A escala da composição inicial casario/igreja/vegetação está alterada, o que acarreta a perda de algumas ca-

racterísticas originais do projeto. Inclusive porque a praça está bem próxima da Zona Especial do Patrimônio Histórico e Cultural (ZEPH), o que deveria significar que cuidados mais rigorosos quanto à preservação de um conjunto histórico de valor deveriam estar sendo tomados. Outro aspecto que ameaça o jardim é o porte que vem tomando a Festa da Vitória Régia e outras festividades, como os desfiles de blocos de Carnaval e as festas de final de ano, além de acontecimentos políticos e outros eventos que reúnem muitas pessoas.

Num passeio pela praça, observa-se a necessidade imperiosa de maiores cuidados com a vegetação e o mobiliário, a exemplo das placas de metal com a identificação das espécies, o que justifica, portanto, a necessidade de restauro e a adoção de critérios mais rígidos de proteção da obra de Roberto Burle Marx.

Ficha 2: Praça Euclides da Cunha

1. Identificação

Localização: Rua Benfica, em frente ao Clube Internacional do Recife, no Bairro da Madalena

Área: 6.254,35 m²

Projeto de Roberto Burle Marx: 1935

Construção da mureta para impedir entrada de veículos: 1985

Projeto de Restauração: 2004

Outras designações: Cactário da Madalena, Praça do Internacional e Praça do Benfica

2. Aspectos históricos

No Recife, em 1935, onde hoje se encontra a Praça Euclides da Cunha, o paisagista Burle Marx criou um jardim constituído de plantas do bioma caatinga: era o primeiro jardim essencialmente brasileiro (Figs. 1 e 2). Naquela época, essa área era chamada de Largo do Viveiro, o que sugere um local apropriado para tal iniciativa.

Foi na Alemanha, nas estufas do Jardim Botânico de Dahlem, que ele conheceu as cactáceas, tendo encontrado, depois, citações sobre essas espécies no livro *Os sertões*, do escritor Euclides da Cunha. Na concepção desta obra, o artista levou em consideração a forma do terreno e seu entorno, colocando no centro um jardim com espécies pertencentes às Famílias Cactaceae, Bromeliaceae e Euphorbiaceae, por exemplo, como o xique-xique (*Pilosocereus gounellei*), o mandacaru (*Cereus jamacaru*) e a macambira (*Bromelia laciniosa*, *Encholirium spectabile*), de forma a sedimentar um princípio clássico de convergência e prestigiar a riqueza da flora que intencionava divulgar para a sociedade, inclusive ressaltando a diversidade existente.



Figs. 1 e 2. Desenhos de Burle Marx, 1935.

Fonte: OS JARDINS..., *Diário da Tarde*, Recife, 14 mar. 1935. p. 2.

A utilização da vegetação sertaneja em um jardim público, incluindo árvores de médio e grande porte, colocadas no contorno; além de cactáceas, bromeliáceas e euforbiáceas, introduzidas no centro – espécies representativas de oito das doze comunidades conhecidas como Domínio das Caatingas –, contrastava com a paisagem urbana e continua sendo, ainda hoje, um exemplar demonstrativo do sentido educativo, cultural e ecológico que Burle Marx apresenta na maioria de seus trabalhos.

No canteiro central, seu desenho indicava a escultura de um homem de tanga que nunca foi executada, tendo sido ali colocada, na década de 70, a de um vaqueiro, do artista plástico pernambucano Abelardo da Hora. Do centro, partiam dois canteiros de grama anelados e passeios em terra batida até o limite do passeio da praça, contornados por árvores do sertão. Na extremidade sudoeste, as fileiras de árvores se encontravam, formando um pequeno bosque, ao lado do local em que hoje se encontra a estação elevatória da Companhia Pernambucana de Saneamento e Abastecimento de Água (COMPESA), construída pelo engenheiro Saturnino de Brito, em 1911 (SILVA, A. F. da, 2010). Esse cenário resistiu até a década de 1980.

Posteriormente, a manutenção inadequada permitiu o surgimento de árvores como a mangueira (*Mangifera indica*), a goiabeira (*Psidium guajava*) e a azeitona-roxa (*Syzygium jambolanum*), o que ocasionou a descaracterização do projeto original (Fig. 4). Em 1985, uma pequena reforma incluiu uma mureta, que contornava o perímetro da praça, impedindo o estacionamento de veículos dos frequentadores do Clube Internacional, edifício construído na década de 40 e que se destacava no entorno. Naquele tempo, a praça era local para jogos de pelada e, por ocasião das festas do Clube Internacional, para ambulantes com seu comércio informal.



Fig. 3. Praça Euclides da Cunha, por volta de 1950.
Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.



Fig. 4. Praça Euclides da Cunha, antes da restauração, 1993.
Foto: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.

Em 2003, foi elaborado o projeto de restauração, conforme os pensamentos de Burle Marx e os princípios da Carta de Florença de 1981. Foi uma iniciativa do Laboratório da Paisagem/UFPE, que contou com a adesão imediata da Prefeitura da Cidade do Recife. Essa parceria de êxitos se respaldou na intenção do futuro reconhecimento da Praça Euclides da Cunha como jardim histórico, uma paisagem a ser conservada como monumento vivo. A inauguração aconteceu em maio de 2004, quando a praça foi adotada pela Escola Recanto (situada em uma das quadras lindeiras), o que agregou valor à função educativa desse equipamento como uma possível ferramenta de educação patrimonial, a partir de sua projeção como um jardim do sertão numa cidade litorânea.



Fig. 5. Desenho de Burle Marx, 1935.

Fonte: OS JARDINS..., *Diário da Tarde*, Recife, 14 mar. 1935. p. 2.



Fig. 6. Praça Euclides da Cunha após a restauração, 2004.
Foto: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.

3. Aspectos da paisagem atual

3.1 Estudo arquitetônico

Traçado:

A Praça Euclides da Cunha mantém o traçado geométrico oval da periferia para o centro, sendo a extremidade uma alameda de vegetação de porte mais frondoso, seguida por outra de árvores de porte intermediário. O núcleo, por fim, é preenchido por espécies de cactáceas, bromeliáceas e euforbiáceas. No trecho oeste, o sinuoso banco em serpentina se destaca na composição, inclusive por sua generosidade para acolher o visitante e por estar próximo ao histórico edifício da Estação Elevatória de Esgotos da Madalena.

Mobiliário, infraestrutura e revestimento:

Os equipamentos introduzidos na praça, ao longo do tempo e, mais recentemente, a partir do projeto de restauração que lhe devolveu o esplendor do período de seu apogeu, atendem a demandas relativas à coleta de resíduos sólidos e a necessidades dos usuários.

Mobiliário urbano:

- Edifício da Estação Elevatória de Esgotos da COMPESA, construído em 1911 pelo engenheiro sanitarista Saturnino de Brito (Fig. 7);
- 10 postes de iluminação de ferro (Figs. 8 e 9);
- 05 lixeiras de plástico na cor vermelha (Fig. 10);
- Cerca protetora de ferro (Fig. 11);
- Banco de concreto em forma de serpentina sem encosto (Fig. 12);
- 03 bancos simples de concreto sem encosto de 4.00 m x 0.51 m (Fig. 13);
- 08 bancos do tipo veneziano (Fig. 14);
- Placa de latão com base de concreto (Fig. 15) alusiva à restauração.



Figs. 7 a 11. Mobiliário urbano. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE e Marcus Prado, 2012



Figs. 12 a 15. Mobiliário urbano.

Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE e Marcus Prado, 2012.

Obras de arte:

- Escultura de um vaqueiro de concreto armado, de autoria do artista plástico Abelardo da Hora (Fig.16).



Fig. 16. Escultura do vaqueiro.
Foto: Marcus Prado, 2012.

Infraestrutura urbana e revestimento:

- Drenagem: canaletas retangulares com tampas de concreto perfuradas;
- Passeios: com pedra lajeada cruzando o canteiro central das cactáceas no sentido transversal;
- Ponto d'água em frente à Escola Recanto;
- Caixa de concreto para guardar material de manutenção, nas proximidades da Estação Elevatória;
- Caixas de passagem de esgoto de concreto, nas proximidades da Estação Elevatória, e;
- Iluminação: fição embutida e caixas de fição de concreto da Companhia de Eletricidade de Pernambuco (CELPE), nas proximidades da Estação Elevatória de Esgotos.

3.2 Estudo botânico

O projeto da Praça Euclides da Cunha revela uma forte inspiração nacionalista, exacerbada pelo instante político do Brasil do final

da República Velha e pela estética do Movimento Modernista, que buscava encontrar uma linguagem propriamente brasileira. Num ato de coragem, Burle Marx trouxe para o centro do Recife o universo da solidão, do isolamento, da intensa luminosidade, da riqueza das texturas e do discreto colorido da vegetação, em contraste com a intensidade do azul do céu encontrado nas paisagens do sertão brasileiro. Divergindo da repetição dos jardins europeus no Brasil, propôs então a ruptura desta dependência, trazendo a flora brasileira, mais especificamente a caatinga pernambucana, para a Praça Euclides da Cunha. Assim, nasceu o cactário que reuniu o maior número possível de gêneros desse bioma.

Num gesto de ousadia, a praça se estrutura em três anéis concêntricos, com portes que se encarregam de estabelecer uma transição – expressa, principalmente, pela vegetação do sertão. O primeiro anel, nas bordas, como um braço que acolhe, compõe-se de um renque de vegetação de porte arbóreo, definida pelo pau-ferro (*Caesalpinia ferrea* var. *ferrea*), pelo ipê-roxo (*Tabebuia impetiginosa*) e pela paineira (*Chorisia glaziovii*), entre outras espécies. O segundo anel, no qual se intensifica esse sentido de transição, apresenta uma vegetação de porte intermediário, como o juazeiro (*Zizyphus joazeiro*) e a catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*). Por fim, culminando com esta intenção, o anel é preenchido com o cactário propriamente dito, com espécies de cactos, representadas pelos gêneros *Cereus* sp., *Melocactus* sp., *Opuntia* sp. e *Pilosocereus* sp.; e com espécies de bromélias e euforbiáceas, que, ainda que próximas ao chão, possuem função de destaque.

Entre os anéis de borda e o intermediário, no extremo oeste, reestrutura-se um pequeno bosque que fornece sombra sobre o banco em forma de serpentina e, ao mesmo tempo, acentua o contraste entre o escuro do bosque e o centro luminoso e claro do cactário. A vegetação e o traçado, em unísono, intensificam a ideia de concepção desta praça. Da periferia para o centro, da úmida cidade para o árido sertão, do fechado para o aberto, do ruído para o silêncio. Talvez tenha sido intenção de Burle Marx, para reforçar ainda mais esses contrastes, projetar uma praça que remete à seca numa área de charco, quase às margens do Rio Capibaribe, pois, sob vários ângulos e aspectos, a força da ideia se expressa na paisagem.

Considerando a restauração da Praça Euclides da Cunha em 2004, a vegetação será apresentada nos dois momentos mais significativos, mediante os levantamentos florísticos feitos em 2002 e em 2004, antes e depois da restauração, respectivamente.

No levantamento florístico de 2002, pôde ser observada a descaracterização da composição florística da praça devido à ausência de espécies das Famílias Cactaceae, Bromeliaceae e Euphorbiaceae, e à presença de vegetação exótica arbórea no canteiro central, bem como de outras espécies da caatinga em todo o equipamento. Os estratos vegetais, nomes populares, nomes científicos e famílias botânicas das espécies, bem como a quantidade de exemplares estão relacionados na Tabela 1. Entre as espécies identificadas há um predomínio de árvores como o ipê-roxo (*Tabebuia impetiginosa*) e o pau-ferro (*Caesalpinia ferrea* var. *ferrea*), nativas da caatinga, e a mangueira (*Mangifera indica* L.), sendo esta uma planta exótica que foi naturalizada.

Tabela 1. Composição florística da Praça Euclides da Cunha em 2002, antes da restauração.

Estrato	Nome científico	Família	Nome popular	Quant.
Arbóreo	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Oxalidaceae	Caramboleira	01
	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Caesalpinaceae	Catingueira	02
	<i>Aspidosperma pyriforme</i> Mart	Apocynaceae	Pereiro	01
	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	Burseraceae	Imburana	02
	<i>Mimosa artemisiana</i> Heringer & Paula	Mimosaceae	Jurema-branca	01
	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Rhamnaceae	Juazeiro	04
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Allemão) Engl.	Anacardiaceae	Aroeira	01
	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Mangueira	08
	<i>Pithecellobium dulce</i> (Roxb.) Benth.	Mimosaceae	Acácia-mimosa	04
	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Goiabeira	01
	<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Myrtaceae	Azeitona-roxa	02
	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Mimosaceae	Tamboril	01
	<i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>ferrea</i> Benth.	Caesalpinaceae	Jucá	10
	<i>Cecropia laetivirens</i> Huber	Cecropiaceae	Imbaúba	01
	<i>Chorisia glaziovii</i> (Kuntze) E. Santos	Bombacaceae	Paineira	01
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl	Bignoniaceae	Ipê-roxo	25	
Palmeira de grande porte	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Arecaceae	Macaibeira	01
	<i>Livistona rotundifolia</i> (Lam.) Mart.	Arecaceae	Palmeira-filipina	01
	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O. F. Cook	Arecaceae	Palmeira-imperial	01

As árvores frondosas e exóticas, como as mangueiras (*Mangifera indica*) e azeitoneiras (*Syzygium jambolanum*), tomaram o lugar dos cactos, das bromélias e das euforbiáceas, como no canteiro central; e espécies que não faziam parte da caatinga passaram a fazer parte das alamedas externas, por exemplo, a caramboleira (*Averrhoa carambola*) e a palmeira-imperial (*Roystonea oleracea*), como pode ser visto na Tabela 2. A massa arbórea das espécies pode ser melhor observada na Figura 17. Na Figura 18, observa-se detalhadamente a localização das espécies no canteiro central. Todas as espécies arbóreas, inclusive as palmeiras, com suas respectivas quantidades, estão listadas na Tabela 3.

Tabela 2. Composição florística de espécies arbóreas da caatinga e exóticas dentro e fora do canteiro central, em 2002, antes da restauração. Onde se lê: D = Dentro e F = Fora.

Espécies da caatinga				Outras espécies			
Nome científico	Nome popular	D	F	Nome científico	Nome popular	D	F
<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	-	01	<i>Mangifera indica</i>	Mangueira	04	04
<i>Chorisia glaziovii</i>	Barriguda	02	01	<i>Pithecellobium dulce</i>	Acácia-mimosa	04	-
<i>Caesalpinia pyramidalis</i>	Catingueira	-	01	<i>Averrhoa carambola</i>	Caramboleira	-	01
<i>Cecropia laetivirens</i>	Imbaúba	-	01	<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira	01	-
<i>Commiphora leptophloeos</i>	Imburana	-	02	<i>Syzygium jambolanum</i>	Azeitona-roxa	02	-
<i>Tabebuia impetiginosa</i>	Ipê-roxo	09	16	<i>Livistona rotundifolia</i>	Palmeira-Filipina	01	-
<i>Ziziphus joazeiro</i>	Juazeiro	03	01	<i>Acrocomia intumescens</i>	Macaibeira	01	-
<i>Mimosa artemisiana</i>	Jurema	-	01	<i>Roystonea oleracea</i>	Palmeira-imperial	-	01
<i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>ferrea</i>	Jucá	-	17	<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	Tamboril	-	01
<i>Aspidosperma pyrifolium</i>	Pereiro	-	01	-	-	-	-
Total		14	42	Total		13	07

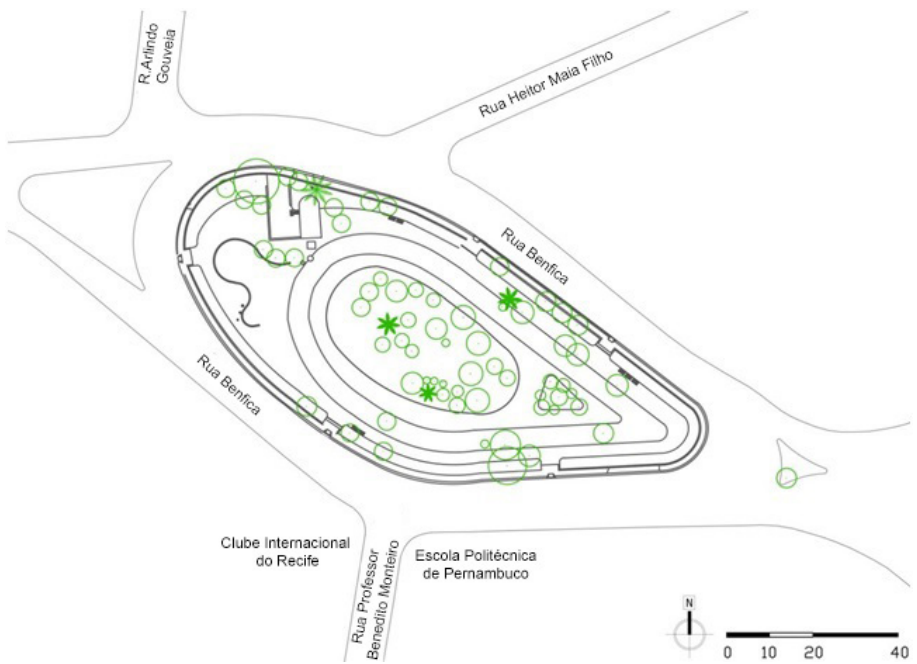


Fig. 17. Planta de levantamento da vegetação, setembro/2003. Fonte: Emlurb/PCR

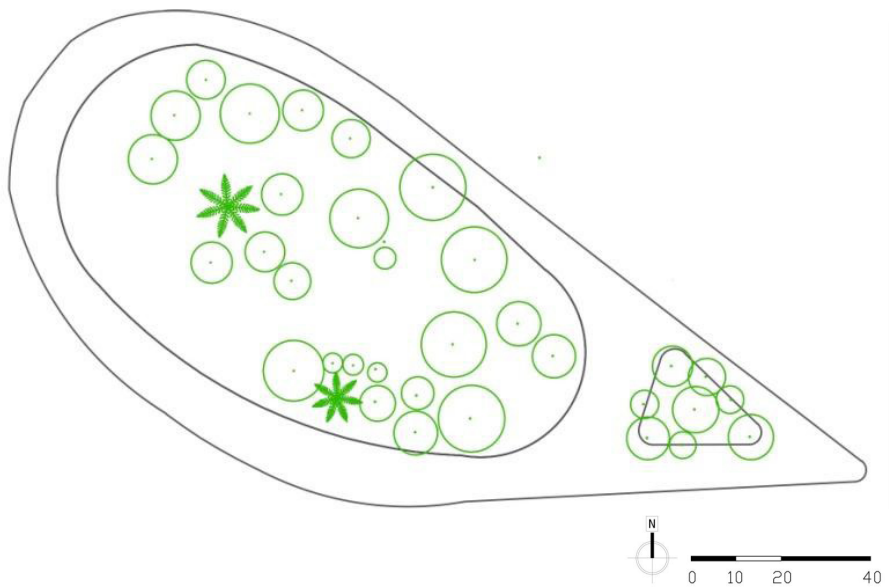


Fig. 18. Planta de levantamento da vegetação, canteiro central, setembro/2003. Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

Tabela 3. Espécies arbóreas existentes no canteiro central, em 2002, antes da restauração.

Código	Nome científico	Nome popular	Quant.
01	<i>Pithecellobium dulce</i> (Roxb.) Benth.	Acácia-mimosa	04
02	<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Azeitona-roxa	02
03	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	02
04	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	01
05	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Ipê-roxo	08
06	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	03
07	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	04
08	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Macaibeira	01
09	<i>Livistona rotundifolia</i> (Lam.) Mart.	Palmeira-filipina	01
Total			26

O conjunto da vegetação mantida e introduzida no momento da restauração em 2004 está registrado na Tabela 4. Constata-se a presença de espécies de cactáceas (*Opuntia palmadora*, *Pilosocereus gounellei* e *Pilosocereus piauhyensis*) e bromélias (*Bromelia laciniosa*, *Encholirium spectabile*), que voltaram a fazer parte do canteiro central da praça, devolvendo-lhe o seu aspecto original.

Tabela 4. Vegetação da Praça Euclides da Cunha, em 2004, após a restauração. Onde se lê: M = Mantidas e I = Introduzidas.

Estrato	Nome científico	Família	Nome popular	M	I	Total
Herbáceo	<i>Bromelia laciniosa</i> Mart. ex Schult. f.	Bromeliaceae	Macambira-de-cachorro	-	-	-
	<i>Encholirium spectabile</i> Mart. ex Schult. f.	Bromeliaceae	Macambira-de-fleche	-	-	-
	<i>Melocactus bahiensis</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	Cactaceae	Coroa-de-frade	-	-	-
	<i>Opuntia palmadora</i> Britton & Rose	Cactaceae	Palma	-	-	-
	<i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C. Weber) Byles & G.D. Rowley	Cactaceae	Xique-xique	-	-	-
	<i>Pilosocereus piauhyensis</i> (Gürke) Byles & G.D. Rowley	Cactaceae	Facheiro	-	-	-
	<i>Tacinga funalis</i> Britton & Rose	Cactaceae	Quipá	-	-	-

Arborescente	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactaceae	Mandacaru	-	-	-
Árbóreo	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Caesalpinaceae	Catingueira	07	04	03.1
	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Oxalidaceae	Caramboleira	01	-	01
	<i>Mimosa artemisiana</i> Heringer & Paula	Mimosaceae	Jurema	02	-	02
	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	Rhamnaceae	Juazeiro	03	03	06
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Allemão)	Anacardiaceae	Aroeira	-	03	03
	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Caesalpinaceae	Mororó	-	05	05
	<i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>ferrea</i> Benth.	Caesalpinaceae	Jucá	10	08	18
	<i>Chorisia glaziovii</i> (Kuntze) E. Santos	Bombacaceae	Paineira	-	04	04
	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Mimosaceae	Tamboril	01	01	02
	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Fabaceae	Mulungu	-	03	03
	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Mangueira	04	-	04
	<i>Maytenus rigida</i> Mart.	Celastraceae	Bom-nome	01	-	01
	<i>Aspidosperma pyriformium</i> Mart.	Apocynaceae	Pereiro	01	03	04
	<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Anacardiaceae	Umbuzeiro	05	01	06
	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore	Bignoniaceae	Craibeira	-	5	5
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Bignoniaceae	Ipê-roxo	13	12	25	
Palmeira de grande porte	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Arecaceae	Macaibeira	01	-	01
	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F. Cook	Arecaceae	Palmeira-imperial	01	-	01
	<i>Livistona rotundifolia</i> (Lam.) Mart.	Arecaceae	Palmeira-filipina	01	-	01
Total				52	52	104

Em 2012 foi realizado um novo inventário florístico (Tabela 5). A vegetação é representada por 24 espécies, 20 gêneros e 13 famílias botânicas. A distribuição espacial das espécies pode ser vista na Figura 19.

As espécies que se destacam, pela quantidade de indivíduos, são: macambira-de-fleche (*Encholirium spectabile*), ipê-roxo (*Tabebuia impetiginosa*), catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), jucá (*Caesalpinia ferrea* var. *ferrea*) e a macambira-de-cachorro (*Bromelia laciniosa*).

Tabela 5. Composição florística da Praça Euclides da Cunha em 2012.

Nº.	Nome científico	Nome popular	Família	Quant.
12	<i>Acrocomia intumescens</i>	Macaibeira	Arecaceae	01
14	<i>Aspidosperma pyriformium</i>	Pereiro	Apocynaceae	01
9	<i>Averrhoa carambola</i>	Caramboleira	Oxalidaceae	01
20	<i>Bromelia laciniosa</i>	Macambira-de-cachorro	Bromeliaceae	10
3	<i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>ferrea</i>	Jucá	Caesalpiniaceae	11
5	<i>Caesalpinia pyramidalis</i>	Catingueira	Caesalpiniaceae	13
19	<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	Cactaceae	02
15	<i>Chloroleucon tortum</i>	Jurema	Mimosaceae	02
17	<i>Chorisia glaziovii</i>	Paineira	Bombacaceae	02
18	<i>Encholirium spectabile</i>	Macambira-de-fleche	Bromeliaceae	25
4	<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	Tamboril	Mimosaceae	01
2	<i>Erythrina velutina</i>	Mulungu	Fabaceae	02
21	<i>Euphorbia lactea</i>	Candelabro	Euphorbiaceae	01
13	<i>Livistona rotundifolia</i>	Palmeira-filipina	Arecaceae	01
10	<i>Mangifera indica</i>	Mangueira	Anacardiaceae	04
16	<i>Mimosa artemisiana</i>	Jurema-branca	Mimosaceae	01
22	<i>Opuntia palmadora</i>	Palma	Cactaceae	02
23	<i>Pilosocereus gounellei</i>	Xique-xique	Cactaceae	02
24	<i>Pilosocereus piauhyensis</i>	Facheiro	Cactaceae	01
11	<i>Roystonea oleracea</i>	Palmeira-imperial	Arecaceae	01
7	<i>Spondias tuberosa</i>	Umbuzeiro	Anacardiaceae	02
8	<i>Tabebuia aurea</i>	Craibeira	Bignoniaceae	06
1	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	Ipê-roxo	Bignoniaceae	19
6	<i>Zizyphus joazeiro</i>	Joazeiro	Rhamnaceae	03

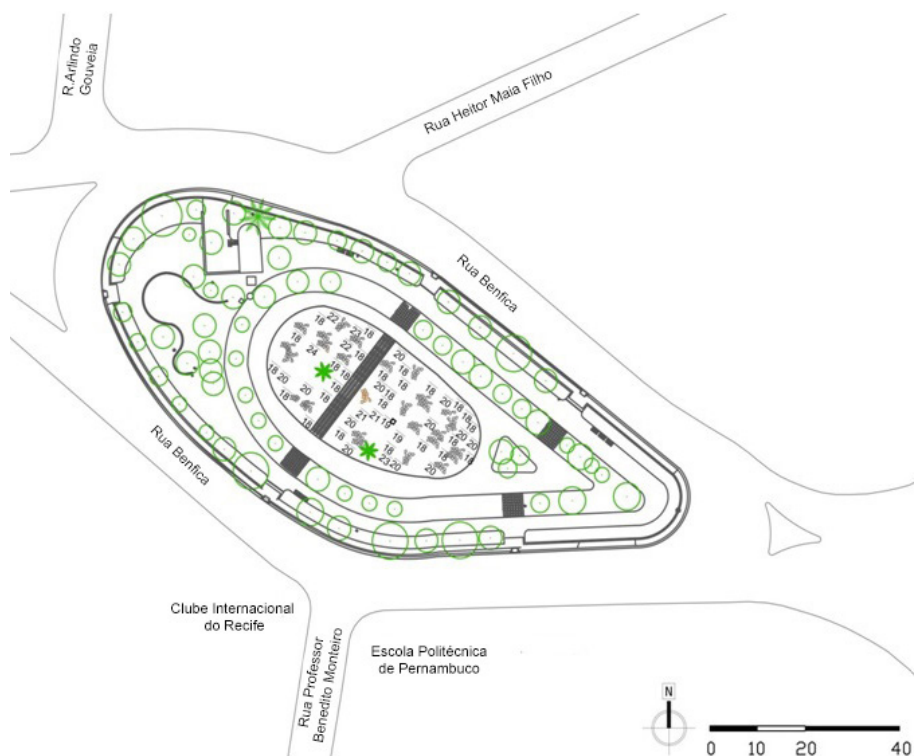


Fig. 19. Distribuição espacial da vegetação da Praça Euclides da Cunha em 2012.
 Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

3.3 Aspectos sociais, legais e do entorno

A Praça Euclides da Cunha está inserida numa área predominantemente institucional e pouco habitacional. A presença do Clube Internacional, da Universidade de Pernambuco (UPE) e de outras instituições de ensino do entorno conferem a esse jardim a condição de elemento estruturador de um cenário pedagógico e cultural. Diante disso e pelo fato de seu entorno imediato apresentar escasso uso residencial, compreende-se a inexistência de associação de moradores, diferentemente da Praça de Casa Forte, por exemplo.

Sua localização no espaço urbano, no meio de vias de intenso fluxo de veículos, incentiva de forma acentuada a passagem de transeuntes, em detrimento do uso da praça como local de descanso e passeio. No entanto, quando são realizados eventos no Clube Internacional, a presença de jovens e adultos torna esse jardim um lugar alegre e fervilhante. Registre-se, oportunamente, que a implantação do Corredor Leste-Oeste no final de

2008 ocasionou um estrangulamento – ainda não solucionado pelo poder público – no fluxo de veículos em uma das extremidades da praça, o que tem levado os condutores e passageiros de ônibus e outros meios de transporte a apreciá-la mais detidamente.

Os principais aspectos sociais e legais são:

Eventos: iniciativas do Clube Internacional durante todo o ano;

Usuários: na maioria são transeuntes, em especial estudantes das instituições de ensino do local;

Situação legal: está situada no limite da Zona Especial do Patrimônio Histórico-Cultural 03 (ZEPH 03), denominada Benfica, segundo a Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS) – Lei Municipal nº 16.176 – e bem próxima aos Imóveis Especiais de Preservação (IEPs) nº 505 – o Clube Internacional – e o nº 715 – agência do Banco do Brasil instalada no casarão preservado pelo Supermercado Extra.



Fig. 20. Planta de situação editada a partir da carta de nucleação/Fidem, 2012.

Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

Os principais aspectos identificados no entorno são:

- Edificações históricas: Edifício do Clube Internacional e, no entorno próximo, casario do século XIX na Rua Benfica;
- Paradas de ônibus: em frente à Escola Politécnica da Universidade de Pernambuco (UPE) e próxima ao posto de gasolina Petrobrás;

- Relações visuais: a praça mantém relação de proporção com as edificações do entorno, na maioria térreas, e com o Rio Capibaribe;
- Vias de acesso: Rua Benfica, Rua Heitor Maia Filho, Rua Severino Pinheiro, Rua Professor Benedito Monteiro e Rua Arlindo Gouveia;
- Elementos naturais: Rio Capibaribe e manguezal;
- Pontos de venda: ambulantes em frente à Escola Politécnica e nas proximidades do semáforo; loja de conveniência no posto de gasolina Petrobrás. Eventualmente, surgem mais ambulantes em virtude das festividades no Clube Internacional.

3.4 Intervenção

Projeto de reforma, na década de 1980: construção da mureta para conter o estacionamento de veículos em cima da praça (Emlurb).

3.5 Adoção

A Praça foi adotada de 2004 a 2008 pela Escola Recanto e atualmente encontra-se adotada pela construtora Modesto Incorporação e Construção Ltda.

3.6 Estado de conservação

O atual estado de conservação aponta para a urgente necessidade de implantação de um plano de gestão da conservação, sem o qual, muito provavelmente, será inútil o esforço do restauro concluído em 2004.

Assim, registram-se como problemas:

- O canteiro central das cactáceas invadido por vegetação espontânea e de regeneração natural;
- A não substituição de algumas das árvores plantadas na restauração que já morreram;
- A calçada danificada em alguns trechos;
- A descaracterização do local próximo ao edifício da COMPESA, devido aos blocos de concreto conhecidos como “gelo baiano” e;
- A presença de automóveis estacionados na praça, o que exige vistorias frequentes nos elementos de proteção (pinos e corrente) delimitadores.

3.7 Concepção do Projeto de Restauração

O Projeto de Restauração da Praça Euclides da Cunha foi concebido em 2003 por técnicos da Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana da Prefeitura do Recife (Emlurb) com a consultoria do Laboratório da Paisagem (Fig. 21). A referência para a elaboração deste projeto foram os desenhos e depoimentos do próprio Burle Marx, algumas fotografias antigas e vestígios do projeto anterior, identificados na própria praça.

Assim, foram mantidos o traçado original com a disposição da vegetação arbórea nos dois canteiros gramados paralelos, as cactáceas no canteiro central, o banco de concreto em forma de serpentina e a Estação Elevatória. O retorno do Jardim das Cactáceas implicou a retirada de 25 árvores do canteiro central, o que foi compensado com o plantio de 48 árvores da caatinga nos anéis de borda. O corte das árvores provocou muita resistência e manifestações da população contra a restauração, levando o processo a manchetes nos jornais, o que foi considerado bastante positivo, pois motivou discussões sobre a história da praça e sobre o paisagista Burle Marx.

Itens do Projeto de Restauração:

- Vegetação existente e proposta: manutenção de algumas árvores frutíferas ao redor do edifício histórico, além do plantio de árvores da caatinga, no contorno, e de cactáceas, bromélias e euforbiáceas, no centro;
- Elementos de destaque: árvores da caatinga nos anéis concêntricos e cactáceas no canteiro central. Edifício histórico da Estação Elevatória de Esgotos da COMPESA;
- Passeio: colocação de pedra lajeada no canteiro central para a circulação de pedestres e permanência do cimentado nas calçadas do entorno;
- Edificações: pintura do edifício histórico da COMPESA;
- Mobiliário: bancos com encosto tipo veneziano ao longo do passeio anelado.

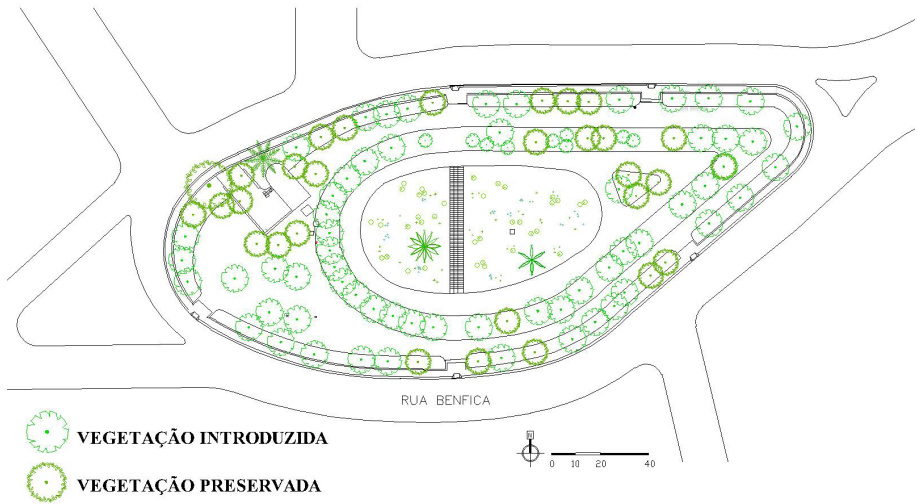


Fig. 21. Projeto de restauração, junho, 2004. Fonte: Emlurb/PCR.



Fig. 22. Praça Euclides da Cunha, canteiro central, 2004.
Foto: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.



Fig. 23. Praça Euclides da Cunha, canteiro central, 2007.
Foto: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.



Fig. 24. Praça Euclides da Cunha, canteiro central, 2012. Foto: Marcus Prado.



Fig. 25. Praça Euclides da Cunha, canteiro central, 2012. Foto: Marcus Prado.

4. Avaliação da paisagem futura

Entre as seis praças inventariadas, a Euclides da Cunha é a de menor área, funcionando como refúgio para os pedestres e como rotatória para os veículos que circulam intensamente no seu entorno, principalmente durante o dia. Este movimento se agravou com a implantação do Corredor Leste-Oeste, cujo objetivo é facilitar a circulação dos ônibus, ligando o bairro do Derby – que é um ponto de confluência – a outros bairros e ao centro da cidade. A despeito de tangenciar a ZEPH Benfica, a praça está bastante vulnerável a possíveis construções de edifícios altos (como alguns que já estão surgindo), o que poderá mudar a escala da paisagem, ou seja, a relação entre o espaço livre e o espaço edificado, tão importante para a leitura e valorização do projeto de Burle Marx. Além disso, o sombreamento, em determinados horários, poderá interferir na ecofisiologia das cactáceas do canteiro central, que necessitam da incidência solar para a sobrevivência. É fundamental, portanto, que o entorno da praça seja protegido contra edifícios altos para preservar a permeabilidade e relação de proporção entre este e a própria praça, a fim de preservar a concepção do seu criador.

A fragilidade desse jardim está diretamente relacionada à inexistência de lei de proteção para acervos dessa natureza. Por isso mesmo, e considerando o ritmo do avanço da urbanização, é urgente a sua proteção. Conservar e preservar os jardins históricos significa valorizar a memória cultural assim como manter espaços propícios ao convívio social, o que será garantido com a implantação de um plano de gestão da conservação, instrumento de planejamento essencial à preservação dessas obras de Roberto Burle Marx.

Ficha 3: Praça da República e Jardim do Palácio do Campo das Princesas

1. Identificação

Localização: Av. Rio Branco, no Bairro de Santo Antônio

Área da Praça da República: 23.134,40 m²

Área do Jardim do Palácio do Campo das Princesas: 18.344,50 m²

Projeto de Burlle Marx (reforma): 1936/1937

Projeto original de Emile Beringer e Victor Fournié: 1875

Outra designação: Jardim do Campo das Princesas

2. Aspectos históricos

A Praça da República e o Jardim do Campo das Princesas ocupam o sítio onde existiu o Parque de Friburgo, construído por Maurício de Nassau em 1637, na Ilha de Antônio Vaz (Fig. 1). Esse era um jardim renascentista marcado por alamedas de coqueiros, com pomares, espaços para criação de animais domésticos, canteiros de fruteiras e plantas medicinais, tendo o Palácio de Friburgo como ponto focal. No parque, foram plantadas espécies nativas do Brasil e de outros continentes, o que lhe conferiu o *status* de primeira área verde planejada no Recife.

Devido ao abandono e à destruição do conjunto após a expulsão dos holandeses, por volta de 1769 o local tornou-se um grande descampado. Na mesma época, foi edificado o Erário Régio, na porção norte do sítio, demolido em 1840 e posteriormente substituído pelo Palácio da Presidência da Província. No mesmo ano, o Conde da Boa Vista promoveu melhorias no lugar que, com a construção desse palácio – hoje sede do governo estadual –, converteu-se, ao longo do tempo, num centro político-cultural.

Dez anos depois, agregando valor a esse cenário, inaugurava-se o Teatro de Santa Isabel, projetado pelo engenheiro francês Louis Léger Vauthier. Complementava o entorno, além da Biblioteca Pública Provincial e do Liceu de Artes e Ofícios, um prédio térreo que foi utilizado para o funcionamento do Tesouro Estadual. Em 1859, D. Pedro II e a família real visitaram o Recife com o objetivo de conhecer o teatro e a biblioteca. A partir de então, pelo fato de as princesas terem brincado no jardim do palácio, o local passou a ser conhecido como Campo das Princesas.

Logo em seguida, em 1860, foi elaborado um projeto de ajardinamento pelo engenheiro William Martineau – denominado Passeio Público do Recife –, que se estendia dessa área até o local do atual Parque 13 de Maio, mas que nunca foi executado. Por volta de 1875 foi construído um jardim no Campo das Princesas, que correspondia à planta assinada pelos engenheiros Emile Beringer e Victor Fournié (Fig. 2). Concebido para “reunião e recreio”, destacava-se pelas lindas esculturas e candelabros de bronze que valorizavam ainda mais aquele local de atividades políticas e culturais.

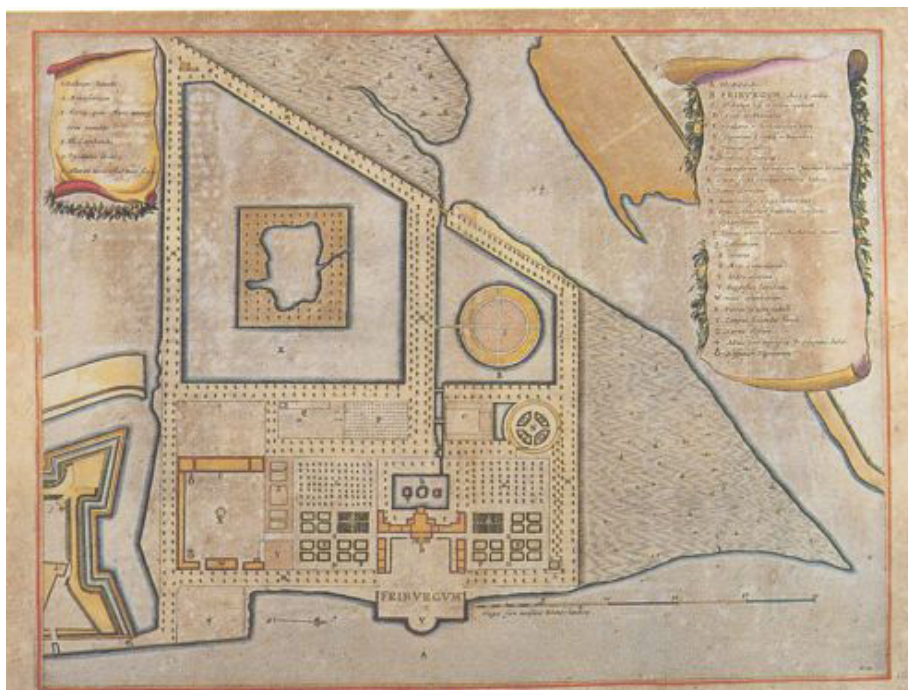


Fig. 1. Parque de Friburgo, 1639.

Fonte: Gaspar Barleus (1647) apud Liana Barros Mesquita (2002, p. 40).

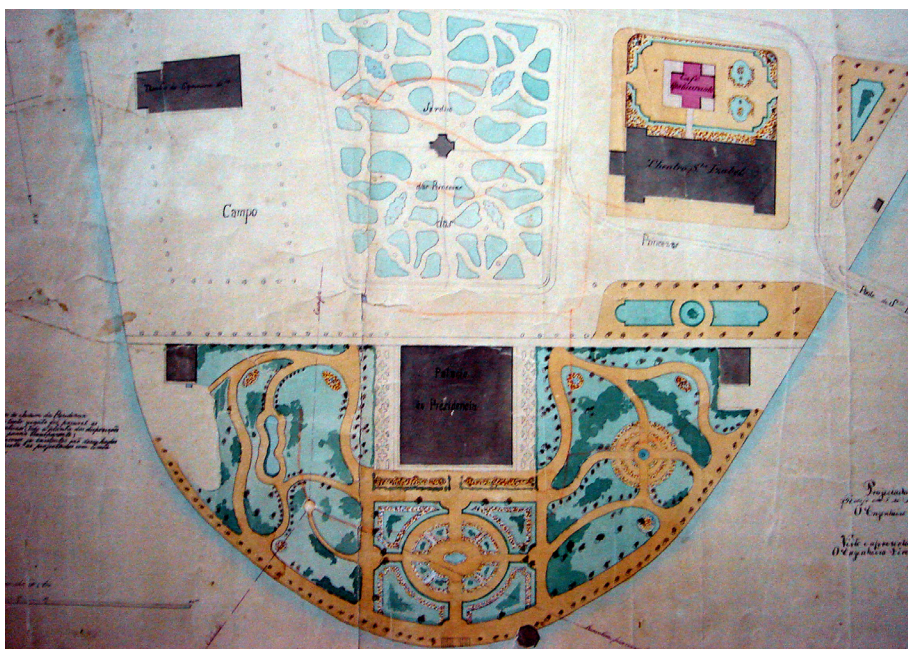


Fig. 2. Projeto de ajardinamento para o Campo das Princesas de autoria de Emile Beringer e Victor Fournié, 1875. Fonte: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

No século XIX, os moldes do paisagismo que se desenvolveu no Brasil eram fortemente influenciados pelo Romantismo Inglês. Essa concepção foi rebatida no projeto de Beringer e Fournié, no qual se destaca a presença do coreto de ferro no centro da composição como elemento do mobiliário (Figs. 3 e 4). Ao traçado pitoresco somavam-se bancos de madeira com encosto e luminárias, além de esculturas e gradil de ferro fundido adquiridos, respectivamente, na França e Inglaterra – esse último delimitando o logradouro.

Aproximadamente um ano depois da Proclamação da República, parte do então conhecido Jardim do Campo das Princesas passou a ser chamada Praça da República. Entre os anos 1925 e 1926, a realização de uma reforma, cujo projeto é identificado em foto do início do século XX (Fig. 5), introduziu eixos diagonais entremeados por passeios curvilíneos, um quiosque (banheiro público) e bancos de cimento armado de inspiração romântica, retratando motivos da natureza. Canteiros com vegetação de pequeno porte e alamedas caracterizavam o cenário romântico, complementado por renques de palmeiras-imperiais (*Roystonea oleracea*), símbolo de identificação com a corte.



Fig. 3. Jardim do Campo das Princesas, século XIX. Fonte: Gilberto Ferrez in Silva, 2010, p. 58.



Fig. 4. Praça da República em dia de festa, s/d. Detalhe do traçado, vegetação, gradil, muro, um lago e o coreto de teto pontiagudo. Fonte: Acervo da Biblioteca Almeida Cunha/IPHAN in Silva, 2010, p. 63.



Fig. 5. Praça da República, após a reforma. Fonte: Álbum Artístico, Commercial e Industrial de Pernambuco (1925) apud Aline de Figueirôa Silva (2007, p. 110).

Por volta de 1937, o paisagista Burle Marx planejou a reforma da Praça da República e do Jardim do Palácio, mantendo as esculturas clássicas e as palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*) e especificando coqueiros (*Cocos nucifera*), cajueiros (*Anacardium occidentale*) e mangabeiras (*Hancornia speciosa*), entre outras espécies vegetais. Modificou o traçado, reduziu o excesso de caminhos e acrescentou uma fonte luminosa no centro da composição, o que resultou num jardim monumental. O artista substituiu os bancos por outros do mesmo modelo de granito polido que já havia utilizado nas Praças de Casa Forte e Euclides da Cunha. Também propôs a demolição do prédio do Tesouro Estadual para construir um aquário, um *dancing* e um restaurante, conforme entrevista concedida ao *Diário de Pernambuco* de 20 de maio de 1937.

Todavia, o desenho de Burle Marx (Fig. 6) não foi implantado em sua totalidade na década de 1930, já que o trecho junto ao cais, que seria integralmente incorporado à praça com a demolição do prédio, só foi ajardinado por completo mais tarde – com um canteiro construído em substituição à ideia do aquário. A proposta do paisagista tinha como objetivo a valorização da paisagem das águas com realce para os elementos naturais, o que se configura como um marco de sua intervenção na hoje conhecida Praça da República.

Ao se comparar, na atualidade, o conjunto da Praça da República e do Jardim do Palácio com os croquis de Burle Marx, pode-se comprovar a permanência dos elementos principais da concepção original. Na praça, o desenho é caracterizado pelas simetria e marcação dos eixos de ligação com as edificações do entorno. Hoje, do projeto de Burle Marx não mais existem os caminhos intermediários de traçado orgânico, ainda que tenham permanecido os dois eixos diagonais, compondo com aqueles que já integram o Jardim do Palácio das Princesas (atualmente do Governo do Estado) ao da Justiça, e o Teatro Santa Isabel à paisagem das águas (Figs. 6 e 7).

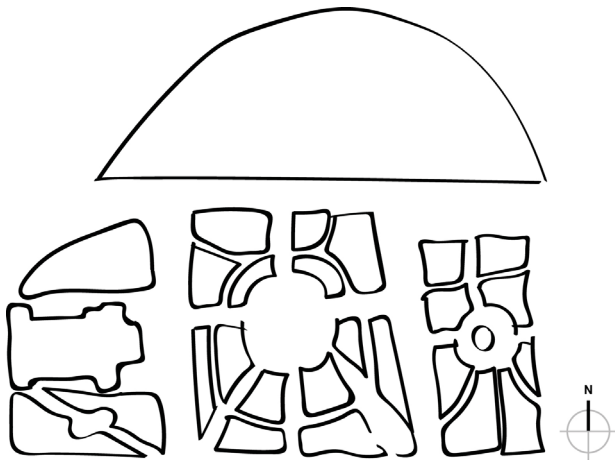


Fig. 6. Digitalização do croqui de Burle Marx, 1936 (Praça da República).
Fonte: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

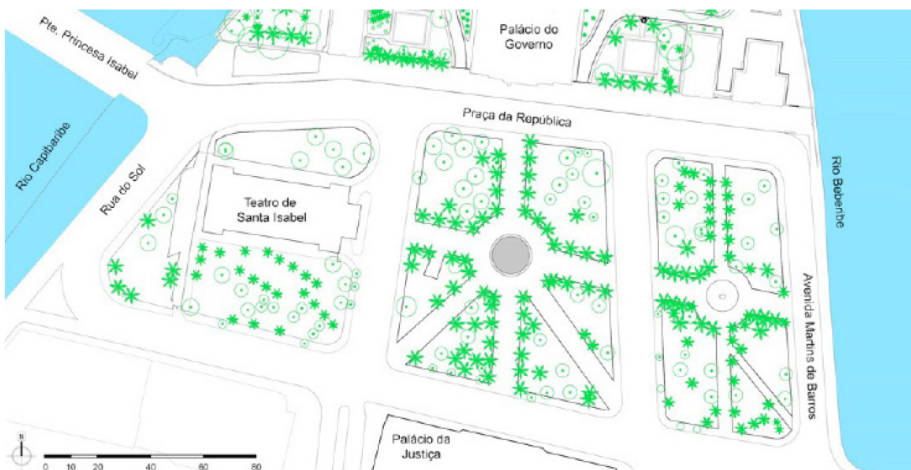


Fig. 7. Praça da República. Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.

O jardim do palácio, cujo limite se encontra indicado na Figura 6, foi concebido por Burle Marx separadamente, em desenho em nanquim sobre papel (Fig. 8).



Fig. 8. Jardim do Palácio do Campo das Princesas. Desenho de Burle Marx, nanquim sobre papel. Fonte: Acervo do Sítio Roberto Burle Marx - IPHAN.

Neste jardim, observa-se a simetria do traçado em relação ao palácio, evidenciada por um eixo central que separa a área em dois espaços amplos e vegetados, contornados por caminhos que permitem o descortino da paisagem das águas (Figs. 9 e 10). É possível verificar, ainda, a exuberância da vegetação, como se vê na Figura 11, foto tirada após a execução do projeto de Burle Marx, e na Figura 12, que mostra a paisagem nos dias de hoje. Essa cobertura vegetal não se encontra especificada no croqui do artista, porém, conforme o estudo botânico apresentado neste documento, as espécies encontradas hoje correspondem àquelas mais utilizadas em outras de suas obras, o que constitui um forte indício de essas terem sido as mesmas recomendadas pelo paisagista.

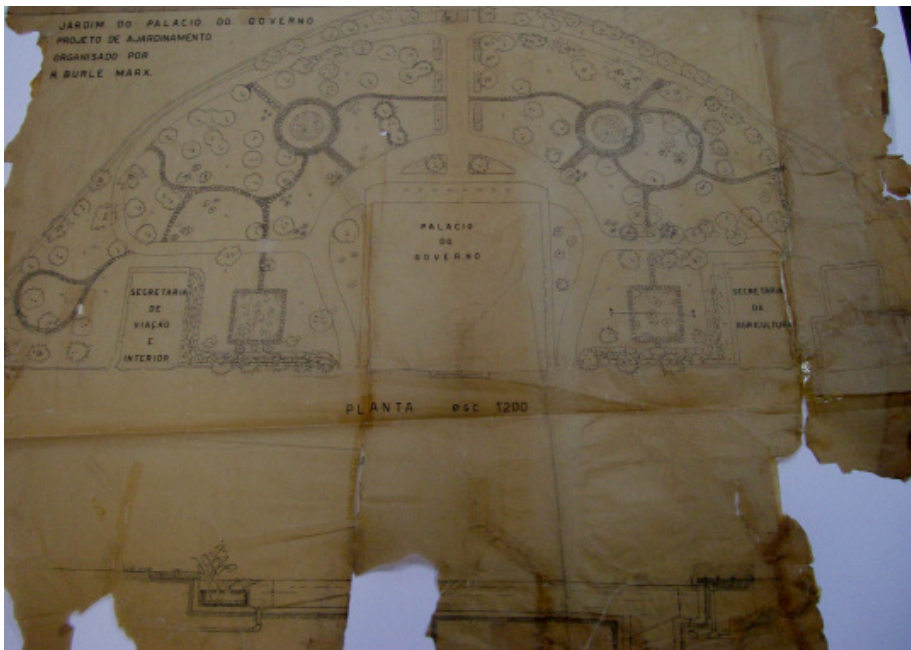


Fig. 9. Jardim do Palácio do Campo das Princesas. Projeto de ajardinamento organizado por Roberto Burle Marx, s/d. Fonte: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

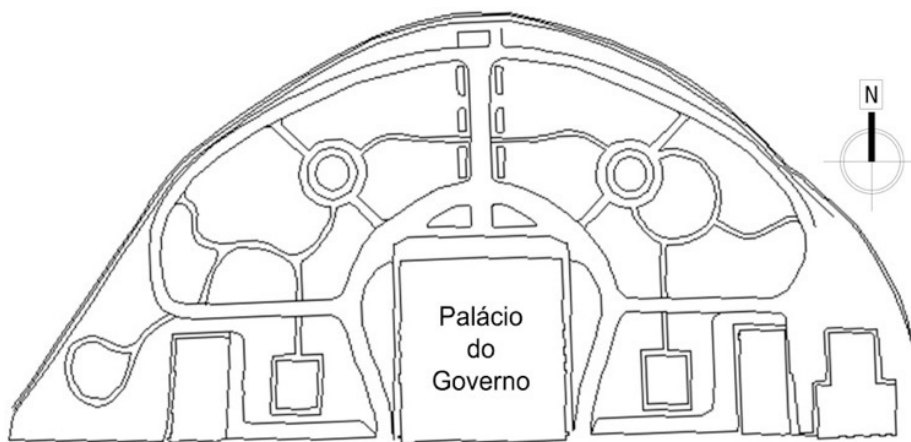


Fig. 10. Digitalização do traçado de Burle Marx para o Jardim do Palácio do Campo das Princesas. Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.

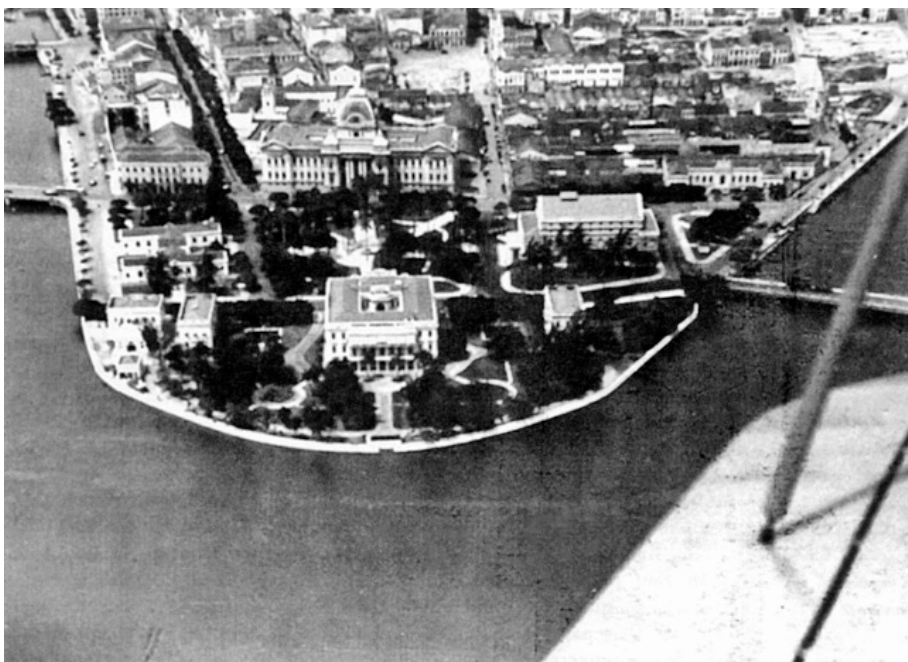


Fig. 11. Praça da República e Jardim do Campo das Princesas, após a execução do projeto de Bulevar Marx. Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.



Fig. 12. Foto aérea da Praça da República e do Jardim do Campo das Princesas, 1999. Fonte: Acervo da Prefeitura do Recife.

A última intervenção na Praça da República, que ocorreu em 1999 sob a responsabilidade da Prefeitura do Recife, introduziu pequenas mudanças no intuito de resgatar as ideias do paisagista. Foram mantidos os eixos com palmeiras-imperiais (*Roystonea oleracea*) e os caminhos diagonais – num dos quais se destaca um imenso baobá (*Adansonia digitata*) –, que conduzem à vias e aos importantes edifícios do entorno. A Figura 13 mostra o conjunto dos jardins que deverão ser tombados segundo uma compreensão de unidade de paisagem.



Fig. 13. Conjunto da Praça da República e do Jardim do Campo das Princesas, 2012. Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

3. Aspectos da paisagem atual

3.1 Estudo arquitetônico

Traçado

O conjunto da Praça da República e do Jardim do Palácio do Campo das Princesas preserva elementos principais da concepção original de Burle Marx: três lances de jardins na praça, unidos por um eixo que se

inicia no Teatro de Santa Isabel e segue até o estuário do Rio Capibaribe, e outro eixo em direção ao Norte, que integra os Palácios da Justiça e do Governo e os rios Capibaribe e Beberibe. No Jardim do Campo das Princesas, caminhos sinuosos acompanham, naturalmente, a configuração original da ilha.

Mobiliário, infraestrutura e revestimento

Mobiliário urbano:

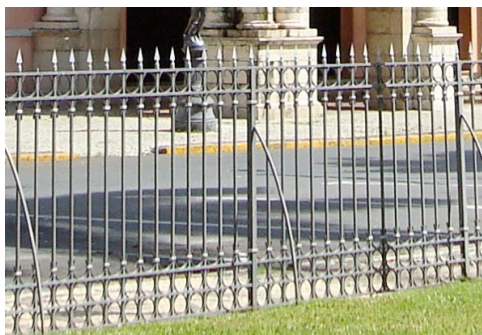
- 68 postes de iluminação de ferro (Figs. 14 a 18);
- 06 bancos antigos decorados (Fig. 19);
- 06 bancos curvos de concreto sem encosto (Fig. 20);
- 15 bancos de madeira tipo veneziano (Fig. 21);
- Gradil de ferro com pintura preta (Fig. 22);
- 01 espelho d'água com fonte (Fig. 23);
- 01 placas de identificação da vegetação de latão e base de ferro com pintura verde (Fig. 24);
- 15 lixeiras redondas com aramado de metal (Fig. 25).



Figs. 14 a 18. Mobiliário urbano. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Figs. 19 e 20. Mobiliário urbano. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Figs. 21 a 25. Mobiliário urbano. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.

Obras de arte:

Praça da República:

- 9 esculturas de divindades clássicas da mitologia greco-romana (Figs. 26 a 34): Juno (rainha dos deuses, protetora das mulheres e do casamento), Diana (deusa da floresta e da caça), Ceres

(deusa da fertilidade e da agricultura), Flora (deusa das flores), Diana de Gabies e Têmis (deusas da justiça), Vesta (deusa dos lares), Níobe e Minerva (deusas da sabedoria, paz, guerras, artes e ciências), com inscrições de “JJ Ducl & Fils” e “E. Lequesne” datadas de 1863 e 1864. A primeira foi de uma fundição francesa, onde foram encomendadas as esculturas, e a outra é do escultor parisiense Eugène Louis Lequesne (1815-1887);

- 4 estátuas: Conde da Boa Vista, de autoria de Felix Charpentier; Luis Léger Vauthier (07/10/1974) e Augusto dos Anjos (12/11/1984), de autoria de Abelardo da Hora; e Conde Maurício de Nassau (17/06/2004), doada pelo Governo Holandês (Figuras 35 a 38);
- 6 esculturas com poste no jardim do Teatro Santa Isabel: duas em cada lateral e duas na entrada.



Figs. 26 e 27. Esculturas de Juno e Diana.

Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Figs. 28 e 29. Esculturas de Ceres e Flora.
Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Figs. 30 e 31. Esculturas de Diana de Gabios e Têmis.
Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Figs. 32 a 34. Esculturas de Vesta, Níobe e Minerva.
Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Figs. 35 e 36. Estátuas do Conde da Boa Vista e Louis Léger Vauthier.
Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Figs. 37 e 38. Estátuas de Augusto dos Anjos e Conde Maurício de Nassau.
Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Fig. 39. Esculturas com poste,
do Teatro Santa Isabel. Foto:
Equipe do Laboratório da
Paisagem/UFPE

Jardim do Palácio do Campo das Princesas:

- 3 esculturas de mármore, sendo uma ninfa em cada espelho d'água (Fig. 39 A e B), e uma do deus Baco no jardim na porção leste (Fig. 40).



Fig. 39 A e B. Esculturas de mármore.
Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Fig. 40. Escultura de mármore: deus Baco. Foto: Marcus Prado, 2012.

Infraestrutura urbana e revestimento:

- Drenagem: sarjetas com boca de lobo e galerias com respectivos poços de visita nos canteiros centrais;
- Passeios: em terra batida ladeados por canteiros gramados (Fig. 41);
- Passeio circular: em pedra portuguesa no entorno da fonte (Fig. 42);
- Depósito subterrâneo para a guarda de material;
- Iluminação: com fiação embutida e caixas de fiação de concreto da CELPE.



Figs. 41 e 42. Revestimento. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.

3.2 Estudo botânico

A relação entre a vegetação e o traçado na Praça da República, desde suas origens, reforça uma intenção renascentista de valorização de eixos e da arquitetura do entorno. A intervenção de Burle Marx respeitou o entendimento dessa paisagem, ao considerar as palmeiras-imperiais (*Roystonea oleracea*) como elementos verticais que induzem os dois percursos estruturadores do espaço: o eixo que interliga os palácios do Governo ao da Justiça e aquele entre o “Palácio das Artes” – Teatro Santa Isabel – e o estuário do Rio Capibaribe. Na interseção desses eixos, a introdução da fonte luminosa por Burle Marx complementou o caráter monumental do espaço, resultando na compreensão da praça como o grande *hall* dos três palácios, que se debruça sobre as águas e se abre para o mar.

Esses eixos principais de acesso definiram canteiros simétricos valorizados pela vegetação arbórea nativa, como os cajueiros (*Anacardium occidentale*) e as mangabeiras (*Hancornia speciosa*), além de outras espécies exóticas, em contraste com a verticalidade das palmáceas. Neste contexto, é fácil perceber a associação que se estabelece entre a monumentalidade da vegetação e o conjunto da arquitetura, que abriga três das principais funções desse espaço cívico do Recife – o poder, a justiça e as artes.

A mesma atitude de respeito ele adota ao intervir no Palácio do Campo das Princesas. Enfatiza a simetria barroca do jardim em relação ao palácio e, ao introduzir passeios às margens das águas, a sinuosidade pitoresca do paisagismo inglês. Esse traçado foi valorizado com a introdução de espécies frondosas, ora reforçando a simetria entre os dois lados do jardim e a ligação imediata entre o palácio e a paisagem de fundo – voltada para o manguezal e as colinas de Olinda –, ora se liberando do barroco em arranjos compositivos próprios do romantismo adotado nesse espaço.

3.2.1 Inventário florístico da Praça da República

A vegetação da Praça da República foi inventariada em dois momentos (Tabela 1). O primeiro inventário foi realizado em 2006 pela equipe do Laboratório de Sistemática de Fanerógamos do Departamento de Botânica da UFPE; o segundo, pela equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, no ano de 2012. Os estratos arbóreo e palmeira se destacaram por possuírem o maior número de espécies. Na Figura 43 observa-se a distribuição espacial das árvores e palmeiras.

Tabela 1. Composição florística da Praça da República, 2012.

Estrato	Nº.	Nome científico	Nome popular	Família	Quant.
Herbácea terrestre	*	<i>Canna indica</i> L.	Cana-da-índia	Cannaceae	-
	*	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A. Juss.	Cróton	Euphorbiaceae	-
	*	<i>Crinum</i> sp.	Crino	Liliaceae	-
	*	<i>Lirium</i> sp.	Lírio	Liliaceae	-
	*	<i>Lilium</i> sp.	Lírio	Liliaceae	-
	*	<i>Ixora coccinea</i> Linn	Alfinete-de-soldado	Rubiaceae	-
	*	<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.	Paquevira	Heliconiaceae	-
Arbustivo escandente	*	<i>Bougainvillea</i> sp.	Bougainville	Nyctaginaceae	-
Arbustivo	*	<i>Hibiscus pernambucensis</i> Arruda	Algodão-da-praia	Malvaceae	-
	*	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	Pau-d'arquinho	Bignoniaceae	-
	*	<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) K. Schum.	Chapéu-de- napoleão	Apocynaceae	-
Árboreo	4	<i>Adansonia digitata</i> L.	Baobá	Bombacaceae	01
	25	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Anacardiaceae	01
	5	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae	09
	*	<i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth.	Sibipiruna	Caesalpiniaceae	-
	3	<i>Cassia fistula</i> L.	Cássia-cordão-de-ouro	Caesalpiniaceae	06
	*	<i>Cassia grandis</i> L. f.	Cássia-grande	Caesalpiniaceae	-
	*	<i>Cassia javanica</i> L.	Cássia-rosa	Caesalpiniaceae	-
	*	<i>Casuarina equisetifolia</i> L.	Casuarina	Casuarinaceae	-
	21	<i>Chorisia</i> sp.	Paineira	Bombacaceae	01
	8	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Flamboyant	Caesalpiniaceae	03
	12	<i>Ficus benjamina</i> L.	Ficus-benjamim	Moraceae	20
	6	<i>Ficus elastica</i> Roxb. ex Hornem.	Ficus-elastica	Moraceae	01
	18	<i>Ficus doliaria</i> (Miq.) Miq.	Gameleira	Moraceae	02
	2	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae	03
	16	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae	05
	27	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	Myrtaceae	01
	26	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira-da-praia	Anacardiaceae	01
	*	<i>Spathodea campanulata</i> P. Beauv.	Espatódea	Bignoniaceae	-
	17	<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Azeitona-roxa	Myrtaceae	02
	13	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Ipê-roxo	Bignoniaceae	07
	11	<i>Tabebuia ochracea</i>	Ipê-branco	Bignoniaceae	05
	7	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Caesalpiniaceae	03
	10	<i>Terminalia catappa</i> L.	Coração-de-negro	Combretaceae	01
28	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze	Tipuana	Fabaceae	06	
*	<i>Lagerstroemia</i> sp.	Jasmim-natal	Lythraceae	-	
Palmeira de médio porte	23	<i>Caryota mitis</i> Lour.	Palmeira-rabo-de-peixe	Arecaceae	02
	*	<i>Phoenix</i> sp.	Palmeira-tâmara	Arecaceae	-
	20	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Catolé	Arecaceae	04

Palmeira de grande porte	19	<i>Livistona chinensis</i> (Jacq.) R. Br. ex Mart.	Palmeira-leque-da-china	Arecaceae	-
	9	<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.	Palmeira-leque-de-fiji	Arecaceae	45
	1	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F. Cook	Palmeira-imperial	Arecaceae	66
	14	<i>Sabal palmetto</i> (Walter) Lodd. Ex Schult. & Schult. F	Palmeira-sabal	Arecaceae	12
	24	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Macaibeira	Arecaceae	04
	15	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Arecaceae	01
	22	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Dendezeiro	Arecaceae	01
Indeterminado	*	<i>Dracaena</i> sp.	Dracena	Asparagaceae	-
	*	<i>Zamia</i> sp.	Zamia	Cycadaceae	-

(*) Por ocasião da segunda etapa do inventário, realizada em 2012, constatou-se que a espécie não mais existe no local.



Fig. 43. Distribuição espacial da vegetação da Praça da República, em 2012.
Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

3.2.2 Inventário florístico do Jardim do Palácio do Campo das Princesas

Assim como na Praça da República, o Jardim do Palácio do Campo das Princesas também teve sua vegetação inventariada em dois momentos. O primeiro inventário foi realizado em 2008; o segundo, em 2012, ambos pela equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE (Tabela 2). A distribuição espacial das árvores, arbustos e palmeiras podem ser vistas na Figura 44.

Tabela 2. Composição florística do Jardim do Palácio do Campo das Princesas, 2012.

Estrato	Nº.	Nome científico	Nome popular	Família	Quant.
Herbáceo	40	<i>Agave angustifolia</i> Haw.	Agave-ornamental	Agavaceae	01
	*	<i>Alternanthera</i> sp.	Vinagreira	Amaranthaceae	-
	*	<i>Duranta repens</i> L.	Pingo-de-ouro	Verbenaceae	-
	*	<i>Ixora coccinea</i> Linn	Alfinete-de-soldado	Rubiaceae	-
	*	<i>Epidendrum</i> sp.	Orquídeas terrestres	Orchidaceae	-
	*	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Jibóia	Araceae	-
	*	<i>Heliconia angustifolia</i> Hook.	Paquevira	Heliconiaceae	-
	*	<i>Heliconia rostrata</i> Ruiz e Pav.	Helicônia	Heliconiaceae	-
	*	<i>Liriope muscari</i> (Decne.) L.H. Bailey	Barba-de-serpente	Liliaceae	-
	*	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Costela-de-adão	Araceae	-
	*	<i>Monstera obliqua</i> Miq.	Monstera	Araceae	-
		*	<i>Paspalum notatum</i> Alain ex Flügge	Gramado	Poaceae
Arbustivo	31	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott	Filodendron	Araceae	02
	*	<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	Buganville	Nyctaginaceae	-
	33	<i>Tabernaemontana corymbosa</i> Roxb. ex Wall.	Jasmim-café	Oleaceae	02
	41	<i>Murraya paniculata</i> Kaneh.	Jasmim-laranja	Rutaceae	01
	18	<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	Apocynaceae	06
	29	<i>Plumeria rubra</i> L.	Jasmim-manga	Apocynaceae	03
	42	<i>Tabernaemontana divaricata</i> (L.) R. Br. ex Roem. & Schult.	Jasmim-crepe	Apocynaceae	01
	27	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	Pau-d'arquinho	Bignoniaceae	02
	37	<i>Mussaenda alicia</i> Hort	Mussaenda vermelha	Rubiaceae	02
	45	<i>Clusia fluminensis</i> Planch. & Triana	Clusia	Clusiaceae	02
Arbóreo	11	<i>Cycas circinalis</i> L.	Cica	Cycadaceae	07
	38	<i>Adenanthera pavonina</i> L.	Olho-de-pombo	Mimosaceae	01
	30	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Anacardiaceae	04
	19	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg	Fruta-pão	Moraceae	03
	21	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae	02
	34	<i>Cassia grandis</i> L. f.	Acácia-grande	Caesalpiniaceae	01
	24	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranjeira	Rutaceae	01
	15	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Flamboyant	Caesalpiniaceae	11
	36	<i>Eucalyptus cf. camaldulensis</i> Dehnh.	Eucalipto	Myrtaceae	02
	47	<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto	Myrtaceae	01
	17	<i>Ficus benjamina</i> L.	Ficus-benjamim	Moraceae	02
	22	<i>Ficus elastica</i> Roxb.	Ficus-elastica	Moraceae	01
	32	<i>Ficus doliaria</i> (Miq.) Miq.	Gameleira	Moraceae	01
	35	<i>Jacaranda mimosifolia</i> D. Don	Jacarandá-mimoso	Bignoniaceae	03
	46	<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit	Leucena	Mimosaceae	01
	25	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae	01
	16	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae	19
	48	<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC	Algaroba	Mimosaceae	01
	43	<i>Ravenala madagascariensis</i> Sonn.	Árvore-do-viajante	Strelitziaceae	01
	44	<i>Schefflera actinophylla</i> (Endl.) Harms	Cheflera	Araliaceae	01
	26	<i>Sterculia foetida</i> L.	Chichá	Sterculiaceae	01
	23	<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Azeitona-roxa	Myrtaceae	02
	20	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambeiro	Myrtaceae	02
	28	<i>Spathodea campanulata</i> P. Beau	Espatódea	Bignoniaceae	02

Palmeira de médio porte	6	<i>Caryota mitis</i> Lour.	Palmeira-rabo-de-peixe	Arecaceae	09
	*	<i>Chamaedorea elegans</i> Mart.	Palmeira-chamedória	Arecaceae	-
	7	<i>Dypsis lutescens</i> (H. Wendl.) Beentje & J. Dransf.	Areca	Arecaceae	35
	14	<i>Phoenix roebelinii</i> O'Brien	Tamareira-anã	Arecaceae	01
	12	<i>Phoenix canariensis</i> Hort. ex Chabaud	Palmeira-fênix	Arecaceae	01
	5	<i>Ptychosperma macarthurii</i> (H. Wendl. ex H. J. Veitch) H. Wendl. ex Hook. f.	Palmeira-pticosperma	Arecaceae	11
	10	<i>Rhapix excelsa</i> (Thunb.) A. Henry ex Rehder	Palmeira-ráfis	Arecaceae	01
	13	Arecaceae	-	Arecaceae	01
Palmeira de grande porte	1	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Macaibeira	Arecaceae	32
	3	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Arecaceae	06
	*	<i>Livistona australis</i> Mart.	Palmeira-leque-de-saia	Arecaceae	-
	9	<i>Livistona chinensis</i> (Jacq.) R. Br. ex Mart.	Palmeira-leque-da-china	Arecaceae	11
	4	<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.	Palmeira-leque-de-fiji	Arecaceae	16
	2	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O. F. Cook	Palmeira-imperial	Arecaceae	45
	*	<i>Roystonea regia</i> (Kunth) O. F. Cook	Palmeira-real	Arecaceae	
	8	<i>Sabal palmetto</i> (Walter) Lodd. Ex Schult. & Schult. F.	Palmeira-sabal	Arecaceae	16

(*) Por ocasião da segunda etapa do inventário, realizada em 2012, constatou-se que a espécie não mais existe no local.



Fig. 44. Distribuição espacial da vegetação do Jardim do Palácio do Campo das Princesas em 2012. Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

3.3 Aspectos sociais, legais e do entorno

Este conjunto está inserido na área antiga da cidade, com predominância de usos institucional e comercial. Por sediar o governo estadual, o local é bem cuidado pelo poder público, atraindo também visitantes e turistas.

O entorno é constituído do Palácio da Justiça, do Teatro Santa Isabel, do Palácio do Governo e do Liceu de Artes e Ofício. O Palácio da Justiça foi projetado pelo arquiteto Giacomo Palumbo em 1930 (SIL-

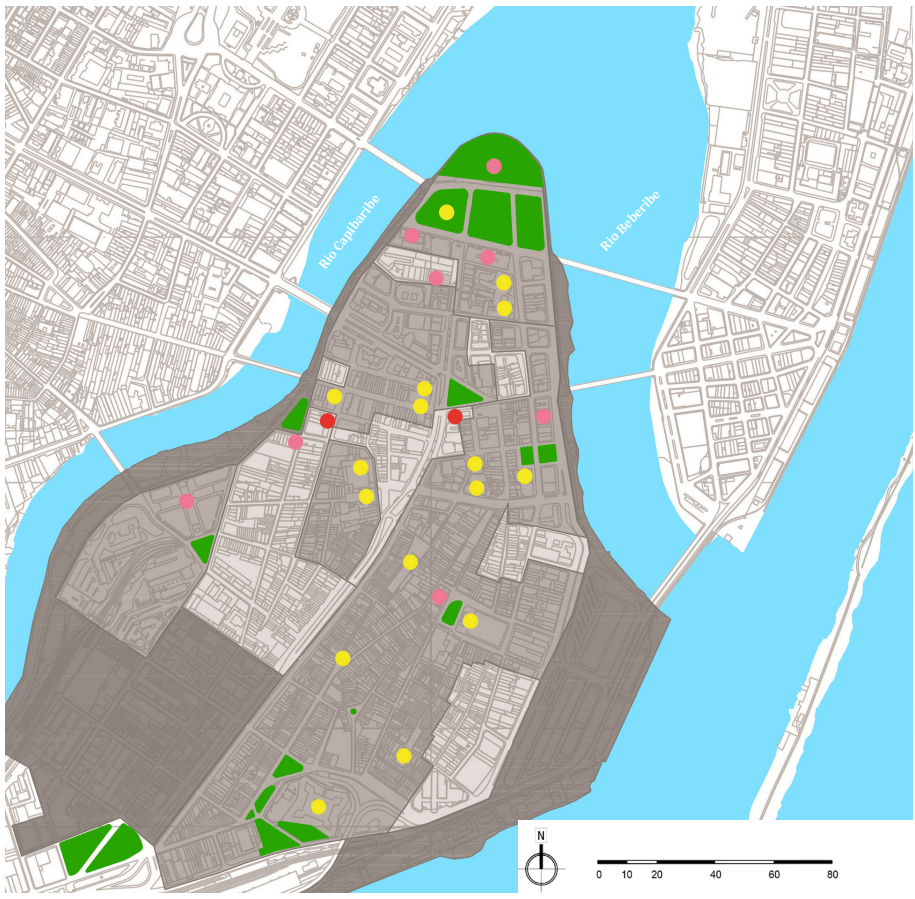
VA, G. G. da, 1987, p. 194); o Teatro de Santa Isabel, pelo engenheiro francês Louis Léger Vauthier, e o Liceu de Artes e Ofícios, por José Tibúrcio Pereira Magalhães, além de construído entre os anos de 1871 e 1880 para funcionar como sede da Escola de Ofícios, mantida pela Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco.

Os principais aspectos sociais e legais são:

- Eventos: cenário de atrações natalinas e carnavalescas e espaço de inúmeras manifestações sociais;
- Usuários: transeuntes, turistas, visitantes e funcionários do entorno, em horários livres;
- Situação legal: a praça e o jardim estão inseridos na ZEPH 10 dos bairros de Santo Antônio e de São José.

Os principais aspectos identificados no entorno são:

- Edificações históricas: Teatro de Santa Isabel, Palácio do Campo das Princesas, Palácio da Justiça e Liceu de Artes e Ofícios;
- Paradas de ônibus: uma em frente ao edifício da Caixa Econômica Federal e outra em frente ao edifício da Secretaria da Fazenda do Estado;
- Relações visuais: com as edificações históricas do entorno, com o Rio Capibaribe e Beberibe e com os bairros do Recife (Centro), da Boa Vista e de Santo Amaro;
- Vias de acesso: Av. Martins de Barros e Av. Princesa Isabel;
- Elementos naturais: Rios Capibaribe e Beberibe e o manguezal;
- Pontos de venda informal: ambulantes instalados perto das paradas de ônibus.



Legenda:









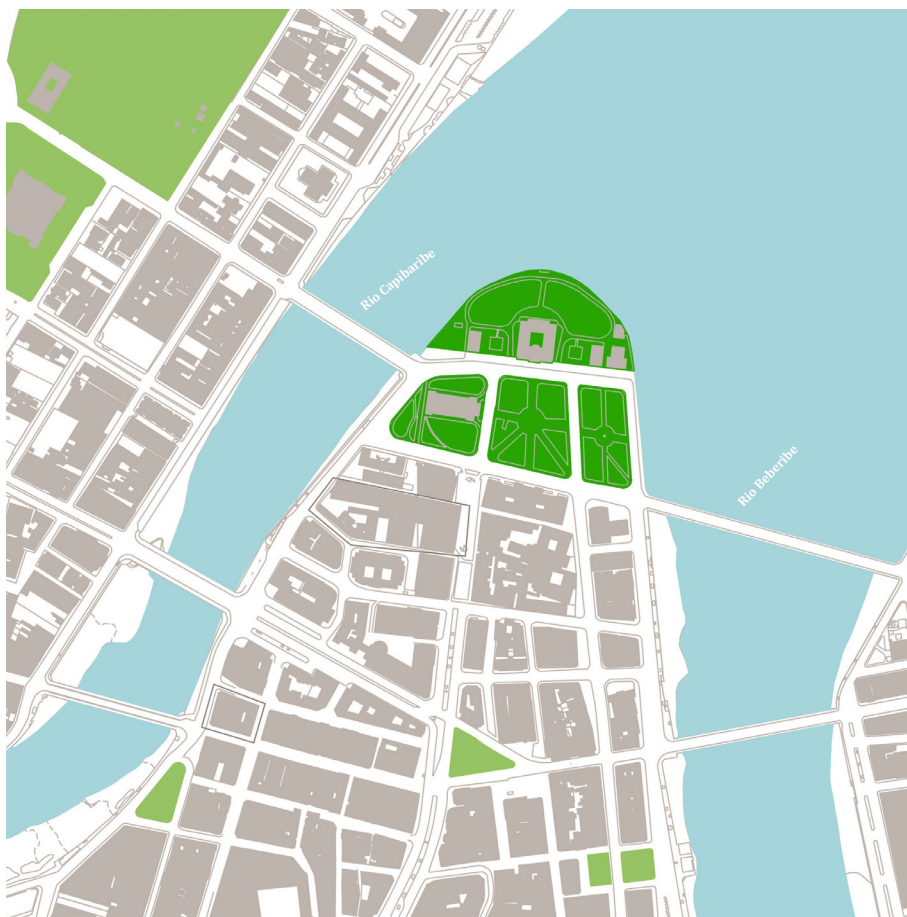
- | | | |
|---|--|--|
| Zona Especial do Patrimônio Histórico - Cultural
ZEPH 10 - Santo Antônio/São José: | | |
|  | Setor de Preservação Rigorosa - SPR |  Imóveis Especiais de Preservação |
|  | Setor de Preservação Ambiental - SPA |  Monumentos Federais Tombados |
|  | Zona Especial de Desenvolvimento Econômico
ZEDE - Centro Especial |  Monumentos Estaduais Tombados |
| | |  Espaços Livres Públicos |
| | |  Curso d'água |

Fig. 45. Mapa dos Bens Tombados, ZEPH 10: Bairros de Santo Antonio e de São José (Recife).
Fonte: Laboratório da Paisagem da UFPE, 2008.



Legenda:

- Campo das Princesas e Praça da República
- Espaços Livres Públicos

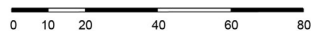


Fig. 46. Planta de situação da Praça da República e do Jardim do Campo das Princesas, elaborada a partir da Unibase da Fidem, 2008. Fonte: Laboratório da Paisagem da UFPE

3.4 Intervenção

Em 1999, a Prefeitura da Cidade do Recife interviu na Praça da República, com o objetivo de recuperar a vegetação e promover ajustes segundo o desenho de Burle Marx, dando ênfase à imponência dos eixos de palmeiras-imperiais (*Roystonea oleracea*) e ao descortino da paisagem. Além desse propósito, outras ideias fizeram parte do proje-

to, como a criação de largos passeios interligando os três jardins, para impedir a ocupação da área por estacionamento, e a criação de um balcão e de um píer que dariam continuidade ao eixo central longitudinal (do teatro ao rio), integrando a praça às águas. Abrir o espaço era, inclusive, a ideia do paisagista, que já havia aconselhado a demolição do prédio do Tesouro Estadual em 1937, para garantir o descortino ao Recife das águas.

3.5 Adoção

A Praça da República não é adotada – sendo mantida pela Prefeitura do Recife – e o Jardim do Campo das Princesas é cuidado pelo Governo de Pernambuco.

3.6 Estado de conservação

Apesar de não ser adotada, a praça apresenta bom estado de conservação, provavelmente por ser reconhecida e utilizada como espaço cívico da cidade. O Jardim do Campo das Princesas também está em bom estado de conservação.

4. Avaliação da paisagem futura

A Praça da República e o Jardim do Campo das Princesas constituem uma unidade da paisagem histórica do Recife – iniciada com o Parque de Friburgo no século XVII –, que apresenta espaços livres e elementos construídos. Apesar do caráter semi-público do Jardim do Palácio do Campo das Princesas, do qual faz parte da área interna do Palácio do Governo do Estado, esse conjunto deve ser mantido de forma articulada para garantir a conservação do traçado do projeto original e da vegetação.

Uma das ameaças mais fortes aos projetos de Burle Marx é a inadequada manutenção da vegetação indicada por ele. Em relação a isso, é possível perceber a introdução de novas espécies sem o devido estudo botânico e sem o respeito ao traçado original e à relação entre os dois espaços – idealizados pelo paisagista. Considere-se, ainda, o fato de o conjunto se situar num local de trânsito intenso, o que interfere na sua integridade.

Por outro lado, o caráter político-cultural dessa unidade tem importância tal que, na prática, esse é dos mais bem cuidados locais onde

se encontram as obras do paisagista, reverenciado e cultuado – provavelmente, sem o conhecimento de muitos – por todos aqueles que transitam, ou apenas contemplam, a Praça da República e o Jardim do Palácio do Campo das Princesas, também conhecido como Jardim do Palácio do Governo. O espírito de Roberto Burle Marx se esconde e, ao mesmo tempo, se apresenta nesse cenário em que o verde salta aos olhos. Acreditando que o acervo desse mestre tende a ser cada vez mais reconhecido e valorizado, a Praça da República e o Jardim do Campo das Princesas devem se eternizar na cidade.

Ficha 4: Praça do Derby

1. Identificação

Localização: Rua Jenner de Souza, Av. Governador Carlos Lima Cavalcante e Av. Governador Agamenon Magalhães, próxima ao Quartel da Polícia Militar e ao Memorial de Medicina, no bairro do Derby

Área: 26.900,71 m²

Projeto de Burle Marx: 1937

Projeto anterior: 1925 (autor não identificado)

Outra designação: Parque do Derby

2. Aspectos históricos

A área onde hoje se situa a Praça do Derby pertencia à Estância de Henrique Dias, local onde foi criada a Sociedade Esportiva Derby Clube de Pernambuco, em 1888, que se dedicava ao incentivo do hipismo. No mesmo ano, essa associação foi responsável pela inauguração do Prado da Estância, o qual dispunha de arquibancadas para aproximadamente duas mil pessoas, restaurantes, botequins, salões, pavilhão e outras atrações. O encerramento das atividades turfísticas da Sociedade Derby Clube aconteceu dez anos depois, quando a área do prado foi arrematada por Delmiro Gouveia, construtor da primeira usina geradora de energia elétrica no sertão de Alagoas – a Usina de Angiquinho –, que ali instalou o Mercado Modelo Coelho Cintra. O negócio funcionava durante vinte quatro horas e oferecia produtos diversos a baixo custo, além de entretenimento ao público: barraquinhas e casas de jogos, carrosséis, música e retretas, palestras, enfim, oportunidades para o convívio social. Esse polo motivou a instalação, nas proximidades, da Pensão do Derby, cujo objetivo era hospedar os visitantes,

sendo ela mais tarde transformada no Grande Hotel Internacional, que foi inaugurado junto com o “velódromo” (pista para provas de ciclismo e patinação). Após o incêndio do mercado, em 1900, o local ficou abandonado por mais de duas décadas. No século XX, a área era chamada de Campina do Derby, local onde se praticava o golfe e o futebol.

Anos depois, foi adquirida pela prefeitura e, em seguida, repassada ao estado de Pernambuco. Em 1924, o governador Sérgio Loreto decidiu criar o bairro do mesmo nome, a partir de um plano urbanístico para o Parque do Derby: um espaço central, um canal de drenagem (atual Derby-Tacaruna) e ruas arborizadas nos moldes vigentes na Europa desde o século XVIII. A urbanização da Campina do Derby foi viabilizada com a venda de lotes, o que possibilitou uma rápida edificação de todo o bairro, na época considerado aristocrático, em função de confortáveis residências e dos palacetes ali existentes (Fig. 1).

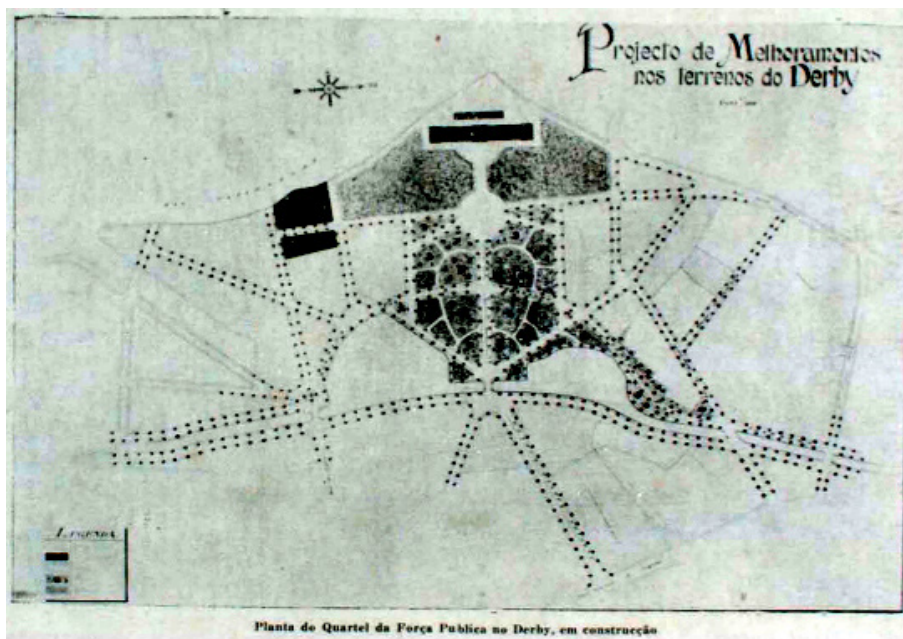


Fig. 1. Projeto de melhoramentos dos terrenos do Derby, 1924.
Fonte: Revista de Pernambuco, Ano 1, n. 1, jul. 1924.

O canal Derby-Tacaruna foi drenado e regularizado segundo as recomendações do engenheiro Saturnino de Brito, definidas em 1917. O projeto do parque articulava-se com o Quartel da Polícia Militar edificado no mesmo local do Mercado Modelo, às margens do Rio Capi-

baribe. Em estilo considerado renascentista, o quartel é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Em fins de 1924, os primeiros lotes residenciais foram comercializados, e em março de 1925, a Revista de Pernambuco publicava uma perspectiva do futuro parque e de parte do entorno (Fig. 2). De acordo com a revista citada, a imagem do Derby era a de um “Novo Recife”: um eixo central dominante dividia o grande espaço retangular em duas porções simétricas, cada uma cortada por alamedas transversais. Esse traçado correspondia a espaços triangulares nos extremos e, no centro, a outros dois trapezoidais, com canteiros. Recintos para entretenimento e descanso asseguravam privacidade e articulação através de caminhos de pedestres, fugindo da rígida simetria ainda em voga nos jardins públicos.



Fig. 2. Projeto do Parque do Derby mostrando alamedas, o rio e o canal. Fonte: Revista de Pernambuco, Ano 2, n. 9, mar. 1925.

Na porção norte do parque, o recinto principal dispunha de um lago e, adiante, a caminho do canal, de uma pérgula em forma de meia lua, que exibia colunas em estilo coríntio (o coreto). No outro lado, uma pérgula dórica erguia-se perto de um lago com uma ilha central, idilicamente referida ainda hoje como a Ilha dos Amores, envolvida por plan-

tas em diferentes estratos e por estátuas de inspiração greco-romana (Fig. 3). Supõe-se que, na década de 1920, os perfis clássicos do coreto teriam sido deixados, propositadamente, inacabados, na intenção de simular uma ruína a título de evocação do paisagismo romântico dos parques ingleses dos séculos XVIII e XIX (Fig. 4). Pela sua complexidade, o projeto do Parque do Derby pressagiava mudanças, de acordo com dados mencionados na Revista Pernambuco, ensaiando-se no Recife o emprego de elementos de caráter decorativo nos espaços livres.



Fig. 3. Praça do Derby, pérgula em estilo dórico. Fonte: Revista de Pernambuco, Ano 1, n. 4, out. 1924.

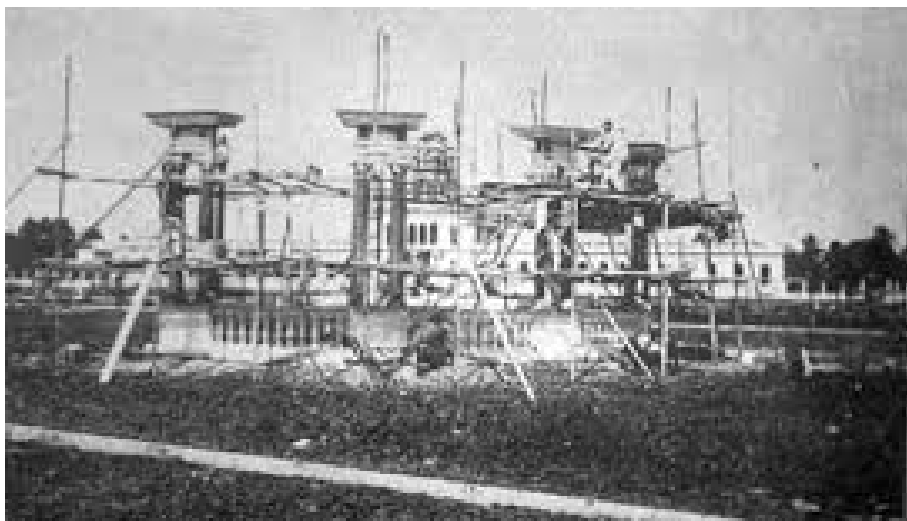


Fig. 4. Parque do Derby, pérgula em estilo coríntio (coreto). Fonte: Fig. 4. Parque do Derby, pérgula em estilo coríntio (coreto). Fonte: Revista de Pernambuco in Silva, 2010, p. 100.

Durante as décadas de 1920 e 1930, outras instituições foram edificadas no seu entorno: a Faculdade de Medicina (1927), na esplanada onde se erguera o hotel de Delmiro Gouveia, a maternidade, o Teatro do Derby e a Casa do Estudante de Pernambuco.

Em 1937, Burle Marx iniciou a reforma do Parque do Derby – atual Praça do Derby –, respeitando as marcas essenciais do que encontrou. Manteve a disposição dos espaços, o eixo principal e os transversais, assim como os passeios de pedestres, suavizando as linhas retas em curvas e conferindo maior espontaneidade ao conjunto (Figs. 5 e 6). Uma naturalidade que se acentuaria com o acréscimo de grupos de árvores em arranjos livres, em vários pontos da praça, além de uma bem sucedida associação de palmeiras das mais diversas espécies, úteis e ornamentais, trazidas adultas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Coube-lhe ainda a introdução nos canteiros de espécies nativas e exóticas de indiscutível efeito plástico, a exemplo dos arbustos, complementos escultóricos das forrações e das margens dos lagos, isolados ou em grupos, entre eles o *Pandanus* sp., notável pela altura e pelas raízes de suporte (Fig.7).

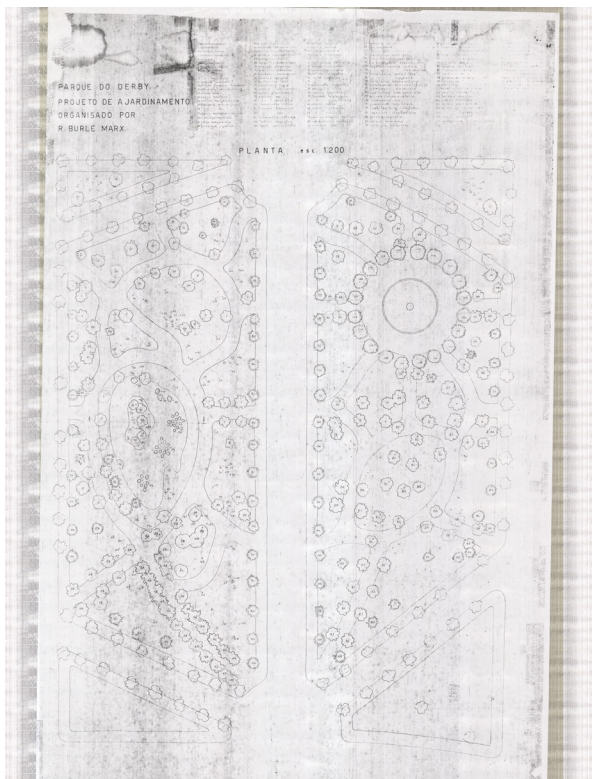


Fig. 5. Desenho de Burle Marx para a Praça do Derby.
Fonte: Dourado (2000, p. 266).

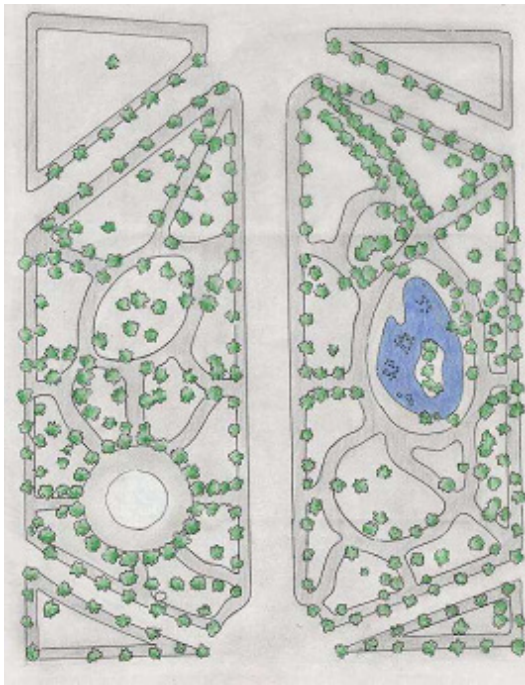


Fig. 6. Reativamento do desenho de Burle Marx da Praça do Derby.
Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE, 2001.



Fig. 7. Desenho de Burle Marx, Praça do Derby, 1936. Fonte: Marx (1987, p. 163)

É possível que Burle Marx não pretendesse conservar as anacrônicas estruturas do coreto e da pérgula em estilo dórico – esta posteriormente convertida em orquidário –, visto não constarem no projeto de reforma que lhe é atribuído (Fig. 8).

Contudo, essas estruturas permaneceram nos seus locais, testemunhando os traços europeus do projeto. Por outro lado, ele valorizou a Ilha dos Amores, relocando as estátuas com o devido destaque e, sobretudo, mantendo as alamedas que sombreavam os percursos, o que tornou o conjunto mais agradável (Fig. 9). Pretendia ainda plantar orquídeas roxas na pérgula em estilo dórico, afirmando que “as jitiranas e mesmo o mangue também vão servir para ornamento” (A REFORMA..., 1937).



Fig. 8. Praça do Derby, pérgula com flores, 1930/40. Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.



Fig. 9. Ilha dos Amores, vista do lago, 1930/40. Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.

Em 1958, o extinto Departamento de Bem-Estar Público da Prefeitura do Recife realizou grandes obras de manutenção e recuperação no espaço. Na oportunidade, mereceram destaque o plantio complementar e a reposição de palmeiras adultas, assim como a construção de um viveiro para um peixe-boi. Durante duas décadas esse animal foi um dos maiores atrativos da praça, sendo levado no final da década 1980 para as instalações do projeto de proteção a essa espécie na Ilha de Itamaracá.

Na época em que a decadência atingia o bairro do Derby, alguns aspectos do traçado original da praça foram alterados (1985) – o único e grande espaço verde do bairro, embora beneficiasse a população de outros locais do Recife, foi quase esquecido, num intervalo de tempo

considerável, pelos sucessivos gestores urbanos. O que se verificou foi a instalação de barracas de comércio informal nas proximidades das paradas de ônibus, além de atos de vandalismo, como a degradação do mobiliário urbano, que nem sequer respeitou a beleza clássica das estátuas de mármore.

O Projeto de Restauração da Praça do Derby foi concebido em 2003 por técnicos da Emlurb com a consultoria do Laboratório da Paisagem/UFPE, sendo executado apenas em 2008. O projeto foi definido com base nos desenhos de Burle Marx de 1936 e em fotografias antigas, adequando-se o traçado à implantação do Terminal de Passageiros do Corredor Leste-Oeste. Foram inseridas novas espécies vegetais, um bloco de serviços e brinquedos infantis (Figs. 10 e 11).



Fig. 10. Vista da vegetação da Ilha dos Amores, 2012. Foto: Marcus Prado.



Fig. 11. Vista da pérgula e da aleia de tamarineira, 2012. Foto: Marcus Prado.

3. Aspectos da paisagem atual

3.1 Estudo arquitetônico

Traçado

A Praça do Derby é composta de duas partes, nas quais predominam as linhas curvas procedentes do traçado de Burle Marx de 1936, ilustrado por uma densa massa de vegetação. Assim, caminhos sinuosos em terra batida contornam as áreas maiores do *playground* e da Ilha dos Amores envolvendo ainda o coreto, o orquidário e o lago com fonte. Alguns caminhos em linha reta são marcados por fileiras de palmeiras de diferentes espécies, com destaque para as palmeiras-imperiais (*Roystonea oleracea*) junto aos terminais de ônibus da Av. Carlos de Lima Cavalcanti, via pública que divide a praça.

Mobiliário, infraestrutura e revestimento

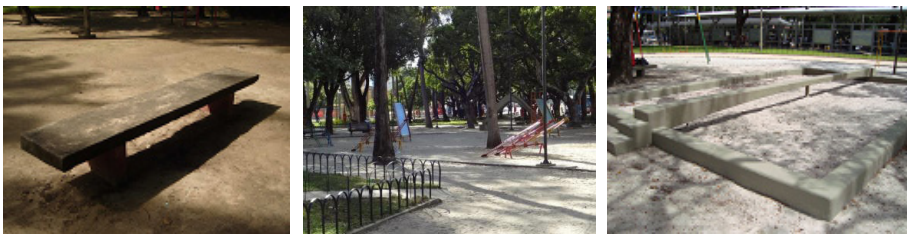
Com o projeto de restauração foram introduzidos novos brinquedos de ferro no *playground*, um bloco com sanitários e administração e uma caixa d'água de concreto. Também foi recuperada uma pequena ponte que dá acesso à Ilha dos Amores.

Mobiliário urbano:

- 78 postes de iluminação de concreto e ferro (Figs. 12, 13 e 14);
- 06 lixeiras de plástico na cor vermelha (Fig.15);
- 47 bancos de madeira estilo veneziano (Fig.16);
- 10 bancos de concreto sem encosto (Fig.17);
- 16 brinquedos de ferro (Fig.18);
- 02 brinquedos de concreto (Fig. 19);
- 01 pérgula em estilo coríntio (coreto) (Fig. 20);
- 01 pérgula em estilo dórico (orquidário) (Fig. 21);
- 01 bloco de apoio (sanitários e administração) (Fig. 22);
- 01 lago com fonte (Fig. 23);
- Cerca protetora de ferro (Fig. 24).



Figs. 12 a 16. Mobiliário urbano. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Figs. 17 a 19. Mobiliário urbano. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Figs. 20 a 22. Mobiliário urbano. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Figs. 23 e 24. Mobiliário urbano. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012..

Infraestrutura urbana e revestimento:

- Drenagem: bueiros nas vias circundantes;
- Passeios externos: calçada de cimento;
- Passeios internos: terra batida;
- Caixa d'água de cimento;
- Iluminação: faixa embutida e caixas da Companhia de Eletricidade de Pernambuco (CELPE).

Obras de arte:

Esculturas:

04 esculturas de deusas.

- Divindade 1 (Fig. 25);
- Divindade 2 (Fig. 26);
- Divindade 3 (Fig. 27);
- Divindade 4 (Fig. 28).

02 jarros de ferro:

- Jarro 1 (Fig. 29);
- Jarro 2 (Fig. 30).



Figs. 25 a 28. Obras de arte. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.



Figs. 29 e 30. Obras de arte. Fotos: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.

3.2 Estudo botânico

A Praça do Derby foi o maior espaço público trabalhado por Burle Marx no Recife na década de 1930. Já não eram mais as reduzidas áreas das praças de Casa Forte ou Euclides da Cunha, com seus traçados geométricos determinados por seus entornos e com forte valorização de distintos ecossistemas. No Derby, Burle Marx encontra um parque com linhas barrocas, instalado sobre uma campina de grande dimensão, o que lhe permitiu redesenhá-lo sob o olhar pitoresco do romantismo inglês, respeitando parte do traçado e dos equipamentos ali encontrados. Assim, o paisagista relaciona harmonicamente os eixos principais do barroco francês às novas linhas orgânicas do romantismo inglês, o que permitiu, para cada espaço da praça, a exposição de elementos de destaque. Nesse parque já existia uma vegetação instalada desde 1925 e que foi considerada pelo paisagista. Portanto, a lista de vegetação por ele apresentada no Projeto de A Jardinamento do Parque do Derby reúne a vegetação existente e a que foi introduzida.

Ao propor linhas românticas, o projeto incrementa a vegetação arbórea com ficus (*Ficus benjamina*), ipês-amarelo-do-cerrado (*Tabebuia aurea*) e oitis-da-praia (*Licania tomentosa*), por exemplo, e insere aleias de palmeiras como palmeiras-imperiais (*Roystonea oleracea*) e dendezeiro (*Elaeis guineensis*), entre outras, contornando as sinuosas curvas. A intervenção cuidadosa do paisagista acentua, com a vegetação, o idílico refúgio da Ilha dos Amores, e ressalta as pérgulas coríntia e dórica, dando ênfase aos próprios elementos antes perdidos na composição.

3.2.1 Projeto de ajardinamento de Burle Marx para a Praça do Derby

Para o projeto da Praça do Derby, Burle Marx registrou em planta baixa um total de 107 espécies (existentes e introduzidas) dos mais diferentes extratos vegetais (Tabela 1). O extrato herbáceo foi o mais representativo, compreendendo um total de 44 espécies. Para um total de 9 espécimes (Tabela 2) não foi possível chegar a uma classificação, seja pelos nomes não estarem legíveis, seja por não constar, nas bases de dados taxonômicos, a mudança de nomenclatura dos nomes identificados.

Tabela 1. Composição florística do Parque do Derby, projeto de ajardinamento organizado por Roberto Burtle Marx.

Estrato	Especificação por Burtle Marx	Nome científico atualizado	Nome popular	Família
Herbácea aquática	<i>Nymphaea</i>	<i>Nymphaea</i> sp.	Ninféia	Nymphaeaceae
	<i>Typha angustifolia</i>	*	Taboa	Typhaceae
Herbácea terrestre	<i>Victoria regia</i>	<i>Victoria amazonica</i>	Vitória-régia	Nymphaeaceae
	<i>Caladium bulbosum</i>	*	Caladium	Araceae
	<i>Canna indica</i>	*	Cana-da-índia	Cannaceae
	<i>Carludovica palmata</i>	*	Chapéu-de-panamá	Cyclanthaceae
	<i>Gynerium argenteum</i>	<i>Cortaderia selloana</i>	Capim-dos-pampas	Poaceae
	<i>Dieffenbachia</i>	<i>Dieffenbachia</i> sp.	Comigo-ninguém-pode	Araceae
	<i>Alpinia speciosa</i>	<i>Etlingera elatior</i>	Bastão-do-imperador	Zingiberaceae
	<i>Fourcroya gigantea</i>	<i>Furcraea gigantea</i>	Piteira	Zingiberaceae
	<i>Hedychium</i>	<i>Hedychium</i> sp.	Lírio-do-brejo	Zingiberaceae
	<i>Ixora coccinea</i>	*	Ixora	Rubiaceae
	<i>Orchideas</i>	<i>Orchis</i> sp.	Orquídea	Orchidaceae
	<i>Phaemeria magnifica</i>	*	Rosa-de-porcelana	Zingiberaceae
	<i>Salvia splendens</i>	*	Sangue-de-adão	Lamiaceae
	<i>Spiraea chamaedrifolia</i>	<i>Spiraea ser. Chamaedryfoliae</i>	Flor-de-noiva	Rosaceae
	<i>Strelitzia augusta</i>	*	Estrelitzia-branca	Strelitziaceae
	<i>Strelitzia reginae</i>	*	Flor-ave-do-paraiso	Strelitziaceae
	<i>Bougainvillea</i>	<i>Bougainvillea</i> sp.	Bougainville	Nyctaginaceae
	<i>Brunfelsia grandiflora</i>	*	Manacá-de-cheiro	Solanaceae
	<i>Brunfelsia hopbeana</i>	<i>Brunfelsia hopeana</i>	Manacá-de-cheiro	Solanaceae
	<i>Croton variegatus</i>	<i>Codiaeum variegatum</i>	Cróton	Euphorbiaceae
	<i>Dracaena massangeana</i>	*	Dracena	Liliaceae
	<i>Hibiscus chyzopetalus</i>	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> var. <i>schizopetalus</i>	Hibisco	Malvaceae
	<i>Medinilla magnifica</i>	*	Medilina	Melastomataceae
	<i>Nerium oleander</i>	*	Espirradeira	Apocynaceae
	<i>Nolina recurvata</i>	*	Pata-de-efefante	Liliaceae
	<i>Malpigheia coccigena</i>	<i>Malpighia coccigera</i>	Malpígia	Malpighiaceae
	<i>Montanoa bipinnatifida</i>	<i>Montanoa bipinnatifida</i>	Montanoa	Asteraceae
	<i>Tecoma floescens</i>	<i>Tecoma stans</i>	Ipezinho	Bignoniaceae
	<i>Ravenala guyannensis</i>	<i>Phenakospermum guyannense</i>	Pacová-de-sororoca	Strelitziaceae
	<i>Ravenala madagascariensis</i>	*	Árvore-do-viajante	Strelitziaceae
<i>Plumbago capensis</i>	<i>Plumbago auriculata</i>	Nuvem	Plumbaginaceae	
<i>Randia aculeata</i>	*	Indigueira-branca	Rubiaceae	
<i>Ricinus spc.</i>	<i>Ricinus</i> sp.	-	Euphorbiaceae	
<i>Tecoma spc.</i>	<i>Tecoma</i> sp.	-	Bignoniaceae	
<i>Cereus jamacaru</i>	*	Mandacaru	Cactaceae	
<i>Cycas circinalis</i>	*	Palmeira-samambaia	Cycadaceae	
<i>Cycas revoluta</i>	*	Palmeira-sagu	Cycadaceae	
<i>Encephalartos barteri</i>	*	Cica	Cycadaceae	
<i>Pandanus utilis</i>	*	Pandano	Pandanaceae	
<i>Pandanus racemosus</i>	*	Pandano-rasteiro	Pandanaceae	
<i>Cypetta-longigolia</i>	<i>Cypella longifolia</i>	Marica-amarela	Iridaceae	
<i>Cyrtopodium bonatatum</i>	<i>Cyrtopodium bracteatum</i>	Sumaré-da-pedra	Orchidaceae	

Árboreo	<i>Adenanthera pavonina</i>	*	Olho-de-pombo	Mimosaceae
	<i>Artocarpus incisa</i>	<i>Artocarpus altilis</i>	Fruta-pão	Moraceae
	<i>Bauhinia monandra</i>	*	Árvore-orquídea	Caesalpinieaceae
	<i>Boudichia nitida</i>	*	Sucupira-amarela	Fabaceae
	<i>Calycophyllum spruceanum</i>	*	Pau-mulato	Rubiaceae
	<i>Cassia fastuosa</i>	*	Cássia-mari-mari	Caesalpinieaceae
	<i>Cassia ferruginea</i>	*	Chuva-de-ouro	Caesalpinieaceae
	<i>Cassia fistula</i>	*	Cássia-cordão-de-ouro	Caesalpinieaceae
	<i>Cassia grandis</i>	*	Cássia-grande	Caesalpinieaceae
	<i>Cassia javanica</i>	*	Cássia-rosa	Caesalpinieaceae
	<i>Cassia leptophylla</i>	*	Falso-barbatimão	Caesalpinieaceae
	<i>Chrysophyllum cainito</i>	*	Folha-de-cetim	Sapotaceae
	<i>Clusia alba</i>	*	Copei	Clusiaceae
	<i>Crescentia cujete</i>	<i>Crescentia cujete</i>	Coité	Bigoniaceae
	<i>Poinciana regia</i>	<i>Delonix regia</i>	<i>Flamboyant</i>	Caesalpinieaceae
	<i>Ficus benjamina</i>	*	Ficus-benjamins	Moraceae
	<i>Lagerstroemia indica</i>	*	Rosedá ou extremosa	Lythraceae
	<i>Lagerstroemia flosreginae</i>	<i>Lagerstroemia speciosa</i>	Rosedá	Lythraceae
	<i>Moquilea tomentosa</i>	<i>Licania tomentosa</i>	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae
	<i>Mangifera indica</i>	*	Mangueira	Anacardiaceae
	<i>Piptadenia sp.</i>	<i>Piptadenia sp.</i>	Angico	Mimosaceae
	<i>Sapindus esculentus</i>	<i>Talisia esculenta</i>	Pitombeira	Sapindaceae
	<i>Schizolobium excelsum</i>	<i>Schizolobium parahyba</i>	Guapuruvú	Caesalpinieaceae
	<i>Scuzolobium exebbsum</i>	<i>Ormosia excelsa</i>	Buiaçú	Fabaceae
	<i>Spathodea campanulata</i>	*	Espátodea	Bignoniaceae
	<i>Tecoma chrysostricha</i>	<i>Tabebuia chrysostricha</i>	Ipê-amarelo-do-cerrado	Bignoniaceae
	<i>Tecoma heptaphylla</i>	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	Ipê-roxo	Bignoniaceae
	<i>Tamarindus indica</i>	*	Tamarindo	Caesalpinieaceae
	<i>Taxodium distichum</i>	*	Cipreste-do-brejo	Pinaceae
	<i>Terminalia catappa</i>	*	Coração-de-negro	Combretaceae
	<i>Thuja occidentalis</i>	*	Tuia	Pinaceae
	<i>Tipuana speciosa</i>	<i>Tipuana tipu</i>	Tipuana	Fabaceae
<i>Xylopia sericea</i>	*	Pindaíba	Annonaceae	
<i>Melaleuca hypericifolia</i>	*	Melaleuca	Myrtaceae	
Palmeira de médio porte	<i>Balaka seemanii</i>	<i>Balaka seemanii</i>	Bálica	Arecaceae
	<i>Chrysalidocarpus lutescens</i>	<i>Dypsis lutescens</i>	Areca	Arecaceae
	<i>Phoenix spinosa</i>	<i>Phoenix reclinata</i>	Tamereira-do-senegal	Arecaceae
	<i>Phoenix roebellii</i>	<i>Phoenix roebellii</i>	Palmeira fenix	Arecaceae
	<i>Kentia sanderiana</i>	<i>Ptychosperma sanderiana</i>	Palmeira-de-sander	Arecaceae
	<i>Rhapis flabelliformis</i>	<i>Rhapis excelsa</i>	Palmeira-ráfia	Arecaceae
<i>Scheelea phalerata</i>	*	Acuri	Arecaceae	
Palmeira de grande porte	<i>Kentia Alexandra</i>	<i>Archontophoenix alexandrae</i>	Palmeira-da-rainha	Arecaceae
	<i>Cocos nucifera</i>	*	Coqueiro	Arecaceae
	<i>Cocos edulis</i>	<i>Syagrus edulis</i>	Palmitero	Arecaceae
	<i>Dypsis madagascariensis</i>	*	Areca-de-lucuba	Arecaceae
	<i>Elaeis guineensis</i>	*	Dendzeiro	Arecaceae
	<i>Latania comersonii</i>	<i>Latania comersonii</i>	Latânia-vermelha	Arecaceae
	<i>Oreodoxa oleracea</i>	<i>Roystonea oleracea</i>	Palmeira-imperial	Arecaceae
	<i>Sabal glaucescens</i>	<i>Sabal mauritiformis</i>	Palmeira-leque	Arecaceae
	<i>Euterpe oleracea</i>	*	Açaí	Arecaceae
	<i>Arecastrum romanzoffianum</i>	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Jervá	Arecaceae
	<i>Thrinax argentea</i>	<i>Coccothrinax argentata</i>	Palmeira-prateada-de-leque	Arecaceae

Indeterminado	<i>Apocynaceae</i>	-	-	Apocynaceae
	<i>Archontophoenix pholia</i>	<i>Archontophoenix</i> sp.	-	Areaceae
	<i>Arecastrum spc.</i>	<i>Arecastrum</i> sp.	-	Areaceae
	<i>Bignonia</i>	<i>Bignonia</i> sp.	-	Bignoniaceae
	<i>Croton variegataefolius</i>	<i>Croton</i> sp.	-	Euphorbiaceae
	<i>Dracaena spc.</i>	<i>Dracaena</i> sp.	-	Liliaceae
	<i>Tibouchina spc.</i>	<i>Tibouchina</i> sp.	-	Melastomataceae
	<i>Tecoma spc</i>	<i>Tecoma</i> sp.	-	Bignoniaceae
	<i>Sapindus spc</i>	<i>Sapindus</i> sp.	-	Sapindaceae
	<i>Scheelea cernandian</i>	<i>Scheelea</i> sp.	-	Areaceae

(*) Espécies que não sofreram mudanças de nomenclatura.

Tabela 2. Espécimes não identificados mencionados por Burle Marx.

Espécimes
<i>Ghefenea gausa</i>
<i>Grambeva capensia</i>
<i>Gurblua augustifolia</i>
<i>Inalbighea cocigera</i>
<i>Isbirea chamacafolia</i>
<i>Keplia singaporensis</i>
<i>Shachitaopheta dichotomia</i>
<i>Thunbergia crocia</i>
<i>Cubella congifolia</i>

3.2.2 Levantamento da vegetação para o tombamento do Derby

A vegetação da Praça do Derby foi inventariada em dois momentos (Tabela 3). O primeiro inventário foi realizado em 2007 pela equipe do Laboratório de Sistemática de Fanerógamos do Departamento de Botânica/UFPE; o segundo, pela equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE, no ano de 2012. Os indivíduos de espécies arbóreas e palmeiras foram quantificados e plotados em plantas baixas, já os maciços herbáceos foram apenas plotados (Fig. 31).

Tabela 3. Composição florística da Praça do Derby, 2012.

Estrato	Nº.	Nome científico	Nome popular	Família	Quant.
Herbácea aquática	*	<i>Nymphaea</i> sp.	Ninfeia	Nymphaeaceae	-
Herbácea terrestre	38	<i>Bambusa gracilis</i> hort. ex Rivière & C. Rivière	Bambu	Poaceae	-
	*	<i>Caladium bulbosum</i> Pharm. ex Wehmer	Caladium	Araceae	-
	*	<i>Canna indica</i> L.	Cana-da-índia	Cannaceae	-
	*	<i>Carludovica palmata</i> Ruiz & Pav.	Toquila	Cycolanthaceae	-
	40	<i>Cyperus papyrus</i> L.	Papito	Cyperaceae	-
	*	<i>Etilingera elatior</i> (Jack) R.M. Sm.)	Colônia	Zingiberaceae	-
	*	<i>Furcraea gigantea</i> Vent.	Piteira	Amaryllidaceae	-
	*	<i>Hedychium coronarium</i> J. König	Lírio-do-brejo	Zingiberaceae	-
	39	<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.	Paquevira	Heliconiaceae	-
	*	<i>Orchis</i> sp.	-	Orchidaceae	-
	*	<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Wied-Neuw.	Salvia	Lamiaceae	-
	*	<i>Spiraea</i> ser. <i>Chamaedryfoliae</i> Pojark.	Flor-de-noiva	Rosaceae	-
	*	<i>Strelitzia augusta</i> Thunb.	Estrelitzia-branca	Strelitziaceae	-
	*	<i>Strelitzia reginae</i> Aiton	Ave-do-paraiso	Strelitziaceae	-
	Arbustivo	*	<i>Dracaena</i> sp.	-	Liliaceae
*		<i>Bougainvillea</i> sp.	Primavera	Nyctaginaceae	-
*		<i>Brunfelsia grandiflora</i> D. Don	Manacá-amarelo	Solanaceae	-
*		<i>Brunfelsia hopeana</i> Benth.	Manacá	Solanaceae	-
*		<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A. Juss.	Cróton	Euphorbiaceae	-
*		<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> var. <i>schizopetalus</i> Dyer ex Mast.	Laterna-japonesa	Malvaceae	-
*		<i>Medinilla magnifica</i> Lindl.	Medinila	Melastomataceae	-
*		<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	Apocynaceae	-
*		<i>Plumbago auriculata</i> Lam.	Bela-emília	Plumbaginaceae	-
*		<i>Randia aculeata</i> L.	Indigueira-branca	Rubiaceae	-
*		<i>Ricinus</i> sp.	-	Euphorbiaceae	-
*		<i>Tecoma</i> sp.	-	Bignoniaceae	-
Arborescente		*	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Mandacaru	Cactaceae
	*	<i>Cycas circinalis</i> L.	Palmeira-samambaia	Cycadaceae	-
	*	<i>Cycas revoluta</i> Thunb.	Palmeira-sagu	Cycadaceae	-
	37	<i>Pandanus utilis</i> Bory	Pândano	Pandanaceae	-
	*	<i>Phenakospermum guyanense</i> (Rich.) Endl.	Pacova-sorococa	Strelitziaceae	-
	*	<i>Ravenala madagascariensis</i> Sonn.	Árvore-do-viajante	Strelitziaceae	-
Arbóreo	6	<i>Adenantha pavonina</i> L.	Olho-de-pombo	Mimosaceae	09
	17	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Anacardiaceae	01
	*	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg	Fruta-pão	Moraceae	-
	*	<i>Bauhinia monandra</i> Kurz	Pata-de-vaca	Caesalpiniaceae	-
	*	<i>Bowdichia nitida</i> Spruce ex Benth.	Sucupira	Fabaceae	-
	*	<i>Cassia fastuosa</i> Willd. ex Benth.	Angico	Caesalpiniaceae	-
	22	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae	03
	33	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	Meliaceae	01
	20	<i>Cassia ferruginea</i> (SCHRADER) Schrader ex DC.	Chuva-de-ouro	Caesalpiniaceae	03
	*	<i>Cassia fistula</i> L.	Cássia-de-ouro	Caesalpiniaceae	-
	16	<i>Cassia grandis</i> L. f.	Acácia-grande	Caesalpiniaceae	01
	42	<i>Cassia javanica</i> L.	Acácia-rosa	Caesalpiniaceae	05
	*	<i>Cassia leptophylla</i> Vogel	Falso-barbatimão	Caesalpiniaceae	-
	13	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A. Howard	Sombreiro	Fabaceae	05
	*	<i>Clusia alba</i> Jacq.	Copei	Clusiaceae	-
	*	<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	Bignoniaceae	-
26	<i>Chrysophyllum cainito</i> L.	Cainito	Sapotaceae	01	

Arbóreo	34	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Flamboyant	Caesalpinaceae	03	
	19	<i>Ficus benjamina</i> L.	Ficus-beijamina	Moraceae	13	
	*	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Rubiaceae	-	
	9	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá-do-cerrado	Caesalpinaceae	09	
	5	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae	45	
	2	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae	27	
	*	<i>Melaleuca hypericifolia</i> C. Sm.	Melaleuca	Myrtaceae	-	
	41	<i>Melia azedarach</i> L.	Cinamomo	Meliaceae	02	
	*	<i>Piptadenia</i> sp.	Angico	Mimosaceae	-	
	*	<i>Pithecellobium dulce</i> (Roxb.) Benth.	Acácia-mimosa	Mimosaceae	-	
	*	<i>Psidium guajava</i> L.	Goabeira	Myrtaceae	-	
	*	<i>Talisia esculenta</i> A. St.-Hil.	Pitombeira	Sapindaceae	-	
	10	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira-da-praia	Anacardiaceae	01	
	3	<i>Senna siamea</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby	Cássia-amarela	Caesalpinaceae	03	
	*	<i>Spondias mombin</i> L.	Cajazeiro	Anacardiaceae	-	
	36	<i>Sterculia foetida</i> L.	Chichá	Sterculiaceae	01	
	24	<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Azeitona	Myrtaceae	01	
	23	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambeiro	Myrtaceae	01	
	43	<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bureau	Craibeira	Bignoniaceae	04	
	*	<i>Tabebuia chrysotricha</i> (Mart. ex A. DC.) Standl.	Ipê-amarelo-do-cerrado	Bignoniaceae	-	
	15	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Ipê-roxo	Bignoniaceae	14	
	4	<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Ipê-rosa	Bignoniaceae	02	
	1	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Caesalpinaceae	22	
	7	<i>Terminalia catappa</i> L.	Coração-de-negro	Combretaceae	09	
	*	<i>Tibouchina</i> sp.	Quaresmeira	Melastomataceae	-	
	*	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze	Tipuana	Fabaceae	-	
	*	<i>Xylopia sericea</i> A. St.-Hil.	Pimenteira-de-macaco	Annonaceae	-	
	Palmeira de médio porte	32	<i>Caryota mitis</i> Lour.	Palmeira-mulambo	Arecaceae	01
		31	<i>Coccothrinax argentata</i> (Jacq.) L.H. Bailey	Palmeira-prateada-de-leque	Arecaceae	01
		29	<i>Dypsis lutescens</i> (H. Wendl.) Beentje & J. Dransf.	Areca	Arecaceae	01
		*	<i>Dypsis madagascariensis</i> (Becc.) Beentje & J. Dransf.	Areca-de-lucuba	Arecaceae	-
		35	<i>Phoenix reclinata</i> Jacq.	Tamareira-do-senegal	Arecaceae	04
*		<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien	Tamareira-de-jardim	Arecaceae	-	
*		<i>Ptychosperma elegans</i> (R. Br.) Blume	Palmeira-solitária	Arecaceae	-	
Palmeira de grande porte	27	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Macaibeira	Arecaceae	02	
	*	<i>Archontophoenix alexandrae</i> (F. Muell.) H. Wendl. & Drude	Palmeira-real	Arecaceae	-	
	21	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Arecaceae	19	
	*	<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore	Carnaúba	Arecaceae	-	
	11	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Dendê	Arecaceae	23	
	25	<i>Latania loddigesii</i> Mart.	Latânia-vermelha	Arecaceae	02	
	28	<i>Livistona rotundifolia</i> (Lam.) Mart.	Palmeira-filipina	Arecaceae	07	
	18	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	Babaçu	Arecaceae	08	
	44	<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.	Palmeira-leque-de-fiji	Arecaceae	02	
	12	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F. Cook	Palmeira-imperial	Arecaceae	37	
	30	<i>Sabal mauritiformis</i> (H. Karst.) Griseb. & H. Wendl.	Sabal-azulado	Arecaceae	02	
	14	<i>Sabal palmetto</i> (Walter) Lodd. Ex Schult. & Schult. F.	Palmeira-sabal	Arecaceae	15	
	46	<i>Sabal</i> sp.	Sabal	Arecaceae	01	
	*	<i>Scheelea phalerata</i> (Mart. Ex Spreng.) Burret	Uricuri	Arecaceae	-	
45	<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	Licuri	Arecaceae	01		
8	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	Jerivá	Arecaceae	02		

(*) Espécies que não sofreram modificação na nomenclatura.

Do total, 21 espécies mencionadas por Burle Marx no projeto de ajardinamento do Parque do Derby não foram encontradas durante o levantamento florístico (Tabela 4).

Ao fazer uma comparação entre o inventário florístico e a vegetação proposta por Burle Marx, constatou-se que 71 espécies foram mantidas (Tabela 5), como, por exemplo, o bastão-do-imperador (*Etilingera elatior*), o croton (*Codiaeum variegatum*), a palmeira-samambaia (*Cycas circinalis*), a fruta-pão (*Artocarpus altilis*), o tamarindo (*Tamarindus indica*), a palmeira-areca (*Dypsis lutescens*) e o coqueiro (*Cocos nucifera*).

A Tabela 6 mostra que houve a introdução de 31 espécies na Praça do Derby. A maioria são arbóreas e palmeiras, tais como o cajueiro (*Anacardium occidentale*), o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), o jambeiro (*Syzygium malaccense*), a palmeira-mulambo (*Caryota mitis*) e a macaibeira (*Acrocomia intumescens*).

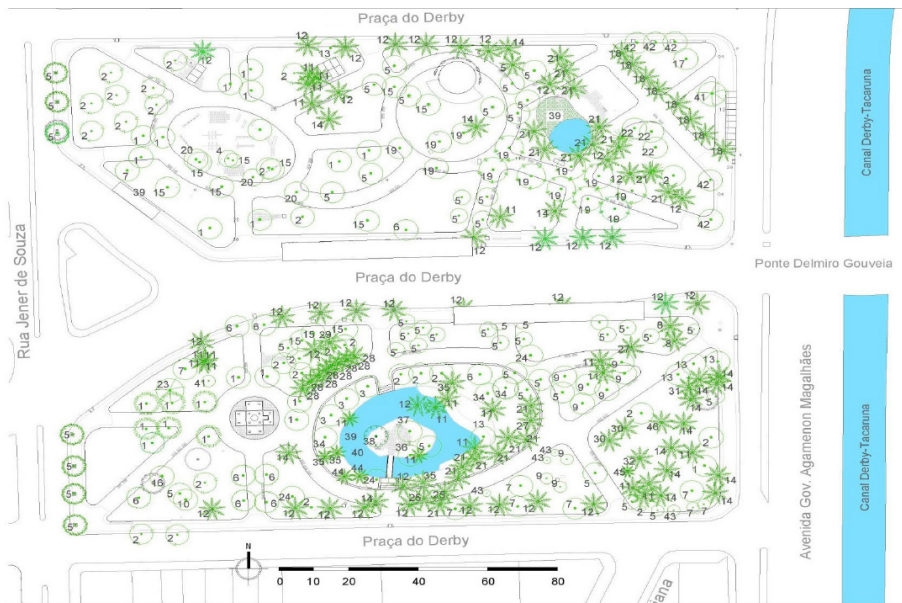


Fig. 31. Distribuição espacial da vegetação da Praça do Derby em 2012. Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

Tabela 4. Espécies propostas por Burle Marx para o ‘Parque do Derby’ e que não fazem parte da composição florística atual do jardim.

Especificação por Burle Marx	Nome científico atualizado	Nome popular	Família
<i>Typhia angustifolia</i>	<i>Typha angustifolia</i>	Taboa	Typhaceae
<i>Gynerium argenteum</i>	<i>Cortaderia selloana</i>	Capim-dos-pampas	Poaceae
<i>Dieffenbachia</i>	<i>Dieffenbachia</i> sp.	Comigo-ninguém-pode	Araceae
<i>Ixoria coccinea</i>	*	Ixoria	Rubiaceae
<i>Phaeomeria magnifica</i>	*	Rosa-de-Porcelana	Zingiberaceae
<i>Dracaena massangeana</i>	*	Dracena	Liliaceae
<i>Nolina recurvata</i>	*	Pata-de-elefante	Liliaceae
<i>Encephalartos barteri</i>	*	Cica	Cycadaceae
<i>Pandanus racemosus</i>	*	Pandano-rasteiro	Pandanaceae
<i>Calycophyllum spruceanum</i>	*	Pau-mulato	Rubiaceae
<i>Lagerstroemia indica</i>	*	Rosedá	Lythraceae
<i>Lagerstroemia flosreginae</i>	<i>Lagerstroemia speciosa</i>	Rosedá	Lythraceae
<i>Schizolobium excelsum</i>	<i>Schizolobium parahyba</i>	Guapuruvú	Caesalpiniaceae
<i>Spathodea campanulata</i>	*	Espatódrea	Bignoniaceae
<i>Tecoma heptaphylla</i>	<i>Schizolobium parahyba</i>	Ipê	Bignoniaceae
<i>Taxodium distichum</i>	*	Cipreste-do-brejo	Pinaceae
<i>Thuja occidentalis</i>	*	Tuia	Pinaceae
<i>Balaka seemanii</i>	<i>Balaka seemanii</i>	Bálaca	Arecaceae
<i>Kentia sanderiana</i>	<i>Ptychosperma sanderiana</i>	Palmeira-de-sander	Arecaceae
<i>Rhapis flabelliformis</i>	<i>Rhapis excelsa</i>	Palmeira-ráfia	Arecaceae
<i>Bignonia</i>	<i>Bignonia</i> sp.	-	Arecaceae

(*) espécies que não sofreram modificação na nomenclatura.

Tabela 5. Espécies encontradas no levantamento florístico da Praça do Derby e que foram mencionadas por Burle Marx no projeto de ajardinamento do Parque do Derby.

Especificação por Burle Marx	Nome científico atualizado	Nome popular	Família
<i>Nymphaea</i>	<i>Nymphaea</i> sp.	-	Nymphaeaceae
<i>Caladium bulbosum</i> **	*	Caladium	Araceae
<i>Canna indica</i>	*	Cana-da-índia	Cannaceae
<i>Carludovica palmata</i>	*	Chapéu-de-panamá	Cyclanthaceae
<i>Alpinia speciosa</i>	<i>Etilingera elatior</i>	Bastão-do-imperador	Zingiberaceae
<i>Fourcroya gigantea</i>	<i>Furcraea gigantea</i>	Piteira	Amaryllidaceae
<i>Hedychium</i>	<i>Hedychium</i> sp.	Lírio-do-brejo	Zingiberaceae
<i>Orchideas</i>	<i>Orchis</i> sp.	Orquídea	Orchidaceae
<i>Salvia splendens</i>	*	Álvia	Lamiaceae
<i>Spiraea chamaedryfolia</i>	<i>Spiraea</i> ser. <i>Chamaedryfoliae</i>	Flor-de-noiva	Rosaceae
<i>Strelitzia augusta</i>	*	Estrelitzia-branca	Strelitziaceae
<i>Strelitzia reginae</i>	*	Flor-ave-do-paraiso	Strelitziaceae
<i>Dracaena</i> sp.	*	Dracena	Liliaceae
<i>Bougainvillea</i>	<i>Bougainvillea</i> sp.	Bougainville	Nyctaginaceae
<i>Brunfelsia grandiflora</i>	*	Manacá-de-cheiro	Solanaceae
<i>Brunfelsia hopbeana</i>	<i>Brunfelsia hopeana</i>	Manacá-de-cheiro	Solanaceae
<i>Croton variegatus</i>	<i>Codiaeum variegatum</i>	Cróton	Euphorbiaceae
<i>Hibiscus chyzopetalus</i>	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> var. <i>schizopetalus</i>	Hibisco	Malvaceae
<i>Medinilla magnifica</i>	*	Medilina	Melastomataceae

<i>Nerium oleander</i>	*	Espirradeira	Apocynaceae
<i>Plumbago capensis</i>	<i>Plumbago auriculata</i>	Nuvem	Plumbaginaceae
<i>Randia aculeata</i>	*	Indigueira-branca	Rubiaceae
<i>Ricinus spc.</i>	<i>Ricinus sp.</i>	-	Euphorbiaceae
<i>Tecoma spc.</i>	<i>Tecoma sp.</i>	-	Bignoniaceae
<i>Ravenala guyanensis</i>	<i>Phenakospermum guyanense</i>	Pacová-de-sororoca	Strelitziaceae
<i>Ravenala madagascariensis</i>	*	Árvore-do-viajante	Strelitziaceae
<i>Cycas circinalis</i>	*	Palmeira-samambaia	Cycadaceae
<i>Cycas revoluta</i>	*	Palmeira-sagu	Cycadaceae
<i>Cereus jamacaru</i>	*	Mandacaru	Cactaceae
<i>Pandanus utilis</i>	*	Pandano	Pandanaceae
<i>Adenanthera pavonina</i>	*	Olho-de-pombo	Mimosaceae
<i>Artocarpus incisa</i>	<i>Artocarpus altilis</i>	Fruta-pão	Moraceae
<i>Bauhinia monandra</i>	*	Árvore-orquídea	Caesalpiniaceae
<i>Bowdichia nitida</i>	*	Sucupira	Fabaceae
<i>Cassia fastuosa</i>	*	Cássia-mari-mari	Caesalpiniaceae
<i>Cassia ferruginea</i>	*	Chuva-de-ouro	Caesalpiniaceae
<i>Cassia fistula</i>	*	Cássia-cordão-de-ouro	Caesalpiniaceae
<i>Cassia grandis</i>	*	Cássia-grande	Caesalpiniaceae
<i>Cassia javanica</i>	*	Cássia-rosa	Caesalpiniaceae
<i>Cassia leptophylla</i>	*	Falso-barbatimão	Caesalpiniaceae
<i>Clusia alba</i>	*	Copei	Clusiaceae
<i>Crescentia cujete</i>	<i>Crescentia cujete</i>	Coité	Bignoniaceae
<i>Chrysohyllum cainito</i>	*	Folha-de-cetim	Sapotaceae
<i>Phoenix roebellii</i>	<i>Phoenix roebelenii</i>	Palmeira fenix	Arecaceae
<i>Poinciana regia</i>	<i>Delonix regia</i>	<i>Flamboyant</i>	Fabaceae
<i>Ficus benjamina</i>	*	Ficus-benjamins	Moraceae
<i>Moquilea tomentosa</i>	<i>Licania tomentosa</i>	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae
<i>Mangifera indica</i>	*	Mangueira	Anacardiaceae
<i>Melaleuca hypericifolia</i>	*	Melaleuca	Myrtaceae
<i>Piptadenia spc.</i>	<i>Piptadenia sp.</i>	Angico	Mimosaceae
<i>Sapindus esculentus</i>	<i>Talisia esculenta</i>	Pitombeira	Sapindaceae
<i>Tecoma chrysostricha</i>	<i>Tabebuia chrysostricha</i>	Ipê-amarelo-do-cerrado	Bignoniaceae
<i>Tecoma heptaphylla</i>	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	Ipê-roxo	Bignoniaceae
<i>Tamarindus indica</i>	*	Tamarindo	Caesalpiniaceae
<i>Terminalia catappa</i>	*	Coração-de-negro	Combretaceae
<i>Tibouchina spc.</i>	<i>Tibouchina sp.</i>	Quaresmeira	Melastomataceae
<i>Tipuana speciosa</i>	<i>Tipuana tipu</i>	Tipuana	Fabaceae
<i>Xylopia sericea</i>	*	Pindaíba	Annonaceae
<i>Thrinax argentea</i>	<i>Coccothrinax argentata</i>	Palmeira-prateada-de-leque	Arecaceae
<i>Chrysalidocarpus lutescens</i>	<i>Dyopsis lutescens</i>	Areca	Arecaceae
<i>Phoenix spinosa</i>	<i>Phoenix reclinata</i>	Tamereira-do-senegal	Arecaceae
<i>Scheelea phalerata</i>	*	Uricuri	Arecaceae
<i>Kentia alexandra</i>	<i>Archontophoenix alexandrae</i>	Palmeira-da-rainha	Arecaceae
<i>Cocos nucifera</i>	*	Coqueiro	Arecaceae
<i>Cocos edulis</i>	*		Arecaceae
<i>Dyopsis madagascariensis</i>	*	Areca-de-lucuba	Arecaceae
<i>Elaeis guineensis</i>	*	Palmeira-dendê	Arecaceae
<i>Latania commersonii</i>	*	Latânia-vermelha	Arecaceae
<i>Oreodoxa oleracea</i>	<i>Roystonea oleracea</i>	Palmeira-imperial	Arecaceae
<i>Sabal glaucescens</i>	<i>Sabal mauritiformis</i>	Palmeira-leque	Arecaceae
<i>Arecastrum romanzoffianum</i>	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Jerivá	Arecaceae

(*) Espécies que não sofreram modificação na nomenclatura.

Tabela 6. Espécies encontradas no levantamento florístico e que não foram mencionadas por Burtle Marx no projeto de ajardinamento do Parque do Derby.

Nome científico	Nome popular	Família
<i>Bambusa gracilis</i> hort. Ex Rivière & C. Rivière	Bambu	Poaceae
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Anacardiaceae
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpinaceae
<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	Meliaceae
<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A. Howard	Sombreiro	Fabaceae
<i>Cyperus papyrus</i> L.	Papito	Cyperaceae
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Rubiaceae
<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.	Paquevira	Heliconiaceae
<i>Hedychium coronarium</i> J. König	Lírio-do-brejo	Zingiberaceae
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá	Caesalpinaceae
<i>Latania loddigesii</i> Mart.	Latânia-vermelha	Arecaceae
<i>Livistona rotundifolia</i> (Lam.) Mart.	Palmeira-filipina	Arecaceae
<i>Melia azedarach</i> L.	Cinamomo	Meliaceae
<i>Pithecellobium dulce</i> (Roxb.) Benth	Acácia-mimosa	Mimosaceae
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	Myrtaceae
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira-da-praia	Anacardiaceae
<i>Senna siamea</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby	Cássia-amarela	Caesalpinaceae
<i>Spondias mombin</i> L.	Cajazeiro	Anacardiaceae
<i>Sterculia foetida</i> L.	Chichá	Sterculiaceae
<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Azeitona	Myrtaceae
<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambeiro	Myrtaceae
<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bureau	Craibeira	Bignoniaceae
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Ipê-roxo	Bignoniaceae
<i>Caryota mitis</i> Lour	Palmeira-mulambo	Arecaceae
<i>Ptychosperma elegans</i> (R. Br.) Blume	Palmeira-solitária	Arecaceae
<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Palmeira-macaíba	Arecaceae
<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore	Palmeira-carnaúba	Arecaceae
<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	Palmeira-babaçu	Arecaceae
<i>Sabal palmetto</i> (Walter) Lodd. Ex Schult. & Schult. F.	Palmeira-sabal	Arecaceae
<i>Sabal</i> sp.	Sabal	Arecaceae
<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	Licuri	Arecaceae

3.3 Aspectos sociais e do entorno

A Praça do Derby constitui um lugar de convergência de grande fluxo de veículos que cruzam a cidade em várias direções. É um espaço livre, de vegetação densa, limitado pelo canal Derby-Tacaruna e pelo Rio Capibaribe e interligado à Praça Euclides da Cunha pela Ponte Estácio Coimbra, tendo no seu entorno edifícios históricos e residenciais, clínicas médicas, além de área de esportes.

O principal aspecto social diz respeito ao uso da praça, bastante frequentada por jovens e adultos, trabalhadores do entorno que transitam no horário livre, taxistas, crianças que brincam no *playground*, casais de namorados, pessoas que se sentam nos bancos para conversar, es-

perar o ônibus ou aguardar a hora de consultas médicas no Hospital da Restauração e em clínicas; além de lavadores de carros que utilizam a água do espelho d'água para os serviços de lavagem.

Os principais aspectos identificados no entorno são:

- Paradas de ônibus: no canteiro da Av. Agamenon Magalhães (porção norte da praça); na rua divisória da praça (em ambos os lados); na porção sul voltada para a Av. Agamenon e em frente ao Centro Diagnóstico;
- Pontos de venda: ambulantes nas calçadas da via divisória e na porção norte;
- Edificações históricas: Quartel da Polícia Militar, Memorial de Medicina e casas de dois pavimentos;
- Relações visuais: de maneira geral, a praça mantém relação de proporção com as edificações do entorno (a maioria com dois pavimentos) e com as edificações históricas. Entretanto, a construção de duas paradas de ônibus por ocasião da implantação do Corredor Leste/Oeste, em 2008, impediu a visibilidade das palmeiras-imperiais;
- Elementos naturais: Rio Capibaribe e manguezal;
- Vias de acesso: Rua Jenner de Souza e Av. Agamenon Magalhães.



Fig. 32. Planta de situação, em 2012, editada pelo Laboratório da Paisagem/UFPE a partir da Carta de nucleação/Fidem. Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

3.4 Intervenções

A praça foi objeto de intervenções em 1958, quando foi construído o viveiro para o peixe-boi, e em 1985, o que resultou em pequenas alterações no traçado dos caminhos.

3.5 Adoção

No momento, a praça está adotada pela Urbana (Empresas de Transporte Integrado), sendo mantida pela Prefeitura do Recife.

3.6 Estado de conservação

A Praça do Derby apresenta bom estado de conservação, mas ressalta-se a necessidade de um plano de gestão da conservação, pois o jardim precisa de constante acompanhamento.

3.7 Concepção do projeto de restauração

A restauração teve início em agosto de 2008 na parte onde fica a Ilha dos Amores, exigindo ações de nivelamento do terreno, impermeabilização do lago, recuperação das bordas e da passarela de acesso, ajustes no traçado para que se adeque à implantação do abrigo de passageiros, além da recuperação do orquidário. A Ilha dos Amores – respeitada desde a reforma de Burle Marx – recuperou o antigo desenho, com ênfase na valorização da vegetação arbustiva e das herbáceas do lago e das escadarias, assim como na renovação da passarela com guarda-corpo em tubo de ferro preto. Na outra parte da praça, o *playground* foi ampliado, configurando uma forma elíptica e mantendo-se no local indicado no projeto original como espaço aberto em terra batida. Ao lado do *playground* foi construído um bloco de edificação destinado à administração e com banheiro público. Além disso, foram realizadas a retirada de um piso elevado – concluído na década de 1980 –, a recuperação do coreto e a construção de um segundo, com pequeno desnível de solo. O lago do antigo peixe-boi foi mantido com a fonte implantada em 2007.

O projeto de restauração preservou, de maneira geral, a leve ondulação no traçado introduzida por Burle Marx, juntamente com a disposição livre dos grupos de árvores, amenizando a rigidez das alamedas, do projeto de 1925, e a das palmeiras que restaram do conjunto que foi trazido do Rio de Janeiro. Os canteiros foram revestidos com gramado

em toda a extensão da praça e os depósitos de lixo foram substituídos pelo modelo utilizado na Praça Faria Neves. O tratamento da vegetação, a recuperação das edificações e a limpeza nos lagos contribuíram para trazer de volta a paisagem bucólica deste jardim.

Itens do projeto de restauração:

- Vegetação existente e proposta: a vegetação existente foi quase inteiramente mantida, com acréscimo de espécies indicadas por Burle Marx. Foram retiradas algumas espécies para a implantação dos abrigos de ônibus.
- Elementos de destaque: a Ilha dos Amores, a pérgula, o coreto, o *playground* e o lago com fonte foram os principais focos da restauração.
- Edificações: pintura do coreto e da pérgula.
- Passeios: foram colocadas pedras no entorno do lago e do orquidário.
- Mobiliário: foram recuperados os bancos de concreto e colocados mais bancos de madeira com encosto, tipo veneziano.



Fig. 33. Planta do Projeto de Restauração da Praça do Derby, 2008. Fonte: Emlurb/PCR.

4. Avaliação da paisagem futura

A Praça do Derby funciona como um oásis verde numa área de intenso fluxo de veículos, os quais partem e chegam de vários bairros da cidade. Apresenta-se como um território delimitado entre o vaivém de carros e ônibus e o caminhar e descansar dos transeuntes. Esta é uma das razões de sua relevância como espaço vegetado que, agora mais imponente e utilizado, atende melhor às funções de aprazibilidade e convivência social, a despeito de algumas alterações no conjunto da obra do paisagista. A instalação do abrigo de passageiros do Corredor Leste-Oeste, visando à melhor operacionalização do sistema de transportes públicos no Recife, provocou maior distanciamento entre as duas partes da praça pelo porte de sua construção. A significativa marcação das palmeiras-imperiais (*Roystonea oleracea*), ladeando as referidas partes, foi quebrada com essa instalação, que se apresenta como uma barreira para a visualização do espaço vegetado.

Entretanto, pode-se afirmar que a iniciativa da Prefeitura do Recife, com a assessoria técnica e acompanhamento sistemático por parte do Laboratório da Paisagem/UFPE, devolve à cidade um local propício à contemplação da natureza, sendo, oportunamente, uma justa homenagem ao paisagista e ecologista Burle Marx. Portanto, ratifica-se a necessidade de criação de instrumento de proteção que impeça construções no seu entorno. A Praça do Derby é o exemplo positivo mais recente de recuperação de obra de Roberto Burle Marx – das calçadas, o olhar de um observador atento e sensível às concepções do mestre se encanta com o resultado.

Ficha 5: Praça Ministro Salgado Filho

1. Identificação

Localização: Av. Mascarenhas de Moraes, em frente ao antigo Aeroporto Internacional dos Guararapes, no Bairro do Ibura

Área: 16.130,50 m²

Projeto de Roberto Burle Marx: 1957

Outra designação: Praça do Aeroporto

2. Aspectos históricos

A Praça Ministro Salgado Filho foi projetada por Roberto Burle Marx durante a gestão do prefeito do Recife Pelópidas da Silveira. Naquele momento, ele integrava um grupo de profissionais com Fernando Tábora, John Sttodart, Júlio Pessolani e Mauricio Pesavento, este último estabelecido em Caracas. Conforme nota divulgada no *Diario de Pernambuco* de 20 de março de 1957 (A INAUGURAÇÃO..., 1957), o chefe do executivo informa que o paisagista pretendia criar, em frente ao aeroporto, um jardim com plantas regionais para valorizar a flora de Pernambuco. O projeto do edifício do aeroporto foi do arquiteto Arthur Mesquita.

A implantação deste jardim deu origem a quatorze matérias nos jornais locais, de janeiro a agosto de 1957, tão grande foi a sua repercussão. O projeto foi concebido como uma unidade plástica que surpreendia pela imponência da vegetação, além das variedades e beleza dos espaços criados e multiplicados pelo espelho d'água, seu elemento focal (Fig. 1). Guardava, ainda, uma relação de perfeita integração e continuidade com o edifício existente. Ao longo do tempo, a praça se manteve em destaque pelas qualidades artísticas, exercendo as funções de ambiente de recepção, para os visitantes, e de convívio, para os residentes da cidade (Fig. 2).

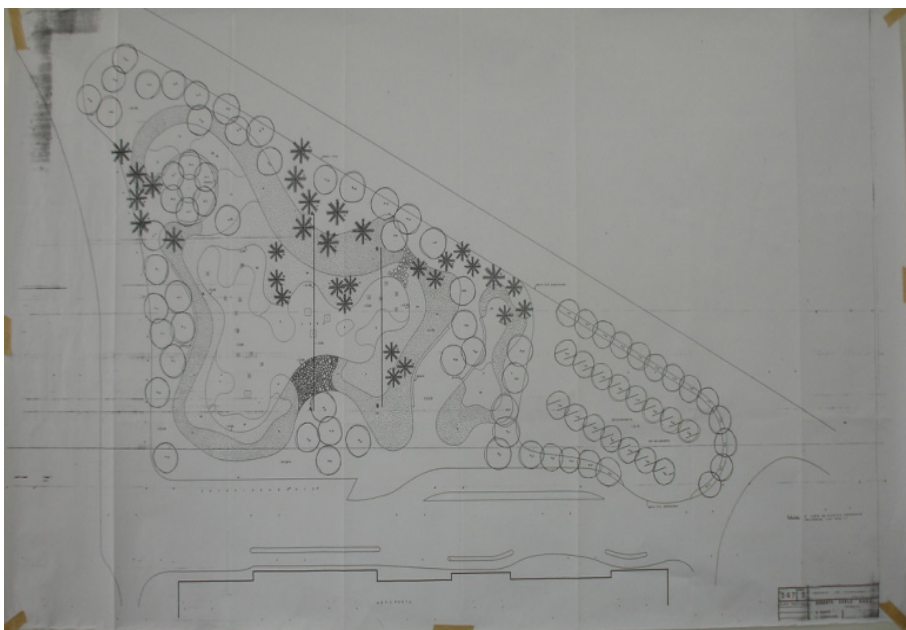


Fig. 1. Fotografia do projeto original de ajardinamento do Praça Ministro Salgado Filho, 1957. Fonte: Acervo do Escritório Burle Marx & Cia.



Fig. 2. Jardim do aeroporto, 1958. Foto cedida pela Infraero. Fonte: Acervo do Laboratório da Paisagem/UFPE.

O projeto mostra a expressividade artística de Burle Marx, própria de sua segunda fase, no que diz respeito às linhas curvas e descontraídas com que idealiza espelhos d'água, caminhos, canteiros e bancos, segundo um ritmo cadenciado pela continuidade estruturadora da vegetação exuberante. O principal elemento da praça é o espelho d'água (Fig. 3), que parece penetrar na vegetação variada e contínua mostrando a combinação dos agrupamentos vegetais, que, por sua vez, proporcionam aos visitantes deleite e interação com a paisagem.

Na concepção original, os caminhos são arrematados com forrações de diferentes texturas e florações, cheios de colorido e de combinações inesperadas, com inúmeros tipos de folhagens e tonalidades diversas. Recantos que despertam as mais variadas sensações podem ser desfrutados, seja quando degraus adentram pelo espelho d'água e permitem perceber o formato escultural do conjunto de aningas (*Montrichardia linifera*), complementado, mais ao fundo, pelas amplas copas dos abricós-de-macaco (*Couropita guianensis*) – (Fig. 4); seja no ato de caminhar e perceber a variedade de palmeiras, como a macaibeira (*Acrocomia intumescens*), o açaí (*Euterpe edulis*) e o aricuri (*Attalea butyracea*), que se entrelaçam por entre os ipês (*Tabebuia heptaphylla*), os paus-reis (*Basiloxylon brasiliensis*) e as sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*).

Em 1974, a praça foi ampliada com a implantação de canteiros e de área gramada sobre o estacionamento constante no projeto original. Uma última reforma, em 1993, manteve os princípios do projeto de Burle Marx, com pequenas alterações referentes à substituição de algumas espécies vegetais.



Fig. 3. Jardim da Praça Salgado Filho e, ao fundo, antiga sede do Aeroporto dos Guararapes, 2012. Foto: Marcus Prado.



Fig. 4. Abricós-de-macaco e banco em concreto, 2012. Foto: Marcus Prado.

No ano 2000, em função da ampliação do aeroporto, foram feitas alterações no traçado viário do entorno, incluindo a construção de dois viadutos, que anularam a centralidade da praça. A implantação desse complexo arquitetônico – destacando-se o novo Aeroporto Internacional dos Guararapes/Gilberto Freyre – provocou agressões à vegetação e ao traçado da praça, resultando na eliminação de espécies vegetais e na redução da área total (Figs. 5 e 6).



Fig. 5. Espelho d'água sem a vegetação original, 2012. Foto: Marcus Prado.



Fig. 6. Aeroporto Internacional Gilberto Freyre (ao fundo), visto da praça, 2012. Foto: Marcus Prado.

3. Aspectos da paisagem atual

3.1 Estudo arquitetônico

Traçado

Com a implantação do sistema viário para construção do complexo arquitetônico do aeroporto, a praça sofreu redução de pequena parte de sua área original e algumas espécies vegetais foram retiradas. Com a transferência da recepção de turistas para as novas instalações implantadas, o espaço perdeu uma importante integração com a primeira edificação existente. Não obstante, essa relação ainda é retratada, de forma bastante evidente, pelo traçado do jardim e, acima de tudo, pelas características que se mantêm em perfeita harmonia com o espelho d'água – um dos marcos das paisagens criadas pelo artista (Figs. 7 e 8).



Fig. 7. O traçado original da Praça foi preservado e se integra com a antiga edificação do aeroporto, 2012. Foto: Marcus Prado.



Fig. 8. A unidade plástica guarda uma relação de continuidade com o edifício antigo existente, 2012. Foto: Marcus Prado.

Mobiliário, infraestrutura e revestimento

Ao longo do tempo, ações públicas relativas à coleta seletiva de materiais recicláveis e à propaganda financiada pela iniciativa privada incorporaram alguns elementos que não estão em harmonia com a paisagem. Por outro lado, os bancos curvos são os mesmos imaginados pelo artista: mobiliário adequado ao usufruto do lugar. Observa-se que a infraestrutura gera um impacto visual negativo e pouco valoriza o ambiente.

Mobiliário urbano:

- Edificação: pequeno depósito de materiais e mudas (Fig. 9);
- 06 bancos curvos (Fig. 10);
- 07 bancos retos de concreto (Fig. 11);
- 11 postes de iluminação com fiação embutida e luminárias tipo pétalas (Figs. 12 e 13);
- 02 postes baixos com fiação embutida (Fig. 14);
- Placa de latão da inauguração da restauração de 1993 com base de concreto (Fig. 15);
- Telefone de uso público (Fig. 16).



Figs. 9 a 11. Mobiliário urbano. Fotos: Marcus Prado, 2012.



Figs. 12 a 16. Mobiliário urbano. Fotos: Marcus Prado, 2012.

Infraestrutura urbana e revestimento:

- Piso em terra batida;
- Calçada em pedra portuguesa (Fig.17);
- Calçada em intertravado (Fig.18);
- Calçada em cimento (Fig.19);
- Calçada em pedra lajão (Fig.20).



Figs. 17 a 20. Fotos: Marcus Prado.

3.2 Estudo botânico

Concebido como *hall* do Aeroporto dos Guararapes, este jardim era, até a sua última ampliação, o primeiro espaço público de boas vindas aos que chegavam ao Recife. Apesar dessa ampliação, que eliminou a função de “*hall* ajardinado”, a praça, estruturada a partir de um sinuoso espelho d’água, ainda relaciona vegetação e traçado com liberdade de formas, cores e texturas, distanciando-se da formalidade das praças de Casa Forte e Euclides da Cunha.

3.2.1 Projeto de ajardinamento de Burle Marx para a Praça Ministro Salgado Filho

A utilização de espécies herbáceas aquáticas foi proposta por Burle Marx para compor a vegetação do espelho d’água da Praça Ministro Salgado Filho. Entre elas, a aninga (*Montrichardia linifera*), o lótus (*Nelumbo nucifera*) e a vitória-régia (*Victoria amazonica*). As herbáceas terrestres eram representadas por maciços de cana-da-índia (*Canna indica*), lírio-aranha (*Crinum asiaticum*) e paquevira (*Heliconia psittacorum*). O arbóreo foi composto pelo resedá (*Lagerstroemia specio-*

sa), oiti-da-praia (*Licania tomentosa*), abricó-de-macaco (*Couroupita guianensis*) e pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*). Entre as palmeiras estavam o açáí (*Euterpe edulis*), a macaibeira (*Acrocomia intumescens*) e o aricuri (*Attalea butyracea*). No total, foram 40 espécies sugeridas dos diversos estratos (Tabela 1).

Tabela 1. Composição florística do projeto de ajardinamento da Praça Ministro Salgado Filho por Roberto Burle Marx.

Estrato	Nº	Especificação por Burle Marx	Nome científico atualizado	Nome popular	Família	Quant.
Herbácea aquática	03	<i>Cyperus papyrus</i> L.	<i>Cyperus giganteus</i> Vahl	Papiro	Cyperaceae	-
	07	<i>Echinodorus macrophyllus</i> Kunth.	<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli	Chapéu-de-couro	Alismataceae	-
	08	<i>Montrichardia linifera</i> Schott.	<i>Montrichardia linifera</i> (Arruda) Schott	Aninga-açu	Araceae	-
	20	<i>Nelumbo nucifera</i> Gaertn.	*	Lótus	Nelumbonaceae	-
	04	<i>Nymphaea ampla</i> DC.	*	Ninfeia	Nymphaeaceae	-
	05	<i>Nymphaea ampla</i> DC.var. <i>rosea</i> DC.	*	Ninfeia	Nymphaeaceae	-
	02	<i>Nymphaea capensis</i> Thunb. var. <i>zanzibariensis</i> Casp.	<i>Nymphaea capensis</i> var. <i>madagascariensis</i> (DC.) Conard	Ninfeia	Nymphaeaceae	-
	06	<i>Pontederia cordata</i> L.	*	Aguapé	Pontederiaceae	-
	37	<i>Pontederia ovalis</i> Mart. et Schult.	<i>Pontederia ovalis</i> Mart.	Aguapé	Pontederiaceae	-
	09	<i>Thalia dealbata</i> Fraser	<i>Thalia dealbata</i> Fraser ex Roscoe	Thalia	Maranthaceae	-
01	<i>Victoria regia</i> Lindl.	<i>Victoria amazonica</i> (Poepp.) J.C. Sowerby	Vitória-régia	Nymphaeaceae	-	
Herbáceo	19	<i>Canna indica</i> L. (laranja)	*	Cana-da-india	Cannaceae	-
	38	<i>Crinum asiaticum</i> L.	*	Lírio-aranha	Liliaceae	-
	22	<i>Graptophyllum pictum</i> Griff.	<i>Graptophyllum pictum</i> (L.) Griff.	Graptófilo	Acanthaceae	-
	25	<i>Heliconia psittacorum</i> L.	<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.	Paquevira	Heliconiaceae	-
	40	<i>Musa coccinea</i> Roxb.	<i>Musa coccinea</i> Andrews	Bananeira-ornamental	Musaceae	-
	31	<i>Paspalum notatum</i> Fluegge	<i>Paspalum notatum</i> Alain ex Flügge	Grama-dos-batatais	Poaceae	-
30	<i>Stenotaphrum americanum</i> Schrank	<i>Stenotaphrum secundatum</i> (Walter) Kuntze	Grama-santo-agostinho	Poaceae	-	
	39	<i>Xanthosoma violaceum</i> Schott.	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott	Orelha-de-elefante	Araceae	-
Trepadeira	21	<i>Allamanda nobilis</i> T. Moore	*	Alamanda	Apocynaceae	-
Arbustivo	24	<i>Codiaeum variegatum</i> Blume	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A. Juss.	Cróton	Euphorbiaceae	-
	18	<i>Plumbago capensis</i> Thunb.	<i>Plumbago auriculata</i> Lam.	Nuvem	Plumbaginaceae	-

Árboreo	16	<i>Basiloxylon brasiliensis</i> (Fr. All.) K. Schum.	<i>Basiloxylon brasiliensis</i> (Fr. All.) K. Schum.	Pau-rei	Sterculiaceae	-
	34	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	*	Pau-brasil	Caesalpinaceae	4
	35	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	*	Pau-ferro	Caesalpinaceae	8
	26	<i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth.	*	Sibipiruna	Caesalpinaceae	4
	11	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	*	Abricó-de-macaco	Lecythidaceae	7
	29	<i>Elizabetha princeps</i> Schomb.	<i>Elizabetha princeps</i> Schomburgk ex Benth.	Elizabetha	Caesalpinaceae	1
	23	<i>Erythrina glauca</i> Willd.	<i>Erythrina fusca</i> Lour.	Suinã	Fabaceae	5
	27	<i>Lagerstroemia speciosa</i>	<i>Lagerstroemia speciosa</i> (L.) Pers.	Resedá	Lythraceae	23
	36	<i>Lecythis pisonis</i> Camb.	*	Sapucaia	Lecythidaceae	2
	32	<i>Moquilea tomentosa</i> Benth.	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oitizeiro	Chrysobalanaceae	15
	10	<i>Parkia pendula</i> Benth.	<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth. ex Walp.	Visgueiro	Mimosaceae	4
	28	<i>Swarzia langsdorffii</i> Raddi	*	Pacová-de-macaco	Fabaceae	2
	17	<i>Tecoma heptaphylla</i> (Vell.) Mart.	<i>Tecoma heptaphylla</i> (Vell.) Mart.	Ipê	Bignoniaceae	6
Palmeira de grande porte	15	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	*	Macaibeira	Arecaceae	6
	12	<i>Scheelea osmantha</i> B.C.	<i>Attalea butyracea</i> (Mutis ex L. f.) Wess. Boer	Aricuri	Arecaceae	9
Palmeira de médio porte	13	<i>Aiphanes caryotaefolia</i>	<i>Aiphanes aculeata</i> Willd.	Cariota-de-espino	Arecaceae	3
	14	<i>Corypha taliera</i> Mart	<i>Corypha taliera</i> Roxb.	Corifa	Arecaceae	7
	33	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	-	Palmitero	Arecaceae	3

(*) Espécies que não sofreram mudanças de nomenclatura.

3.2.2 Inventário florístico

A equipe do Laboratório de Sistemática de Fanerógamos da UFPE realizou, em 2007, o levantamento da vegetação da Praça Ministro Salgado Filho, revelando que a diversidade da vegetação do espelho d'água foi reduzida a apenas uma espécie: a aninga (*Montrichardia linifera*). Houve também uma redução do número de espécies herbáceas terrestres, sendo encontradas apenas quatro, entre elas a paquevira (*Heliconia psittacorum*) e a açucena (*Crinum asiaticum*). Entre as arbóreas, encontraram-se ainda o abricó-de-macaco (*Couroupita guianensis*), o ipê-roxo (*Tabebuia* sp.) e o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*). Em relação às palmeiras, foi constatado que a quantidade de espécies aumentou em relação ao número mencionado por Burslem Marx, das quais destacam-se a macaibeira (*Acrocomia intumescens*), a palmeira-de-leque-de-fiji (*Pritchardia pacifica*), a palmeira-licuala (*Licuala spinosa*) e o coqueiro (*Cocos nucifera*), como pode ser observado na Tabela 2. A distribuição espacial das espécies pode ser vista na Figura 21.

Tabela 2. Composição florística da Praça Salgado Filho, 2007.

Estrato	Nº	Nome científico	Nome popular	Família botânica	Quant.	
Herbácea aquática	-	<i>Montrichardia linifera</i> (Arruda) Schott	Aninga	Araceae	*	
Herbáceo	27	<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.	Paquevira	Heliconiaceae	*	
	17	<i>Crinum asiaticum</i> L.	Açucena	Liliaceae	*	
	40	<i>Musa coccinea</i> Andrews	Bananeira-ornamental	Musaceae	01	
	16	<i>Zoysia japonica</i> Steud.	Grana-esmeralda	Poaceae	*	
Arbóreo	13	<i>Basiloxylon brasiliensis</i> (Allemão) K. Schum.	Pau-rei	Sterculiaceae	04	
	11	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae	09	
	23	<i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth.	Sibipiruna	Caesalpiniaceae	05	
	28	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	Caesalpiniaceae	01	
	2	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Abricó-de-macaco	Lecythidaceae	11	
	31	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Flamboyant	Caesalpiniaceae	01	
	30	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	Fabaceae	01	
	14	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapeiro	Rubiaceae	01	
	22	<i>Lagerstroemia speciosa</i> (L.) Pers.	Resedá	Lythraceae	02	
	18	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae	01	
	6	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae	03	
	34	<i>Psidium guajava</i> L.	Goaiabeira	Myrtaceae	01	
	12	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira-da-praia	Anacardiaceae	01	
	4	<i>Senna siamea</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby	Cássia-amarela	Caesalpiniaceae	05	
	3	<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Azeitona-roxa	Myrtaceae	05	
	8	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambeiro	Myrtaceae	03	
	21	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore	Craibeira	Bignoniaceae	03	
	32	<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) G. Nicholson	Ipê-amarelo	Bignoniaceae	03	
	33	<i>Tabebuia</i> sp1.	Ipê-rosa	Bignoniaceae	06	
	5	<i>Tabebuia</i> sp2.	Ipê-roxo	Bignoniaceae	11	
	26	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Caesalpiniaceae	01	
	Palmeira de médio porte	19	<i>Licuala spinosa</i> Wurm	Palmeira-licuala	Arecaceae	12
		24	<i>Phoenix reclinata</i> Jacq.	Tamareira-do-senegal	Arecaceae	01
		29	<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien	Tamareira-de-jardim	Arecaceae	03
		25	<i>Phoenix</i> sp.	Palmeira-fênix	Arecaceae	06
	Palmeira de grande porte	7	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Macaibeira	Arecaceae	21
1		<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Arecaceae	09	
9		<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Dendezeiro	Arecaceae	04	
10		<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.	Palmeira-de-leque-de-fiji	Arecaceae	15	
20		<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F. Cook	Palmeira-imperial	Arecaceae	03	



Fig. 21. Distribuição espacial da vegetação da Praça Salgado Filho em 2007.
 Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

Na comparação entre a vegetação proposta por Burle Marx e a encontrada na época da elaboração do inventário florístico, em 2007, observa-se que a maioria das espécies herbáceas aquáticas não são mais cultivadas. A mesma perda de diversidade ocorreu com as espécies herbáceas terrestres. Algumas árvores como o pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*) e o pacová-de-macaco (*Swartzia langsdorffii*), além de palmeiras como o palmitero (*Euterpe edulis*) e a aricuri (*Attalea butyracea*), também não foram encontradas (Tabela 3).

Tabela 3. Espécies propostas por Burle Marx para a Praça Ministro Salgado Filho e que não foram encontradas no levantamento florístico em 2007.

Especificação por Burle Marx	Nome científico atualizado	Nome popular	Família
<i>Nelumbo nucifera</i> Gaertn.	*	Lótus	Nelumbonaceae
<i>Nymphaea ampla</i> DC.	*	Lírio-d'água	Nymphaeaceae
<i>Nymphaea ampla</i> DC. var. <i>rosea</i> DC.	-	Lírio-d'água rosa	Nymphaeaceae
<i>Nymphaea capensis</i> Thunb. var. <i>zanzibariensis</i> Casp.	<i>Nymphaea capensis</i> var. <i>madagascariensis</i> (DC.) Conard	Lírio-azul	Nymphaeaceae
<i>Thalia dealbata</i> Fraser	<i>Thalia dealbata</i> Fraser ex Roscoe	Talia	Marantaceae
<i>Victoria regia</i> Lindl.	<i>Victoria amazonica</i> (Poepp.) J.C. Sowerby	Vitória-régia	Nymphaeaceae
<i>Canna indica</i> L. (laranja)	*	Cana-da-índia	Cannaceae
<i>Crinum asiaticum</i> L.	*	Lírio-aranha	Liliaceae
<i>Graptophyllum pictum</i> Griff.	<i>Graptophyllum pictum</i> (L.) Griff.	Graptófilo	Acanthaceae
<i>Paspalum notatum</i> Fluegge	<i>Paspalum notatum</i> Alain ex Flügge	Gramma-dos-batatais	Poaceae
<i>Stenotaphrum americanum</i> Schrank	<i>Stenotaphrum secundatum</i> (Walter) Kuntze	Gramma-santo-agostinho	Poaceae
<i>Xanthosoma violaceum</i> Schott.	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott	Orelha-de-elefante	Araceae
<i>Allamanda nobilis</i> T. Moore	*	Alamanda	Apocynaceae
<i>Codiaeum variegatum</i> Blume	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A. Juss.	Cróton	Euphorbiaceae
<i>Plumbago capensis</i> Thunb.	<i>Plumbago auriculata</i> Lam.	Nuvem	Plumbaginaceae
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	*	Pau-ferro	Caesalpinaceae
<i>Elizabetha princeps</i> Schomb.	<i>Elizabetha princeps</i> Schomburgk ex Benth.	Elizabetha	Caesalpinaceae
<i>Erythrina glauca</i> Willd.	<i>Erythrina fusca</i> Lour.	Suinã	Fabaceae
<i>Lecythis pisonis</i> Camb.	*	Sapucaia	Lecythidaceae
<i>Swartzia langsdorffii</i> Raddi	*	Pacová-de-macaco	Caesalpinaceae
<i>Aiphanes caryotaefolia</i>	<i>Aiphanes aculeata</i> Willd.	Cariota-de-espinho	Arecaceae
<i>Corypha taliera</i> Roxb.	<i>Corypha taliera</i> Mart.	Corifa	Arecaceae
<i>Corypha taliera</i> Mart	<i>Corypha taliera</i> Roxb.	Palmitero	Arecaceae
<i>Scheelea osmantha</i> B.C.	<i>Attalea butyracea</i> (Mutis ex L. f.) Wess. Boer	Aricuri	Arecaceae

(*) Espécies que não sofreram mudanças de nomenclatura.

Algumas espécies mencionadas por Burle Marx foram encontradas na época do levantamento, em 2007 (Tabela 4). A única espécie herbácea aquática remanescente registrada foi a aninga (*Montrichardia linifera*) e a única espécie herbácea terrestre foi a açucena (*Crinum asiaticum*). Entre as arbóreas, destacam-se o pau-rei (*Basiloxylon brasiliensis*), o abricó-de-macaco (*Couroupita guianensis*) e o resedá (*Lagerstroemia speciosa*). Das palmeiras, apenas a macaibeira (*Acrocomia intumescens*).

Tabela 4. Espécies originais propostas por Burle Marx para a Praça Ministro Salgado Filho encontradas no levantamento florístico no ano de 2007.

Nome científico	Nome popular	Família
<i>Montrichardia linifera</i> (Arruda) Schott	Aninga	Araceae
<i>Crinum asiaticum</i> L.	Açucena	Liliaceae
<i>Basiloxylon brasiliensis</i> (Allemão) K. Schum.	Pau-rei	Sterculiaceae
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae
<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Abricó-de-macaco	Lecythidaceae
<i>Lagerstroemia speciosa</i> (L.) Pers.	Resedá	Lythraceae
<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae
<i>Tabebuia</i> sp2.	Ipê-roxo	Bignoniaceae
<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Macaibeira	Areaceae

Observou-se a introdução de muitas espécies arbóreas e palmeiras, como o *flamboyant* (*Delonix regia*), a azeitoneira (*Syzygium jambolanum*), o tamarindo (*Tamarindus indica*), a tamareira-do-senegal (*Phoenix reclinata*), a tamareira-de-jardim (*Phoenix roebelenii*) e o coqueiro (*Cocos nucifera*). Há registros históricos de que o coqueiro foi introduzido no momento da execução do projeto (Tabela 5).

Tabela 5. Espécies identificadas na época da elaboração do inventário florístico da Praça Ministro Salgado Filho e não mencionadas nos registros sobre a vegetação proposta por Burle Marx.

Nome científico	Nome popular	Família
<i>Zoysia japonica</i> Steud.	Grama-esmeralda	Poaceae
<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	Caesalpiniaceae
<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	<i>Flamboyant</i>	Caesalpiniaceae
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	Fabaceae
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapeiro	Rubiaceae
<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae
<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	Myrtaceae
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira-da-praia	Anacardiaceae
<i>Senna siamea</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby	Cássia-amarela	Caesalpiniaceae
<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Azeitona-roxa	Myrtaceae
<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore	Craibeira	Bignoniaceae
<i>Tabebuia</i> sp1.	Ipê-rosa	Bignoniaceae
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Caesalpiniaceae
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Areaceae
<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Dendezeiro	Areaceae
<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.	Palmeira-leque	Areaceae
<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F. Cook	Palmeira-imperial	Areaceae
<i>Licuala spinosa</i> Wurm	Palmeira-licuala	Areaceae
<i>Phoenix</i> sp.	Palmeira-fênix	Areaceae
<i>Phoenix reclinata</i> Jacq.	Tamareira-do-senegal	Areaceae
<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien	Tamareira-de-jardim	Areaceae

Atualmente, o uso desse jardim está restrito às pessoas que aguardam os ônibus nos pontos de parada e àquelas que por ali circulam

– ocasional e muito provavelmente apenas durante o dia, pois não há sombreamento convidativo. O sistema viário do entorno transformou a praça numa ilha de tráfego, quase inacessível ao convívio social.

Os principais aspectos sociais e legais são:

- Usuários: transeuntes, funcionários do aeroporto, pessoas que visitam o aeroporto;
- Situação legal: está situada na Zona Especial do Aeroporto (ZEA) e, devido ao tráfego aéreo, tem restrições de gabarito.

Os principais aspectos identificados no entorno são:

- Edificações históricas: Aeroporto Internacional dos Guararapes, edifício modernista de 1957;
- Paradas de ônibus: duas paradas de ônibus na calçada da Av. Mascarenhas de Moraes;
- Relações visuais: o desenho da praça define eixos que se relacionam diretamente com o antigo prédio do aeroporto, o qual se caracteriza como um marco de sua entrada. A relação com a Nova Estação de Passageiros é periférica e fragmentada pela rampa de veículos;
- Via de acesso: Av. Mascarenhas de Moraes;
- Pontos de venda: não há pontos de venda, embora sejam vistos alguns ambulantes junto às paradas de ônibus.

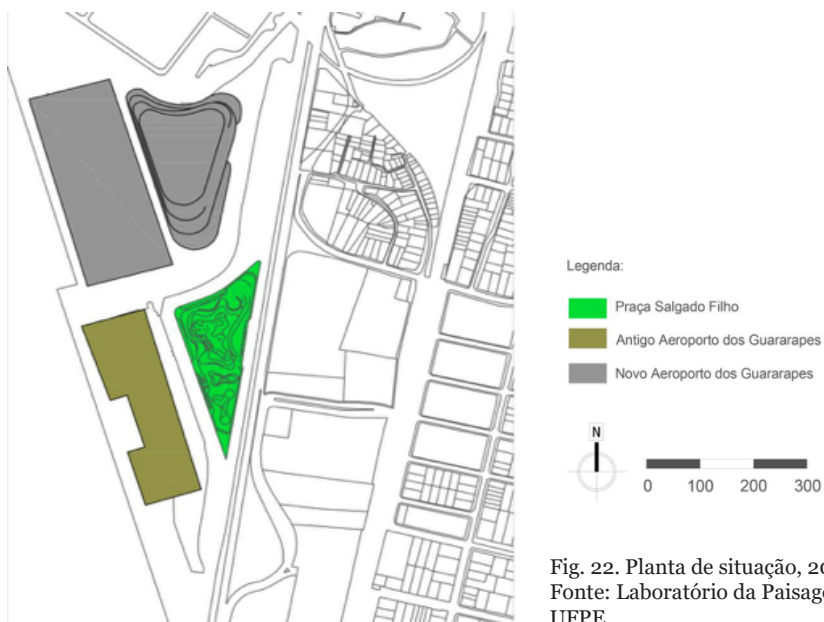


Fig. 22. Planta de situação, 2013.
Fonte: Laboratório da Paisagem/
UFPE.

3.3 Intervenções

Em 1993, a praça foi ampliada segundo projeto da Prefeitura do Recife, o que pode ser observado ao se comparar a Figura 23 com a Figura 24. Sete anos depois, as obras do novo aeroporto exigiram a ampliação do sistema viário, incluindo a construção de um viaduto que se inicia em uma das extremidades da praça. Como se pode ver adiante, infelizmente, o projeto arquitetônico não integrou a praça ao complexo construtivo (Fig. 25).



Fig. 23. Ortofotocarta da Praça Ministro Salgado Filho, 1974. Fonte: Acervo da Fidem.



Fig. 24. Ortofotocarta da Praça Ministro Salgado Filho, 1997. Fonte: Acervo da Fidem.

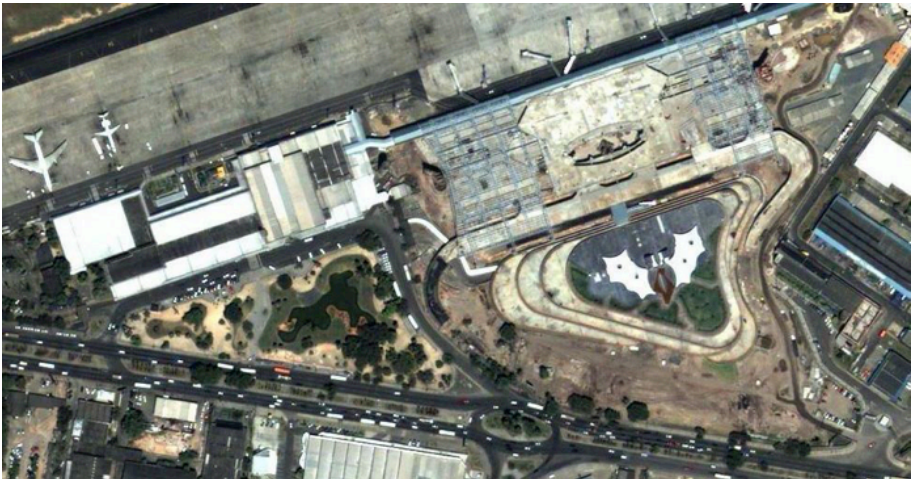


Fig. 25. Ortofotocarta da Praça Ministro Salgado Filho, 2002. Fonte: Acervo da Fidem.

3.4 Adoção

A praça foi adotada pela Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero) de 2000 a 2008, sendo atualmente cuidada pela Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana da Prefeitura do Recife (Emlurb).

3.5 Estado de conservação

O precário estado de conservação atual demonstra a dificuldade da Prefeitura do Recife em relação aos cuidados com os espaços públicos da cidade – nesse caso, um local de pouco uso em relação a outros mais frequentados pelos recifenses, o que deve agravar a situação –, sendo pertinente, portanto, a elaboração e implantação de um plano de gestão da conservação que defina as diretrizes e os procedimentos necessários. O projeto de restauração já foi concluído e o jardim está no planejamento da prefeitura para ser restaurado.

3.6 Concepção do projeto de restauração

O Projeto de Restauração da Praça Ministro Salgado Filho foi concebido em 2009 por técnicos da Emlurb, com a consultoria do Laboratório da Paisagem/UFPE. Como fator positivo, o projeto foi avaliado em um *workshop* sobre jardim histórico ministrado pela Prof^a. Cristina Castel-Branco, da Universidade de Lisboa, ocorrido no final de 2012 e organizado pelo Laboratório da Paisagem/UFPE. O projeto tomou como ponto de partida a vegetação indicada no projeto original de Burle Marx, com especial atenção para a distribuição das plantas herbáceas (aquáticas e terrestres) e arbustivas (terrestres e paludosas), visando à reconstituição da composição proposta em textura e cor. O desenho do lago deve ser refeito e, as superfícies, impermeabilizadas. Além disso, o desenho do canteiro no seu entorno, em diferentes níveis, precisa ser recuperado – a partir da comparação entre o projeto original e o elaborado pela prefeitura em 1974, quando foram acrescentados vegetais (árvores, palmeiras e arbustos) e bancos no local do estacionamento. Foi recomendado um bosque de oitis (*Licania tomentosa*), espécie indicada por Burle Marx no projeto original para compor a área do estacionamento, com a finalidade de proteger o espaço interior dos ruídos provocados pelos veículos, dada a ampliação do sistema viário.

Itens do projeto de restauração:

- Vegetação existente e proposta: a maioria das árvores foi mantida, devendo ser retirados alguns indivíduos de árvores e palmeiras por problemas fitossanitários. Foi proposto o plantio de uma fileira de árvores em direção ao viaduto, formando uma cortina protetora ao tráfego intenso da avenida circundante;

- Elementos de destaque: a forma irregular do espelho d'água configura o ponto focal do projeto, que define as curvas e os níveis dos canteiros no seu entorno;
- Passeios: o projeto incorporou um caminho em pedra sobre uma parte do gramado, definido pelo uso das pessoas ao atravessar do ponto de ônibus em direção ao aeroporto;
- Mobiliário: devem ser recuperados os bancos de concreto e os postes de iluminação; recomenda-se a instalação de uma placa de inauguração.



Fig. 26. Projeto de restauração, 2009. Fonte: Acervo da Emlurb/PCR.

4. Avaliação da paisagem futura

A construção do novo aeroporto exigiu a implantação de vias e viadutos que tornaram mais complexo o sistema viário no entorno da Praça Ministro Salgado Filho. Isso implicou uma maior dificuldade de acesso do pedestre, uma vez que uma de suas extremidades confina com a cabeceira de um viaduto, além de esse fato ter resultado no fechamento da edificação antiga. Essa morfologia também ocasionou o aumento de poluição sonora e do ar, o que provoca sérias ameaças à cobertura vegetal. Outro aspecto que concorreu para prejudicar a sobrevivência da vegetação foi a brita colocada no solo, material prejudicial às plantas, principalmente, àquelas que precisam de umidade – o que reforça a necessidade imperiosa de cuidados com as espécies vegetais, na perspectiva de garantir, permanentemente, sombra e deleite aos frequentadores.

Não obstante todas essas intervenções, a relação da Praça Ministro Salgado Filho com o antigo edifício do aeroporto ainda perdura, em decorrência da força do desenho de seu idealizador. Já foi noticiado pela mídia local que a Infraero tem intenções de definir nova função para esse edifício, talvez um Museu da Aeronáutica, decisão que, com certeza, pode trazer de volta um uso mais significativo para o lugar. Portanto, espera-se que os poderes públicos constituídos possam se unir em torno dessa ideia para contar parte da história do Recife, o que repercutirá positivamente, com a visita de moradores da cidade e turistas que por ali circularão e como uma ajuda ao (re)conhecimento e à proteção desse jardim de Roberto Burle Marx.

Ficha 6: Praça Faria Neves

1. Identificação

Localização: Av. Dois Irmãos, s/n, próxima ao Parque de Dois Irmãos, no Bairro de Dois Irmãos

Área: 8.629,28 m²

Projeto de Roberto Burle Marx: 1958

Projeto de Restauração: 2003

Outra designação: Praça de Dois Irmãos

2. Aspectos históricos

A Praça Faria Neves está localizada onde, no século XIX, existia o engenho Dois Irmãos, parte do Engenho Apipucos, surgido por volta de 1570, lugar de idílicas paisagens suburbanas. Em suas proximidades havia o Riacho da Prata, assim chamado porque foi nele que Branca Dias, uma rica senhora de engenho em Apipucos, jogou sua prataria antes de ser presa e conduzida à Portugal. Na década de 1870, o Engenho Dois Irmãos encerrou definitivamente suas atividades, tendo parte da propriedade sido adquirida pela Companhia do Beberibe, responsável pelo primeiro Serviço de Abastecimento de Água do Recife e pela construção do Açude do Prata e da caixa d'água do Prata.

Nas antigas casas de engenho, localizadas num amplo pátio arborizado que mais tarde se converteria no Largo de Dois Irmãos, foi instalada uma estação de bombeamento de água. Nesse largo existiu o terminal do bonde elétrico, meio de transporte que conduzia os visitantes ao então chamado Horto Florestal (ou Jardim Zoobotânico de Dois Irmãos), criado em 1921. Posteriormente, também ali foram instalados o Departamento de Saneamento do Estado de Pernambuco (DSE) e a vila de seus funcionários.

O paisagista Roberto Burle Marx projetou a Praça Faria Neves no contexto do Programa de Construção de Praças e Parques Públicos, sob a responsabilidade do Departamento de Bem-Estar Público, no governo do prefeito Pelópidas da Silveira. A inauguração desse jardim público ocorreu em 14 de dezembro de 1958, conforme noticiava o *Diário de Pernambuco*. As Figuras 1 e 2 mostram os brinquedos infantis do *playground* e os bancos, que formavam um ambiente de lazer e convívio social e de onde se contemplavam os perfis da Mata Atlântica. Lembra-va Gilberto Freyre, em 1983, que a família de Burle Marx residiu por muito tempo nas proximidades desta praça, num sítio em Apipucos onde o paisagista cultivava belas plantas.



Fig. 1. Inauguração da Praça de Dois Irmãos, 1958. Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.



Fig. 2. Inauguração da Praça de Dois Irmãos, 1958. Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.

Foi na década de 1960, quando Augusto Lucena era o prefeito, que aconteceu a primeira reforma da praça. A partir de então, ela passa a se chamar Praça Faria Neves, em homenagem ao pesquisador José Pedro Faria Neves, taxidermista e professor de história natural – estudioso da flora e da fauna das matas de Dois Irmãos.

Desde então, é evidente a integração entre o jardim e o parque de Dois Irmãos (antigo Horto Florestal) – uma unidade de conservação protegida pelo estado e pelo município –, formando um agradável cenário e um vestíbulo acolhedor na paisagem. Nesse domínio, cuja mata circundante é um maciço vegetal protetor, além do Açude do Prata e da Estação de Tratamento da Companhia Pernambucana de Saneamento e Abastecimento d'Água (COMPESA), encontra-se o Chalé do Prata, construído em 1880 – no sítio histórico tombado pelo estado. Permanecem ainda no entorno a vila e o escritório da COMPESA. São mais recentes a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e o Laboratório Farmacêutico de Pernambuco (LAFEPE).

Essa diversidade de contornos no entorno da Praça Faria Neves constitui um conjunto harmônico e único no Recife (Figs. 3 e 4).



Fig. 3. O maciço vegetal da Praça Faria Neves, 2002.
Foto: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.



Fig. 4. O casario no entorno da Praça Faria Neves, 2002.
Foto: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.

A despeito de sua condição de espaço público de lazer e de ter servido, na década de 1990, de local de estacionamento (causando danos, principalmente, à vegetação), terminal de ônibus e palco da festa Festival da Criança, cujos festejos concorreram para a sua degradação, este jardim constitui um marco na paisagem.

Em toda a praça predominava a vegetação densa: espécies nativas e exóticas, entre elas o oiti-da-praia (*Licania tomentosa*), a mangueira (*Mangifera indica*) e o jenipapeiro (*Genipa americana*). Circundado por um banco de concreto, um pau-rei (*Basiloxylon brasiliensis*) sobressaía, dominando um grupo de jambeiros (*Syzygium malaccense*). Essas especificações tinham como objetivo compor uma massa vegetal que trouxesse mais beleza e sombra e, conseqüentemente, mais aconchego e conforto aos seus usuários.

Apenas em 2003 foi elaborado o projeto de restauração da praça, subsidiado pelos valiosos registros pessoais de antigos moradores que permitiram, em parte, a reconstituição da obra de Burle Marx. Naquele momento, nem a Prefeitura do Recife nem o Escritório Roberto Burle Marx no Rio de Janeiro dispunham do projeto original do paisagista. A reconstituição do projeto original baseou-se em informações fornecidas pelos moradores quanto ao traçado da praça, aos tipos de vegetação, arbórea e arbustiva, e aos tipos de mobiliário, dados decisivos para o projeto de restauração.

Por outro lado, muito pesou o conjunto das reivindicações, junto à prefeitura, dessas famílias de residentes, que por nove anos já vinham lutando pela revitalização do jardim. Conforme o *Jornal do Commercio* de 6 de outubro de 2001 (PRAÇA..., 2001), muitas reclamações e iniciativas haviam sido empreendidas por eles, cujo maior interesse era o resgate de uma praça agradável, bonita e arborizada, como a ela se referiam os moradores do entorno.

As Figuras 5 e 6 mostram a praça em 2012, após a restauração executada pela prefeitura com a consultoria do Laboratório da Paisagem da UFPE.



Fig. 5. Brinquedos e vegetação da Praça Faria Neves, 2012. Foto: Marcus Prado.



Fig. 6. Vegetação da Praça Faria Neves, 2012. Foto: Marcus Prado.

3. Aspectos da paisagem atual

3.1 Estudo arquitetônico

Traçado

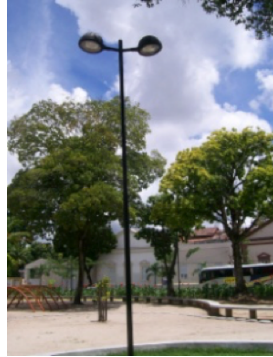
Hoje, a Praça Faria Neves mantém a configuração que foi resgatada nas obras de restauro em 2006. A essência do traçado se destaca pelos canteiros de vegetação gramínea, que são delimitados por duas faixas de cana-da-índia, a partir do brinquedo de concreto, e pelo canteiro central gramado, que acompanha a sinuosidade do banco mais próximo e se relaciona com as palmeiras.

Mobiliário, infraestrutura e revestimento

As necessidades do uso atual exigiram a inclusão de novos elementos de mobiliário, bem como de infraestrutura compatível com as normas vigentes, principalmente as de acessibilidade. Para marcar a restauração foi colocado um mural de cerâmica com o nome da praça e o de Roberto Burle Marx.

Mobiliário urbano:

- 04 bancos curvos de concreto sem encosto (Fig. 7);
- 11 bancos de madeira com encosto (Fig. 8);
- 04 mesas quadradas com bancos de concreto sem encosto (Fig.9);
- 38 postes metálicos na cor preta, com fiação embutida (Fig. 10);
- 02 bicicletários (Fig. 11);
- 01 mural revestido com cerâmica (Fig. 12);
- 19 placas de identificação da vegetação em cerâmica e base de metal na cor preta (Fig.13);
- 09 lixeiras redondas metálicas, na cor preta (Fig. 14);
- Delimitadores da calçada metálicos, na cor preta (Fig.15);
- Trilhos do bonde (Fig.16);
- Brinquedos de ferro de diversas cores (Fig.17);
- Brinquedo de concreto desenhado por Burle Marx (Fig. 18);
- Placa de tombamento da palmeira bifurcada (Fig. 19);
- Cerca protetora de ferro (Fig. 20);
- 03 alegretes de tipos diferentes (Figs. 21, 22 e 23).



Figs. 7 a 10.
Mobiliário urbano.
Fotos: Equipe do
Laboratório da
Paisagem/UFPE.



Figs. 11 a 14.
Mobiliário urbano.
Fotos: Equipe do
Laboratório da
Paisagem/UFPE.



Figs. 15 a 18.
Mobiliário urbano,
2011.
Fotos: Equipe do
Laboratório da
Paisagem/UFPE.



Figs. 19 a 23.
Mobiliário urbano,
2011.
Fotos: Equipe do
Laboratório da
Paisagem/UFPE.

Infraestrutura urbana e revestimento:

- Drenagem: galerias laterais no meio-fio;
- Passeios: com pedra Itacolomy (Fig. 24);
- Caixa de concreto de fiação da CELPE nas proximidades dos postes;
- Caixas de concreto de drenagem nos canteiros gramados;
- 02 telefones de uso público (Fig. 25);
- Parada de ônibus na calçada da praça (Fig. 26);
- Iluminação: fiação embutida;
- Piso: terra batida.



Figs. 24 a 26.
Revestimento.
Fotos: Equipe do
Laboratório da
Paisagem/UFPE.

Obras de arte:

- Escultura de Burle Marx de concreto armado, de autoria do escultor Demétrio Albuquerque (Fig. 27).



Fig. 27. Estátua de Burle Marx, 2011
Foto: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.

3.2 Estudo botânico

O fato de se situar nas bordas da cidade, entre um maciço construído e uma reserva remanescente de Mata Atlântica protegida por lei, confere à Praça Faria Neves especial condição urbana. Ao mesmo tempo que desempenha a função de filtro protetor e preparador para a entrada do Parque de Dois Irmãos, ela acolhe e convida o visitante a desfrutar de suas áreas de lazer e descanso, o que reforça a sua autonomia como espaço público.

Esta função é reforçada pelo seu desenho, que ressalta a evidente relação entre traçado e vegetação. As linhas curvilíneas que se abrem para definir o espaço de lazer das crianças são ladeadas por uma vegetação arbórea – como o abricó-de-macaco (*Couroupita guianensis*), que reforça os limites do espaço. A herbácea cana-da-índia (*Canna indica*), ainda no mesmo alinhamento, resguarda nos extremos da praça

as áreas de lazer e descanso, fornecendo um colorido sinalizador da composição. O uso para crianças e adultos está nitidamente contemplado na composição de dois vazios resultantes de curvas que se fecham e se abrem, acolhem e induzem, resguardam e expõem o conhecimento botânico, geográfico e artístico do paisagista no ato de desenhar este jardim público.

As espécies listadas na Tabela 1 encontravam-se cultivadas na Praça Faria Neves antes da sua restauração, que ocorreu no ano de 2006. Na tabela, especificam-se os estratos vegetais, o número das espécies na planta, nome popular, nome científico, família botânica e a quantidade de espécimes cultivados. Foram registradas 24 espécies, entre árvores e palmeiras, como, por exemplo, o baobá (*Adansonia digitata*), o pau-rei (*Basiloxylon brasiliensis*), o sombreiro (*Clitoria fairchildiana*), a palmeira-mulambo (*Caryota mitis*) e a palmeira-imperial (*Roystonea oleracea*).

Tabela 1. Levantamento florístico da Praça Faria Neves realizado pela Prefeitura da Cidade do Recife antes da restauração.

Estrato	Nº	Nome científico	Nome popular	Família	Quant.
Árboreo	24	<i>Adansonia digitata</i> L.	Baobá	Bombacaceae	01
	13	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaqueira	Moraceae	01
	9	<i>Basiloxylon brasiliensis</i> (Allemão) K. Schum.	Pau-rei	Sterculiaceae	01
	14	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae	06
	5	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Pau-ferro	Caesalpiniaceae	02
	3	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A. Howard	Sombreiro	Fabaceae	06
	17	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Abriçó-de-macaco	Lecythidaceae	06
	21	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	Fabaceae	01
	20	<i>Ficus benjamina</i> L.	Gameleira	Moraceae	01
	16	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Rubiaceae	01
	11	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae	01
	6	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae	04
	1	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	Carolina	Bombacaceae	01
	8	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambeiro	Myrtaceae	10
	15	<i>Tabebuia avellanadae</i> Lorentz ex Griseb.	Ipê-roxo	Bignoniaceae	01
7	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitombeira	Sapindaceae	01	
23	<i>Terminalia catappa</i> L.	Coração-de-negro	Combretaceae	01	
Palmeira de grande porte	10	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Arecaceae	08
	22	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Dendezeiro	Arecaceae	01
	4	<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.	Palmeira-leque-de-fiji	Arecaceae	06
	2	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F. Cook	Palmeira-imperial	Arecaceae	17
Palmeira de médio porte	18	<i>Caryota mitis</i> Lour.	Palmeira-mulambo	Arecaceae	02
	19	<i>Dypsis lutescens</i> (H. Wendl.) Beentje & J. Dransf.	Palmeira-areca	Arecaceae	02
	12	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Palmeira-católé	Arecaceae	09

Após a intervenção, novo levantamento florístico foi feito no ano de 2006 pelo Laboratório da Paisagem/UFPE. As 27 espécies cultivadas na praça estão listadas na Tabela 2. Destaca-se a introdução de espécies herbáceas, como a cana-da-índia (*Canna indica*), e a manutenção de espécies arbóreas e palmeiras. Alguns indivíduos foram removidos, como é o caso, por exemplo, do abricó-de-macaco (*Couroupita guianensis*) e do jameiro (*Syzygium malaccense*). A Tabela 3 mostra as 24 espécies mantidas após a restauração.

Tabela 2. Inventário florístico da Praça Faria Neves, realizado em 2006.

Estrato	Nome científico	Nome popular	Família	Quant.	
Herbáceo	<i>Canna indica</i> L.	Cana-da-índia	Cannaceae	480m ²	
	<i>Zoysia japonica</i> Steud.	Grama-esmeralda	Poaceae	2860m ²	
Arbóreo	<i>Adansonia digitata</i> L.	Baobá	Bombacaceae	01	
	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaqueira	Moraceae	01	
	<i>Basiloxylon brasiliensis</i> (Allemao) K. Schum.	Pau-rei	Sterculiaceae	01	
	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae	01	
	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Pau-ferro	Caesalpiniaceae	01	
	<i>Albizia lebbek</i> (L.) Benth.	Faveiro	Mimosaceae	27	
	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A. Howard	Sombreiro	Fabaceae	02	
	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Abricó-de-macaco	Lecythidaceae	04	
	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	Fabaceae	01	
	<i>Ficus</i> sp.	Gameleira	Moraceae	01	
	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Rubiaceae	01	
	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae	01	
	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae	04	
	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	Carolina	Araceae	01	
	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jameiro	Myrtaceae	05	
	<i>Tabebuia avellanedae</i> Lorentz ex Griseb.	Ipê-roxo	Bignoniaceae	14	
	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitombeira	Sapindaceae	01	
	<i>Terminalia catappa</i> L.	Coração-de-negro	Combretaceae	01	
	Palmeira de grande porte	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Arecaceae	08
		<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Palmeira-dendê	Arecaceae	02
<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.		Palmeira-leque-de-fiji	Arecaceae	08	
Palmeira de médio porte	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F. Cook	Palmeira-imperial	Arecaceae	09	
	<i>Caryota mitis</i> Lour.	Palmeira-mulambo	Arecaceae	01	
	<i>Dypsis lutescens</i> (H. Wendl.) Beentje & J. Dransf.	Palmeira-areca	Arecaceae	01	
	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Palmeira-católé	Arecaceae	01	

Tabela 3. Espécies existentes na Praça Faria Neves e mantidas no projeto de restauração, em 2006.

Estrato	Nome científico	Nome popular	Família
Arbóreo	<i>Adansonia digitata</i> L.	Baobá	Bombacaceae
	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaqueira	Moraceae
	<i>Bastioxylon brasiliensis</i> (Allemão) K. Schum.	Pau-rei	Sterculiaceae
	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae
	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Pau-ferro	Caesalpiniaceae
	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A. Howard	Sombreiro	Fabaceae
	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Abriçó-de-macaco	Lecythidaceae
	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	Fabaceae
	<i>Ficus</i> sp.	Gameleira	Moraceae
	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Rubiaceae
	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae
	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae
	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	Munguba, carolina	Bombacaceae
	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jamboiro-do-pará	Myrtaceae
	<i>Tabebuia avellanedae</i> Lorentz ex Griseb.	Ipê-roxo	Bignoniaceae
<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitombeira	Sapindaceae	
<i>Terminalia catappa</i> L.	Castanhola, coração-de-negro	Combretaceae	
Palmeira de médio porte	<i>Caryota mitis</i> Lour.	Palmeira-mulambo	Arecaceae
	<i>Dypsis lutescens</i> (H. Wendl.) Beentje & J. Dransf.	Palmeira-areca	Arecaceae
	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Palmeira-católé	Arecaceae
Palmeira de grande porte	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Arecaceae
	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Palmeira-dendê	Arecaceae
	<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.	Palmeira-leque-de-fiji	Arecaceae
	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F. Cook	Palmeira-imperial	Arecaceae

Na restauração, foram introduzidas plantas herbáceas, como a cana-da-índia (*Canna indica*) e árvores, destacando-se o faveiro (*Albizia lebbek*) e o ipê-rosa (*Tabebuia avellanedae*).

Tabela 4. Espécies introduzidas na Praça Faria Neves na restauração de 2006.

Estrato	Nome científico	Nome popular	Família	Quant.
Herbáceo	<i>Canna indica</i> L.	Cana-da-índia	Cannaceae	480m ²
	<i>Zoysia japonica</i> Steud.	Gramma-esmeralda	Poaceae	2860m ²
	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae	2
	<i>Albizia lebbek</i> (L.) Benth.	Faveiro	Mimosaceae	27
	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Abriçó-de-macaco	Lecythidaceae	2
	<i>Tabebuia avellanedae</i> Lorentz ex Griseb.	Ipê-roxo	Bignoniaceae	14

Observa-se na Tabela 5 que algumas espécies foram retiradas, como, por exemplo, o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), o sombreiro (*Clitoria fairchildiana*) e a palmeira-imperial (*Roystonea oleracea*).

Tabela 5. Espécies retiradas da Praça Faria Neves na restauração de 2006.

Estrato	Nome científico	Nome popular	Família	Quant.
Arbóreo	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpinaceae	5
	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Pau-ferro	Caesalpinaceae	1
	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A. Howard	Sombreiro	Fabaceae	4
	<i>Ficus benjamina</i> L.	Ficus benjamina	Moraceae	1
	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	Carolina	Bombacaceae	1
	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambeiro	Myrtaceae	1
Palmeira de grande porte	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Arecaceae	1
	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F. Cook	Palmeira-imperial	Arecaceae	8
Palmeira de médio porte	<i>Caryota mitis</i> Lour.	Palmeira-mulambo	Arecaceae	1
	<i>Dypsis lutescens</i> (H. Wendl.) Beentje & J. Dransf.	Palmeira-areca	Arecaceae	1

Em 2012 foi realizado um novo inventário florístico pelo Laboratório da Paisagem/UFPE, no qual se constatou que o pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*), o sombreiro (*Clitoria fairchildiana*), a gameleira (*Ficus* sp.), a carolina (*Pachira aquatica*), a pitombeira (*Talisia esculenta*), o coqueiro (*Cocos nucifera*), a palmeira-rabo-de-peixe (*Caryota mitis*) e a areca (*Dypsis lutescens*) não mais estavam presentes na praça.

A vegetação da Praça Faria Neves é representada por 20 espécies, 19 gêneros e 15 famílias botânicas. Entre as espécies, o ipê-rosa (*Tabebuia avellanedae*), a palmeira-imperial (*Roystonea oleracea*) e a palmeira-leque-de-fiji (*Pritchardia pacifica*) destacam-se por possuírem o maior número de indivíduos. A distribuição espacial das espécies pode ser vista na Figura 28.

Tabela 6. Composição florística da Praça Faria Neves.

N.	Nome científico	Nome popular	Família	Quant.
19	<i>Canna indica</i> L.	Cana-da-índia	Cannaceae	-
20	<i>Zoysia japonica</i> Steud.	Grama-esmeralda	Poaceae	-
14	<i>Adansonia digitata</i> L.	Baobá	Bombacaceae	01
7	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaqueira	Moraceae	01
5	<i>Basiloxylon brasiliensis</i> (Allemão) K. Schum.	Pau-rei	Sterculiaceae	01
8	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Caesalpiniaceae	01
11	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Abricó-de-macaco	Lecythidaceae	04
16	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	Fabaceae	01
9	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Rubiaceae	01
6	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti-da-praia	Chrysobalanaceae	01
3	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Anacardiaceae	04
4	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambeiro	Myrtaceae	05
17	<i>Tabebuia avellanadae</i> Lorentz ex Griseb.	Ipê-rosa	Bigoniaceae	14
10	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	Ipê-roxo	Bigoniaceae	01
12	<i>Terminalia catappa</i> L.	Coração-de-negro	Combretaceae	01
18	<i>Schinus terebinthifolius</i>	Aroeira	Anacardiaceae	01
15	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Palmeira-dendê	Arecaceae	02
2	<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.	Palmeira-leque-de-fiji	Arecaceae	08
1	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F. Cook	Palmeira-imperial	Arecaceae	09
13	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Palmeira-católé	Arecaceae	01



Fig. 28. Distribuição espacial da vegetação da Praça Faria Neves, 2012.
Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

3.3 Aspectos sociais, legais e do entorno

A Praça Faria Neves está inserida numa área privilegiada da cidade no que se refere às aprazibilidade e baixa densidade construtiva. Emoldurada pelo “cordão verde” que se desenha a oeste do Recife, é um jardim de onde se descortina uma paisagem de Mata Atlântica.

Nos dias ensolarados, os menores da vizinhança são os principais usuários – não mais ali acontecendo o Festival da Criança ou qualquer evento do calendário oficial do poder público –, ao mesmo tempo que, durante toda a semana, estudantes da UFRPE fazem dela um recanto para conversa, descanso e aulas de botânica. As famílias residentes no entorno estabeleceram, ao longo do tempo, uma relação de cuidados com a praça que se traduz na luta que travaram com a municipalidade com o objetivo de garantir a sua recuperação, depois de um longo período de degradação. Nesse contexto, pode-se esperar que essa comunidade esteja sempre alerta quanto à manutenção deste jardim público.

Os principais aspectos sociais e legais são:

- Envolvimento da população: há a União de Moradores de Dois Irmãos que, historicamente, vem atuando em favor da praça;
- Usuários: moradores da vila, transeuntes, funcionários do LAFEPE, da UFRPE e da COMPESA, visitantes do Parque de Dois Irmãos;
- Situação legal: está situada numa unidade de conservação municipal, ainda denominada Reserva Ecológica de Dois Irmãos.

Os principais aspectos identificados do entorno são:

- Edificações históricas: casas da vila do antigo Departamento de Saneamento do Estado (DSE) e duas edificações do século XIX, numa das quais funciona a COMPESA e, na outra, uma casa de eventos;
- Paradas de ônibus: uma do lado da Av. Dois Irmãos e outra em frente ao LAFEPE;
- Relações visuais: a praça se relaciona diretamente com a mata existente em seu entorno, sendo uma espécie de *hall* de entrada para o Parque de Dois Irmãos. Também mantém uma relação de escala com as edificações térreas do entorno;
- Via de acesso: Avenida Dois Irmãos;

- Elementos naturais: Mata Atlântica do Parque de Dois Irmãos no entorno imediato e, nas proximidades, os açudes de Dois Irmãos, de Apipucos e do Prata;
- Pontos de venda: “fiteiro” na frente do LAFEPE e alguns eventuais ambulantes.

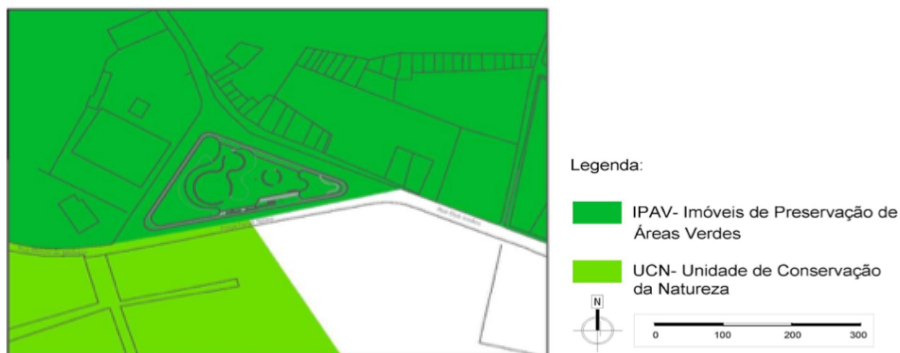


Fig. 29. Planta de situação, 2012. Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

3.4 Intervenções

Na década de 1960, houve uma intervenção na praça pelo poder público municipal, mas nenhum registro foi encontrado até este momento.

3.5 Adoção

A praça foi adotada pelo LAFEPE desde 2006, após a restauração, num gesto de reconhecimento ao trabalho realizado e de apoio à manutenção de áreas verdes urbanas.

3.6 Estado de conservação

O estado de conservação da praça é considerado bom, graças aos cuidados do adotante. Entretanto, alguns problemas, como os abaixo relacionados, começam a surgir, indicando a necessidade de um plano de gestão da conservação:

- Mural em cerâmica danificado (foram retiradas as letras de latão dos nomes da praça e do paisagista);
- Bancos que necessitam de pintura.

3.7 Concepção do projeto de restauração

O projeto de restauração da Praça Faria Neves foi concebido em 2003 por técnicos da Emlurb, com a consultoria do Laboratório da Paisagem/UFPE, e executado apenas durante o ano de 2006. Como o projeto original não foi encontrado, o traçado foi refeito com base na cartografia histórica e na descrição dos moradores mais antigos e que permaneciam no local. O traçado manteve as formas sinuosas dos canteiros, que eram similares às do teto jardim do prédio do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, projetado pelo paisagista em 1938. Foram recuperados os três bancos de concreto, definidores do desenho da praça e bastante nítidos em fotografia aérea de 1967, encontrada nos arquivos da prefeitura. Um deles limitava um canteiro vegetado e o outro ladeava uma fileira de árvores, sendo ambos sinuosos. O terceiro, circular, voltava-se para uma caixa de areia. Além deles, um brinquedo de concreto que, a partir de vestígios no local e de comparações com semelhante existente na Praça Bernardelli no Rio de Janeiro (MOTTA, 1993), também projetada por Burle Marx, teria sido projeto do paisagista. Mesas para jogos e bancos com encostos foram incluídos na praça em resposta às necessidades do uso. Foi mantida parte do trilho do terminal do bonde elétrico – cujo percurso inteiro havia sido indicado pelos moradores e confirmado pelos vestígios – e fixado um pequeno painel de concreto, com informações sobre o trabalho de Burle Marx no Recife. O terminal de ônibus que não se integrava à paisagem foi retirado.

Na restauração, as espécies vegetais ganharam nova vida e mais exuberância, inclusive com algumas que dão colorido ao espaço. Com a inauguração desse jardim público, foi devolvido à cidade um lugar apropriado ao lazer e que funciona como *hall* de entrada para o Parque de Dois Irmãos.

Itens do Projeto de Restauração:

- Vegetação existente e proposta: a maioria das árvores foi mantida. Foram retirados oito coqueiros que ladeavam a circulação entre o poste do ônibus e a entrada do parque. Foram plantadas árvores na calçada perto da parada de ônibus e no gramado próximo ao Parque de Dois Irmãos e na Avenida Dois Irmãos.
- Elementos de destaque: recuperado o brinquedo de concreto idealizado por Burle Marx.
- Passeios: construída a calçada de pedra Itacolomy.

- **Mobiliário:** foram recuperados o brinquedo, os bancos longos de concreto, e colocadas mesas com banquinhos de concreto, bancos de madeira com encosto, brinquedos de ferro e painel de cerâmica com um cordel sobre o Recife. Posteriormente à recuperação, em 2008, a prefeitura colocou uma estátua de autoria do escultor Demétrio Albuquerque.
-



Fig. 30. Projeto de restauração, 2006. Fonte: Acervo da Emlurb/PCR.



Fig. 31. Praça Faria Neves, 2006. Foto: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.



Fig. 32. Praça Faria Neves, 2006. Foto: Equipe do Laboratório da Paisagem/UFPE.

4. Avaliação da paisagem futura

Na Praça Faria Neves, uma das ameaças mais fortes à conservação da concepção original do paisagista é a insuficiente manutenção da cobertura vegetal, principalmente o gramado – um dos elementos representativos dos jardins do paisagista. Também é necessária a manutenção do mobiliário, a exemplo das placas que identificam a vegetação, da pintura dos bancos com encosto e do brinquedo de concreto, bem como a recuperação do mural de cerâmica. Esses aspectos indicam, provavelmente, a necessidade de ajustes aos termos de adoção instituídos pelo poder público.

Não obstante a precariedade dos cuidados, este jardim de Roberto Burle Marx é uma recepção convidativa aos visitantes do Parque de Dois Irmãos, proporcionando deleite visual e descanso aos passantes, inclusive àqueles que se dirigem ao *campus* da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Por esses atributos, é um espaço público que se insere num trajeto de potencialidades turísticas: ao longo dos bairros históricos de Casa Forte, Apipucos e Monteiro, seguindo até a bucólica Várzea, onde se encontra o último projeto do artista no Recife, um jardim póstumo na Oficina Francisco Brennand, denominado Praça Burle Marx. A Praça Faria Neves corresponde a um cartão postal de uma paisagem que nos remete a tempos em que a natureza era farta e abundante, motivos mais do que suficientes para justificar a sua conservação na perspectiva de ser considerado um jardim histórico.

Imagens

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx.

DOURADO, Guilherme Mazza. *Modernidade verde: jardins de Burle Marx*. Dissertação de Mestrado, Escola de Engenharia de São Carlos, USP, 2000.

ESCRITÓRIO BURLE MARX E CIA LTDA.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. *Fundação Joaquim Nabuco*. Recife, PE. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 09 nov. 2011.

MARX, Roberto Burle. *Arte e Paisagem*. Conferências escolhidas. São Paulo: Nobel, 1987.

MESQUITA, Liana Barros. Friburgum: o Parque de Nassau no Recife. In: 6º Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo, 2002, Recife. *Anais...* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002. CD-ROM.

O JARDIM da Casa Forte. *Diário da Manhã*, Recife, 22 mai. 1935.

OS JARDINS e a arborização da cidade. *Diário da Tarde*, Recife, 14 mar. 1935.

PERNAMBUCO. Governo do Estado de Pernambuco. Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano (APEJE).

PERNAMBUCO. Governo do Estado de Pernambuco. Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco (Condepe/Fidem)

RECIFE. Prefeitura. Acervo do Museu da Prefeitura do Recife.

RECIFE. Prefeitura. Acervo da Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (Emlurb).

REVISTA DE PERNAMBUCO. Recife: Corpo Redaccional do Diario do Estado/Repartição de Publicações Officiaes do Estado de Pernambuco, ano 1, n. 1, jul. 1924.

REVISTA DE PERNAMBUCO. Recife: Corpo Redaccional do Diario do Estado/Repartição de Publicações Officiaes do Estado de Pernambuco, ano 1, n. 4, out. 1924.

REVISTA DE PERNAMBUCO. Recife: Corpo Redaccional do Diario do Estado/Repartição de Publicações Officiaes do Estado de Pernambuco, ano 2, n. 9, mar. 1925.

SILVA, Aline de Figueirôa. *Jardins do Recife: uma história do paisagismo no Brasil (1872-1937)*. Recife: CEPE, 2010.

_____. *O projeto paisagístico dos jardins públicos do Recife de 1872 a 1937*. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Laboratório da Passagem do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU).

Referências

A INAUGURAÇÃO da Estação de Passageiros do Ibura até o mês de julho próximo. *Diario da Pernambuco*, Recife, 20 mar. 1957.

A REFORMA dos jardins públicos do Recife. *Diario da Pernambuco*, Recife, 20 mai. 1937.

A REFORMA dos jardins públicos do Recife. *Diário da Tarde*, Recife, 22 mar. 1935.

BARLEUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980.

BERJMAN, Sonia. *Inventario de Espacios Verdes. Bases conceptuales y ficha modelo*. Buenos Aires: Facultad de Agronomía da Universidad de Buenos Aires, 1997.

CARTA de Florença, 1981. In: CURY, Isabelle (Org.). *Cartas Patrimoniais*. 2 ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

DELPHIM, Carlos de Moura. *Manual de intervenções em Jardins Históricos*. Brasília: IPHAN, 2005.

FARIAS, Abelardo Cabral de. *Praça de Casa Forte: (re)descoberta e resgate*. Monografia do Curso de Engenharia Florestal, UFRPE, Recife, 1997.

DOURADO, Guilherme Mazza. *Modernidade verde: jardins de Burle Marx*. Dissertação de Mestrado, Escola de Engenharia de São Carlos, USP, 2000.

FLEMING, Laurence. *Roberto Burle Marx: um retrato*. Rio de Janeiro: Index, 1996.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. *Fundação Joaquim Nabuco*. Recife, PE. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 09 nov. 2011.

GARCIA, Raúl Raya. Conceptos de conservación de paisajes y jardines. In: ONOFRE, Saúl Alcântara et al. *Diseño, planificación e conservación de paisajes y jardines*. México: Limusa Noriega Editores, 2002.

GIRÃO, Priscilla Amorim. *O pensamento estético-espacial de Roberto Burle Marx: jardins pictóricos como obra de arte*. Trabalho final de graduação (Departamento de Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

LEENHARDT, Jacques (Org.). *Nos jardins de Burle Marx*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1994.

LORENZI, Harri. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil*. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 1998.

LORENZI, Harri. et al. *Palmeiras brasileiras e exóticas cultivadas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2004.

LORENZI, Harri; MELLO FILHO, Luiz Emygdio de. *As plantas tropicais de R. Burle Marx: the tropical plants of R. Burle Marx*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2001.

LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes Moreira de. *Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras*. 3. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2001.

MAFRA, Fátima. *Natureza organizada é obra de arte: Roberto Burle Marx em Recife*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

MARX, Roberto Burle. *Arte e Paisagem*. Conferências escolhidas. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. *Jardins para Recife*. In: CLUBE DE ENGENHARIA. Boletim de Engenharia, Ano XIII, 1935, vol. VII, Recife.

MESQUITA, Liana Barros. Friburgum: o Parque de Nassau no Recife. In: 6º Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo, 2002, Recife. *Anais ...* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002. CD-ROM.

MOTTA, Flávio. *Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem*. São Paulo. Ed. Nobel, 1983.

MOTTA, Lia; SILVA, Maria Beatriz R. (Org.). *Inventários de identificação: um programa da experiência brasileira*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998.

ONOFRE, Saúl Alcántara. *Propuesta de inventario y catálogo de paisajes culturales y jardines históricos em México*. Cidade do México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2004.

_____. *Plan Maestro para la recuperación monumental y ambiental de la huerta histórica del Museo Nacional del Virreinato, Tepotzotlán, Estado de México: metodología del proyecto de recuperación*. Cidade do México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2000.

ONOFRE, Saúl Alcántara; PEREZ, E.; SÁNCHEZ, Félix. *Diseño, planificación y conservación de paisajes y jardines*, Posgrado, Especialización y Maestria em Diseño, Universidad Autónoma Metropolitana, México, Limusa Noriega Editores, 2002.

O JARDIM da Casa Forte. *Diário da Manhã*, Recife, 22 mai. 1935.

OS JARDINS e a arborisação da cidade. *Diário da Tarde*, Recife, 14 mar. 1935.

PRAÇA do horto será recuperada. *Jornal do Commercio*, Recife, 06 out. 2001.

RECIFE. Prefeitura. Secretaria de Cultura. *Secretaria de Cultura*. Recife, PE. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/santaisabel>>. Acesso em: 30 mai. 2012.

RECIFE. Prefeitura. Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana; Setor de Restauração e Recuperação de Monumentos. *Lista do mobiliário histórico das praças do Recife*. Recife: PCR, 2006.

RRECIFE. Prefeitura. Secretaria de Planejamento. *Relatório da recuperação e intervenção paisagística na Praça da República*. Recife: PCR, 1999.

RECIFE. Prefeitura. *Preservação dos Sítios Históricos*. Recife, PCR: 1981.

REALIZAÇÕES da Prefeitura Municipal do Recife no Exercício de 1957: Informação do Departamento de Documentação e Cultura, enviada pelo seu Diretor e Dr. José Césio Regueira Costa. *Boletim Técnico da Secretaria de Viação e Obras Públicas*. Vol. XLVIII, ano XIX. Recife: Administração do Pôrto do Recife, p. 16-17, out a dez, 1957.

REVISTA DE PERNAMBUCO. Recife: Corpo Redaccional do Diario do Estado/Repartição de Publicações Officiaes do Estado de Pernambuco, ano 1, n. 1, jul. 1924.

REVISTA DE PERNAMBUCO. Recife: Corpo Redaccional do Diario do Estado/Repartição de Publicações Officiaes do Estado de Pernambuco, ano 1, n. 4, out. 1924.

REVISTA DE PERNAMBUCO. Recife: Corpo Redaccional do Diario do Estado/Repartição de Publicações Officiaes do Estado de Pernambuco, ano 2, n. 9, mar. 1925.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana. *Restaurando o Recife de Burle Marx: a Praça Faria Neves, a Praça do Derby e a Praça Euclides da Cunha*. Recife: UFPE/Prefeitura da Cidade do Recife, 2003.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana. *Espaços Livres do Recife*. Recife: Prefeitura do Recife/UFPE, 2000.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; SILVA, Aline de Figueirôa; MAFRA, Fátima. *Restaurando o jardim moderno de Burle Marx: a Praça Faria Neves no Recife*. In: 7º Seminário Docomomo Brasil: O moderno já passado, o passado no moderno, 2007, Porto Alegre, 2007. *Anais* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. CD-ROM.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MEDEIROS, Helen M. Palmeira; COSTA, Eveline Carvalho da. O Inventário dos Jardins de Burle Marx no Recife. In: IX Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo, 2006, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. CD-ROM.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; SILVA, Aline de Figueirôa; GIRÃO, Priscilla Amorim. O jardim moderno de Burle Marx: um patrimônio na paisagem do Recife. In: 5º Seminário Docomomo Brasil: Arquitetura e Urbanismo Moderno - Projeto e Pre-servação, 2003, São Carlos. *Anais...* São Carlos: Universidade de São Paulo, 2003. CD-ROM.

SILVA, Aline de Figueirôa. *Jardins do Recife: uma história do paisagismo no Brasil (1872-1937)*. Recife: CEPE, 2010.

_____. *O projeto paisagístico dos jardins públicos do Recife de 1872 a 1937*. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

_____. *De volta aos princípios: o traçado dos jardins de Burle Marx*. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do Ferro no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1987.

SITTE, Camilo. *A construção da cidade segundo seus princípios artísticos*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1992.

UNESCO. *Operational Guidelines for the Implementation of the World Convention*. Paris: UNESCO, 1992.

Título Inventário dos Jardins de Burle Marx no Recife
Organizadores Ana Rita Sá Carneiro
Joelmir Marques da Silva
Projeto Gráfico Soraya Holder
Capa Lúcia Veras
Revisão de Texto Igor Bandim

formato digital
fontes Georgia, Cambria

Editoração eletrônica EdUFPE
Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20, Várzea
Recife, PE | CEP: 50.740-530
Fone: (0xx81) 2126.8397 | Fax: (0xx81) 2126.8395
www.ufpe.br/edufpe | livraria@edufpe.com.br

O Inventário dos Jardins de Burle Marx no Recife realizou-se no período de 2004 a 2013 sob a coordenação do Laboratório da Paisagem da UFPE. O objetivo deste inventário foi identificar os atributos históricos, artísticos, botânicos e paisagísticos de seis jardins públicos – praças – a fim de instruir o processo de tombamento a cargo do IPHAN para o seu reconhecimento como patrimônio cultural nacional no ano de 2015. A realização do inventário abre uma nova fase no paisagismo na cidade do Recife porque passa a tratar a praça como jardim histórico e monumento vivo, objeto de investigação profunda no âmbito da conservação urbana.

Ana Rita Sá Carneiro

Coordenadora do Laboratório da Paisagem
Universidade Federal de Pernambuco